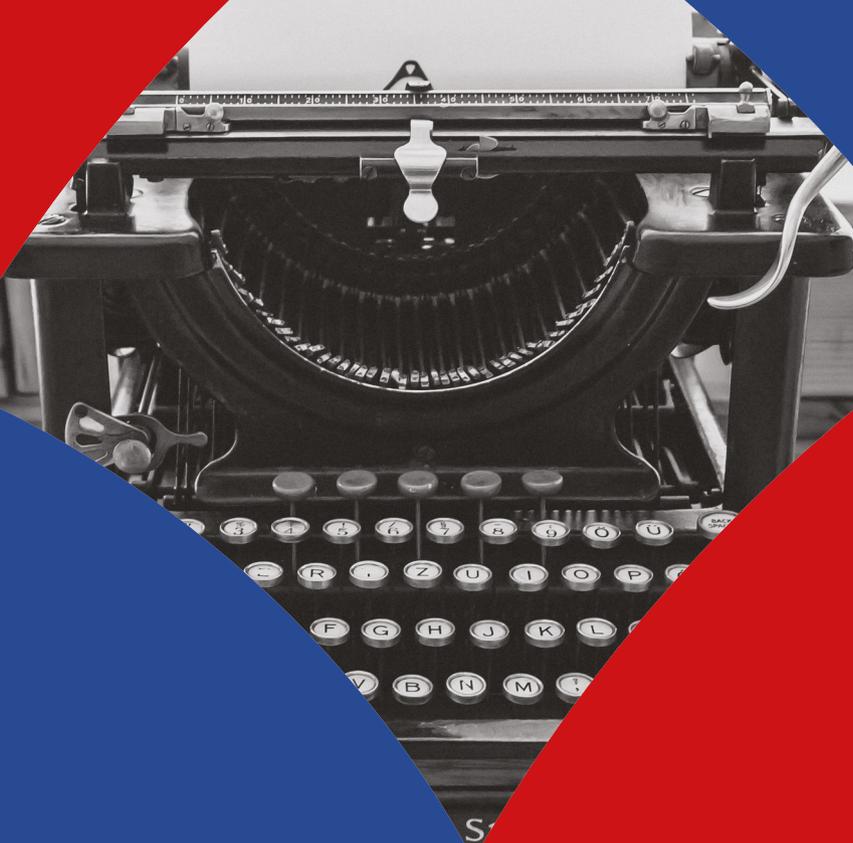


REVISTA DA
ACADEMIA
BRASILIENSE DE
LETRAS - ABrL

ANO 1 - FASE 2 - Nº 2 - 2020



REVISTA DA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS

ANO I, FASE 2, N° 2 – 2020



PRESIDENTE

Fabio de Sousa Coutinho

VICE-PRESIDENTE

Rossini Corrêa

SECRETÁRIO GERAL

Edmílson Caminha

1° SECRETÁRIO

Ronaldo Costa Fernandes

2° SECRETÁRIO

Danilo Gomes

TESOUREIRO

Afonso Ligório

COMISSÃO DE CONTAS

Anderson Braga Horta, Napoleão Valadares e José Jeronymo Rivera

Todos os direitos reservados de acordo com a lei.
Composto e impresso no Brasil. Printed in Brazil.

BR ARTES - DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL

Diagramação de: Livros . Jornais . Revistas . Tablóides e Informativos
Criação e Arte Final de: Folders . Panfletos . Cartazes . Convites . Cartões
Artes para Mídias Sociais e impressos em geral

(61) 99109-1671 (claro) / (61) 98231-8617 (whatsapp) / tcbrasilbruno@gmail.com

S U M Á R I O

APRESENTAÇÃO	7
---------------------------	---

POESIA

ALBERTO BRESCIANI

MENSAGEM.....	10
DESOLAÇÃO.....	10

ANDERSON BRAGA HORTA

NOITE DE CHUVA.....	11
VISÃO DO SÉCULO SEM ALMA.....	11

DANILO GOMES

V I N C E N T.....	12
--------------------	----

JOANYR DE OLIVEIRA

VISITAÇÃO.....	13
EPITÁFIO.....	13

JOEL DE HOLLANDA

CONVERSA DE SILÊNCIO.....	14
---------------------------	----

MARGARIDA PATRIOTA

PLENILÚNIO.....	15
TRESNOITE.....	15

NOÉLIA RIBEIRO

QUARENTENA.....	16
TODOS NA TUMBA.....	16

RONALDO COSTA FERNANDES

A IMAGINAÇÃO DOS BASTARDOS.....	17
CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO.....	17
A TORRE E O ABISMO.....	17

CONTOS E CRÔNICAS

DANILO GOMES

O CHARME ANTIGO DO TREM DE FERRO 20

EDMÍLSON CAMINHA

REPÚBLICA DE HISTÓRIAS E DE SONHOS..... 24

GILMAR DUARTE ROCHA

LETRAS EPIDÊMICAS..... 28

NAPOLEÃO VALADARES

LEILÃO SIMULADO 31

RONALDO COSTA FERNANDES

UMA CÂMERA NA CABEÇA 33

ARTIGOS E RESENHAS

SÔNIA HELENA

A VOZ DA POESIA 38

ROBERTO ROSAS

PERSEGUIDOS: CONY E CALLADO..... 41

HOMENAGEM

RUMEN STOYANOV

ENTRE O BRASIL E A BULGÁRIA 46

ORAÇÕES ACADÊMICAS

DISCURSO DE POSSE

LUCÍLIA GARCEZ 54

DISCURSO DE RECEPÇÃO

MARGARIDA PATRIOTA 61

DISCURSO DE POSSE

MAX TELESCA 66

DISCURSO DE RECEPÇÃO	
ROSSINI CORRÊA	73
DISCURSO DE POSSE	
VALDIR XIMENES	82
DISCURSO DE RECEPÇÃO	
ANDERSON BRAGA HORTA	90
QUADRO ACADÊMICO (CADEIRAS E PATRONOS).....	96

APRESENTAÇÃO

Com a publicação desta segunda edição eletrônica da Revista da Academia Brasiliense de Letras, dá-se continuidade ao compromisso assumido por ocasião da eleição da atual diretoria da ABrL, no fim de 2018. Além disso, está sacramentado o resgate de uma boa tradição de nossa casa, qual seja a participação na cena cultural brasileira por meio de um veículo editorial de conteúdo relevante e sério. Recordo que, em sua fase inicial, a Revista, criada na gestão do Presidente Domingos Carvalho da Silva, circulou por vinte e cinco anos (de 1982 a 2007) e teve dezenove edições.

Neste nº 2 de sua nova fase, a Revista da Academia Brasiliense de Letras contou com a prestigiosa colaboração de vários integrantes do atual quadro acadêmico, além da de outros importantes escritores escolhidos e/ou convidados pela direção da ABrL. Entre os últimos, destaco a dupla presença da escritora e arquite-

ta goiana Sônia Helena, autora de um dos textos constantes da seção Artigos e Resenhas e, também, da arte da bela capa desta edição.

Assinalo, também, o apoio recebido da Associação Nacional de Escritores-ANE, na pessoa da funcionária Rosângela Trindade, que se mostrou de alta valia para a concretização deste empreendimento, em tempos de dificuldades decorrentes da pandemia de coronavírus e do conseqüente confinamento a que, infelizmente, fomos submetidos.

Boa leitura a todos, com os cumprimentos mais cordiais do

Fabio de Sousa Coutinho

Presidente da ABrL

Brasília, DF,
setembro de 2020



POESIA

ALBERTO BRESCIANI*

MENSAGEM

Faria um poema
de amor.

Mas penso em aviões
que decolam,
trens partindo,
em filmes antigos,
gavetas vazias,
a marca do quadro
na parede,
o livro embrulhado
para presente
e coberto de pó.

Este é meu poema
de amor.

DESOLAÇÃO

I
Tiraram-nos o sol,
as mãos, a pele.
Estão secos os campos
de trigo.

Nesta baía,
a água não vive.
Repete a última
e desoladora palavra.

II
Somos o povo
sem destino e herança
: surdos, cegos, vergados.

III
À porta do templo,
os dentes dos lobos
nos raspam os ossos.

*Titular da Cadeira nº IV da ABrL

ANDERSON BRAGA HORTA*

NOITE DE CHUVA

Cai a chuva em torrentes. Que frieza!
Enregela-se a rua. Vão, dormentes,
passando as sombras sobre a natureza.
E a água tomba, em ciclópicas torrentes.

Que de mistérios sob a noite! Acesa
em mil fogos azuis, fosforescentes,
a alma, de sonhos e delírios presa,
arde nos ermos plácidos, albentes,

do pensamento. Anseios e lembranças
de ventura, impossíveis esperanças,
sombras, espectros, ramos de cipreste

caem também sobre minha alma agora,
qual tomba a chuva em cântaros lá fora,
como legiões fantásticas da Peste!

VISÃO DO SÉCULO SEM ALMA

Num crepúsculo histórico e disperso,
vi, ao som de harmonias funerárias,
os homens como brutas alimárias
e o mundo em práticas de sangue imerso.

Crescente nódoa no horizonte terso,
vi bilhões de agoureiras procelárias,
e o esmorecer das luzes solitárias
que brilhavam inúteis no universo.

E, tementes do século vindouro,
Vítimas neurastênicas do tédio,
os homens impassíveis vi, depois,

irem seguindo para o matadouro
com a trágica abulia sem remédio
e o olhar melancólico dos bois!

*Titular da Cadeira nº XXXIV da ABrL

DANILO GOMES *

V I N C E N T

Nos campos dourados de Arles
ou na alameda recoberta de hera
do sanatório de Saint-Rémy,
Vincent van Gogh,
angustiado, mas ainda lúcido,
pinta íris e girassóis,
sem um vintém, sem um níquel no bolso.

Só venderá um quadro
em toda sua vida.
Comprou-o Theo,
por amor fraterno e piedade.

Cem anos mais tarde,
Girassóis será leiloado
por quarenta milhões de dólares
pela Sotheby's, de Londres,
e Íris por cinquenta e três
milhões de dólares,
pela Christie's, de Nova York.

Pobre, neurótico e suicida.
Mas ninguém jamais pintará
um amarelo catártico como aquele
em qualquer lugar do mundo.
Só ele, Vincent, sem um vintém no bolso,
nos campos dourados de Arles.

*Titular da Cadeira nº VI da ABrL

JOANYR DE OLIVEIRA

VISITAÇÃO

Dois anjinhos pálidos me visitam.
Pousam olhares em meus ombros
e em meus translúcidos alforjes.
Afagam, temerosos e perplexos,
todos os frutos de minhas mãos.
Condoídos e zonzos se interrogam
sobre a real natureza de meu ser
nesse vago turbilhão de mundos.

EPITÁFIO

Os casulos do silêncio
recolhem meu rosto,
meu canto e meu nome.

Entre arcanjos e estrelas,
minha essência navega
o esplendor dos milênios.

Doce é o sabor do infinito.

JOEL DE HOLLANDA

CONVERSA DE SILÊNCIO (*)

Amigo

Hoje é teu aniversário,
completas 80 anos, mas não sabes.

Logo você que não esquecia
o aniversário de ninguém.

Você, que das pessoas
guardava o nome completo
e das coisas acontecidas
o ano, o mês, o dia.

Você, incansável cultor
de minúcias e sutilezas,
em tudo que fazia.

– ó Deus, por que permitistes
cair pesada cortina de noite
sobre a mente resplendente
do homem bom, simples
e franciscanamente humilde?

Oitenta e cinco vezes
presidiu a República e o mar da vaidade
não molhou sequer
a sola do seu sapato.

– Deus, por que não estendestes
por mais tempo o brilho
da pérola pura e limpa,
apesar de colhida no tenebroso
e contaminado mar da política?

* Nos 80 anos do acadêmico Marco Maciel

MARGARIDA PATRIOTA *

PLENILÚNIO

Chama-me a voz
Oriunda de peito não meu

Chama-me o olhar
Intento em me arpoar

Abeira-se da janela
Aberta ao lusco-fusco

Chama-me: “Venha
Venha cá ver”

Não diz que um astro
Vai me pôr de quatro

Seria estragar
Suspense e prazer

Ao céu soergue
Um dedo mudo

Equilibra na ponta
A lua cheia

TRESNOITE

Noite miúda
Do tamanho do halo que a lanterna cava
No escuro infindo

Trombetas-de-anjos, prímulas
Damas-da-noite expostas

Noite extensão
Do lumiar que afasta
Perigos e incógnitas do negrume

Pequena, próxima, fortunosa noite
Longe da borrasca alhures

Damas-da-noite em galas
Prímulas cheias de perfume

Noite que adoça uma luz nossa
Foco em flores que só se lassam e dormem
Quando o sol nasce

*Titular da Cadeira nº XXXVII da ABrL

NOÉLIA RIBEIRO

QUARENTENA

Encontro-me diante de mim.
Há muito não me visitava.
Carecia mesmo de polimento
a mobília coberta de teias.
O predador enfastiado
em região remota do cérebro
interroga-me. Do quarto
para a sala, da sala para o quarto,
delineio passado e presente,
até que a porta de casa se abra
ao festejo dos mascarados.

Neste dia, não pisarei
a grama como antes.
Superar a si mesmo
oferece perigo semelhante.

TODOS NA TUMBA

A Charles Bukowski

Charles, ninguém se importa com você.
Seu poema não importa.
Nem a lama nos sapatos do jovem
que acaba de fugir de casa e
tem nas mãos um pássaro
com a perna quebrada.
Observo da janela da sala:
ninguém se importa com eles.
Você não sabia?
A cerveja que busco na geladeira, derramo-a
em dois copos e, solitária, brindo ao amor.
Que importa se os transeuntes
deixaram os olhos em casa?

RONALDO COSTA FERNANDES*

A IMAGINAÇÃO DOS BASTARDOS

Como serão os anjos na velhice?
 Aqui onde a queda é ascensão
 não duvido da existência
 do hálito de Deus.
 Somos as raízes mortas
 cheirando a ferro,
 respirando o incenso do
 monóxido de carbono.
 As putas recolhem entre as pernas
 a espécie sutil de réptil
 seco da Johntex:
 o pânico feito de elástico, músculo e noite.

CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Essa vegetação dos cabelos
 são tranças do ovário.
 E o coque de aspereza,
 a trama de parecer uma sendo várias.
 Ceifar o milharal dos canos,
 os ipês sopram ventos roxos,
 semear a monocultura dos esgotos urbanos.
 Os receios esterilizam a terra
 e as estações de metrô
 trazem sempre o inverno do cimento.
 Só os loucos têm razão,
 choramingos febre sezão ai ai Deus.
 Talvez as chuvas de verão
 me tragam abrigo
 e agosto, época de seca,
 me chova torpezas.

A TORRE E O ABISMO

Aqui estaremos seguros da vida.
 Nada nos atingirá – nem falésia
 nem miséria nem a ambição dos homens.

Mais tarde subiremos à torre
 e de lá olharemos os homens
 e diremos que não fugimos
 ao pasmo do abismo,
 apenas preferimos o risco do silêncio.

*Titular da Cadeira nº XVIII da ABrL



CONTOS E CRÔNICAS

DANILO GOMES*

O CHARME ANTIGO DO TREM DE FERRO

“A estrada de ferro passava do outro lado do rio. Do engenho nós ouvíamos o trem apitar, e fazia-se de sua passagem uma espécie de relógio de todas as atividades: antes do trem das dez e depois do trem das duas.”

(José Lins do Rego, “Menino de engenho”.)

“O trem era para mim uma novidade. Eu ficava na janela do vagão a olhar os matos correndo, os postes do telégrafo, e os fios baixando e subindo. Quando chegava numa estação, ainda mais se aguçava a minha curiosidade.”

(idem, *ibidem*)

No meio do tiroteio da guerrilha da política e do tradicional sectarismo ideológico, com grossa fuzilaria pra todo lado, as ditas grandes revistas semanais costumam trazer matérias interessantes. Por exemplo, na edição de 15-7-2020 a “Veja” enfoca o mais moderno trem-bala do Japão, o “dernier cri” em veículos ferroviários.

Que trem é esse, sô?, como diria o mineiro, curioso. É trem de muita sustança, mineiro. Trata-se do N 700 S (parece nome de planeta recém-descoberto pela Nasa), tido como “o mais seguro e mais veloz” do mundo. Essas máquinas de alta tecnologia dispensam

até a obsoleta figura do maquinista. Pra quê maquinista? A possante engenhoca de grande porte parece um robô-gigante, é branca, brancona, e feia, isto é, sem graça, sem apelo estético. Parece uma imensa lagarta branca – com todo o respeito. Mas é coisa de alta tecnologia, eficiente, operacional. Anda a 360 km/h! Um espanto para um cronista velhote dos tempos do bonde e do ônibus-jardineira. Homessa: 360 km/h! Mais rápido que o trem-bala da China de Xi-Jinping. Pois esse tal N 700 S (o S é de supremo, segundo a Central Japan Railway), de linhas aerodinâmicas, resiste até a terremotos. Conta com o mais sofisticado e eficaz sistema de controle automático e frenagem e é movido a bateria de lítio.

Tudo bem, muito que bem. Parabéns aos japoneses e vida longa ao Imperador Naruhito!

Mas meu encantamento é pelo velho trem de ferro das estradas brasileiras, a maria-fumaça que apitava com alarde e soltava fumaça, bebendo água e fazendo baldeação ali e acolá. Tinha lá o seu charme. Essa locomotiva antiga era de fabricação inglesa e foi trazida ao Brasil, nos seus primórdios, pelo culto Imperador D. Pedro II, amante das novidades, como a fotografia e o telefone de Graham Bell, com quem ele conversou nos Estados Unidos, se não me engano em 1876.

No meu tempo de menino viajei várias vezes nos trens da EFCB (Estrada de Ferro Central do Brasil), indo de Mariana para BH

(com baldeação em Burnier) ou para as fazendas de amigos de meus pais. O trem deixava a plataforma às cinco horas da manhã, às vezes sob a neblina do inverno. Além do apito estridente a máquina ostentava um pequeno sino dourado que badalava alegremente. O guarda-pó branco (defesa contra as fagulhas de carvão quente) era de uso geral. Quando íamos de férias para as fazendas, o percurso era completado por cavalos de manso trote, o que era para nós um ingrediente a mais na aventura. Há poesia nesses vetustos trens, a locomotiva puxando os vagões de passageiros (um deles vagão-restaurant) e os furgões de carga.

O saudoso poeta Luiz Carlos de Oliveira Cerqueira era encantado por trens de ferro. Na infância, morou perto de uma estação, lá no Estado do Rio de Janeiro. Eu conversava muito com ele sobre esse tema que nos seduzia. O Cerqueira dedicou poemas ao trem, como o “Quintilhas nº 10, op. 318”, de que destaco este trecho:

“ Ah, já ouço o apito do meu trem de ferro.

De calças curtas eu brincava na estação, tinha de quatro a cinco anos, se não erro.

Feliz lembrança a que tanto me aferro.

Pena que o trem partiu e retornou mais não.”

No seu derradeiro livro, intitulado “Nas sombras do meu solar”

(lírico título), o Cerqueira estampou poemas inspirados pelo nosso querido veículo,

tais como “Trem de ferro”, “Poema nº 221, op. 247,

nº 1” e “Quadras nº 34, op. 259 (maria-fumaça)”.

Outro poeta, o mineiro/carioca Paulo Mendes Campos, na sua crônica (na verdade, um prosoema) “Trem de ferro”, deixa a nostalgia correr solta como o vento nas várzeas onde avançava a traquitana mágica. Quando menino, ele morou na cidade mineira de D. Silvério, onde seu pai, Dr. Mário, trabalhou como médico. Convivi com o Dr. Mário Mendes Campos, médico e escritor, em Belo Horizonte, na Livraria Itatiaia, que ele frequentava assiduamente. Está aí o escritor Pedro Rogério Moreira, que não me deixa mentir. Filho do escritor Vivaldi Moreira (Presidente Perpétuo da Academia Mineira de Letras) e sobrinho do poeta e livreiro Édison Moreira, Pedro Rogério também se tornou amigo do Dr. Mário, ensaísta ilustre, especialista em Literatura Hispano-Americana e membro da Academia Mineira de Letras.

Eis alguns trechos da crônica de Paulo Mendes Campos:

“ A infância era ferroviária. Meninos de meu tempo iam ser maquinistas. Pé descalço no calor do trilho. (...) Entro no túnel com o sobressalto musical de quem começa um improviso. A penumbra, menos inteligível, mais alusiva que a luz. Divaga nessas entranhas um divertimento perverso de túmulo. Mas a boca de saída berra pelo sol (...) Olhava carregador, operário, menino do pastel. Pasmado, erguia a cara para o chefe do trem. O sino repicava à entrada do monstro. Passava um

tempão espiando o desvio automático. Me falava de outro mundo o pica-pau do telégrafo. Trocaria minhas moedas pela lanterna que o gigante de impermeável esburacado carregava na tarde de aguaceiro. (...) Sentir na pele a locomotiva. Sujar-me de graxa e carvão. Fui foguista. Guarita. Engate. Luz na curva. Sem saber até hoje decompor esse sortilégio. Quase consumido, subo os vagões sem dizer nada, encantado ainda.”

Encantados também ficamos todos os que, na infância e na adolescência, tivemos a ventura (e a aventura) de viajar em trem de ferro. É uma encantação, como bem diria a poeta Lina Tâmega Peixoto.

Ficou famoso o poema de Ascenso Ferreira, intitulado “Trem de Alagoas”, que, segundo o mestre cronista Edmilson Caminha (que consultei), está no livro “Poemas de Ascenso Ferreira”, publicado em Recife pela Nordestal Editora, 1981. No ritmo da locomotiva, Ascenso Ferreira faz o balanço ferroviário, se me não falha a memória:

“Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
com vontade de chegar.”

O trem também sacoleja e apita nas páginas de Eça de Queiroz. Está lá, na obra-prima que é “A cidade e as serras”:

“ O trem arquejava, rompendo o vasto vento da planura desolada. E a cada apito era um alvoroço. Medina?... Não!” (...) A sineta badalava, moribunda. De novo fendíamos a noite e a borrasca.”

Esse trem levava Jacinto de Paris à bucólica Tormes, em Portugal, atravessando a Espanha, em companhia do fraternal amigo Zé Fernandes de Noronha e Sandes, da vila de Guiães.

Não é discreto o charme do trem; pelo contrário, ele é barulhento e às vezes espalhafatoso, mas sua aparência tem um quê de romântico, de idílico **fin-de-siècle** XIX. É o caso dos trens que partiam de São Petersburgo, no inverno, com personagens de Leon Tolstoi; do elegante Expresso do Oriente do romance policial de Agatha Christie; do trem que participou da volta ao mundo em 80 dias, no clássico romance de Jules Verne, de que destaco este lance: “Algum tempo depois, Phileas Foog, **sir** Francis Cromarty e Passepartout estavam instalados em um confortável vagão de trem, no qual a Sra. Aouda ocupava o lugar de honra, a caminho de Benares.”

Sim, um charme barulhento, mas, de qualquer forma, um charme, uma novidade fumacenta, às vezes correndo rente a tropas e boiadas, como víamos nos filmes de **far-west**.

Mas voltemos no tempo, aqui no Brasil, deixando em paz Tolstoi, Jules Verne, Agatha Christie e Eça de Queiroz, com seu Jacinto de Tormes a gozar dos prazeres rurais da pachorrenta província lusitana.

Em Mariana, nos fins da década de 1940 e inícios de 1950, entro no trem que nos levará à fazenda São João, de Sr. Nico Mol, ou à fazenda São José, de D. Zinha Mol Rôla, ou ainda à fazenda de Sr. Bilu de Castro, no Cras-

to (assim mesmo, Crasto). São cinco horas da manhã na estação inaugurada em 1914. A máquina bufa e apita; seu pequeno sino dourado toca, tilinta. A composição vai partir. Será uma simples viagem, mas iluminada por magia e encantamento, até de aventura.

Na fazenda, seja ela qual for, vou andar de carro de boi, beber garapa de cana (ao natural, pois ainda não havia geladeira), correr no curral e no paiol, ir ao moinho, comer queijo, pão de ló e broa, andar pelo monjolo e pelo engenho de rapaduras e doçaria, com destaque para a inefável goiabada-cascão. E vou zanzar pela vasta cozinha com seus olores de boa comida, com pitéus como lombo de porco ou frango ao molho pardo, com angu (faço questão do angu, que, aliás, ali não falta).

E, à boca da noite, depois do jantar, vou, menino de calça curta, escutar conversas de assombrações, almas penadas, assustadores ruídos de correntes na antiga senzala, sentado ao redor da fogueira tribal. Na fazenda de Sr. Nico Mol, João Cassiano, um velho empregado, afrodescendente, é o maior contador dessas histórias, com seus olhos arregalados

e sua voz cava de cemitérios, de catacumbas sombrias... É um mestre em meter medo noturno nos ouvintes, enquanto a fogueira estala, perto do curral. Um de seus casos é o das três gameleiras, grandes árvores mal-assombradas, que todos evitavam topar depois do cair da noite, cruz-credo, esconjuro, muita gente já viu estranhas coisas noturnas naquela curva da estrada para Barra Longa...

Vou dormir com um medo danado, enquanto, em certas noites, a chuva bate nas vidraças das grandes janelas coloniais, naqueles ermos de fraca luz elétrica e muitos lampiões de querosene.

Uma encantação, Lina, uma encantação...

EDMÍLSON CAMINHA *

REPÚBLICA DE HISTÓRIAS E DE SONHOS

Se não se publicasse nenhum outro grande romance no Brasil dos anos 1980, salvaria a década, sozinho, *A República dos Sonhos* (Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1984). Culminância de qualquer carreira literária, Nélide Piñon escreveu-o aos 47 anos, já respeitada como a romancista do *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* (1961) e *d'A casa da paixão* (1977), além dos contos da *Sala de armas* (1973) e *d'O calor das coisas* (1980), entre outros títulos. São 761 páginas com a admirável história dos homens e mulheres que deixaram a Galiza (Galícia, como prefere a autora) e outras regiões de Espanha para fertilizar com suor e sofrimento a terra brasileira. Saga que recebeu, significativamente, distinções valiosas nos dois lados do Atlântico: os prêmios do Pen Clube do Brasil, da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e, concedido por uma instituição espanhola, o Príncipe das Astúrias.

Não por acaso, a escritora faz nascer o galego Madruga em 1900, às portas do que viria a ser, mais que uma virada de século, o advento de um outro mundo, marcado pelas grandes guerras e por novas relações políticas, econômicas e diplomáticas entre países. Na aldeia de Sobreira, onde “não se tem por onde crescer, a não ser para dentro de si mesmo”, é filho único de Urcesina e Ceferino; neto de Xan, patriarca orgulhoso da bela (e, para nós, às vezes estranha) língua em que “jornal” é

“xornal”, e “zero” pronuncia-se “cero”. Com apenas 13 anos, deixa a família e embarca em Pontevedra para viver a aventura de conquistar o Brasil, terra, dirá depois, “que nos acolhe primeiro como inimigos, e que só perdoa a afronta da nossa visita na hora do enterro”. A bordo, conhece Venâncio, 13 anos também (andaluz de origem cigana, talvez), de quem se faz amigo para sempre, na luta que começa quando chegam ao Rio de Janeiro. São tantos os galegos entre nós que a palavra deixa de referir-se apenas aos emigrados daquela região a noroeste da Espanha, para designar, genericamente, qualquer estrangeiro, sem distinção de nacionalidade.

Em 1910, o governo espanhol já cortara a ajuda financeira a trabalhadores dispostos, como diziam, a “fazer a América”; mesmo assim, cerca de 180 mil viriam para o Brasil na década seguinte, número inferior apenas ao de portugueses. Nos cem anos contados até ali, o total chega a 500 mil, empregados sobretudo em negócios de cereais e de ferro-velho, quase como escravos, a cumprir jornadas de até 14 horas por dia, seis dias por semana. Sob rigorosa vigilância do governo: em 1907, aprovara-se no parlamento a “Lei Adolfo Gordo”, que expulsava do território nacional todo cidadão de outro país que atentasse contra a ordem pública. Era a inclemência com que se punia o “agitador estrangeiro”, assim chamados pela grande imprensa os imigrantes que davam força ao movimento operário brasileiro, sobretudo no âmbito do anarco-sindicalismo.

Condições adversas, pois, aos forasteiros Madruga e Venâncio, personagens plenos de simbolismo. O primeiro, disposto a tudo para triunfar socialmente, ganhar dinheiro e prestígio, como se egresso de um romance de Machado de Assis; audacioso, determinado, aos 19 anos já é sócio do hoteleiro espanhol que lhe dera o primeiro emprego; da modesta residência na Tijuca, salta para a boa casa que manda construir no então nascente Leblon, um dos endereços da nova burguesia carioca:

Ganhar a vida, em país estrangeiro, equivalia no início a dolorosas amputações. A perda da alma e da língua ao mesmo tempo. Tinha sobretudo o significado primário de tropeçar nas palavras mais banais, perder entre os dedos o que elas poderiam dizer, quando bem usadas. Com a agravante de sua condição de imigrante sujeitá-lo à desconfiança geral (...) Assim, precisou sempre lutar em dobro para ganhar alforria, conquistar a confiança dos senhores legítimos da terra, simular familiaridade com a língua portuguesa (...) Precisava enfim tonificar idealmente o cérebro e os músculos no mesmo passo.

Venâncio, “possivelmente o único homem chegado ao Brasil que contrariou as regras prescritas de acumular bens e ressentimentos”. Desprovido de ambições materiais, logo se decepciona com o presente do país que o encantara; volta-se então para o passado, tempo da colônia e do império, fuga precursora da desorganização mental que o leva a tratamento; suburbano de Quintino, pare-

ce criatura de Lima Barreto, pela mágoa com que se reconhece perdedor:

Via-se integrante de uma classe acotovelada nos trens da Central e da Leopoldina, por cujas janelas saltavam os aflitos e desesperados. Em casa, ele e os vizinhos entretinham-se com a sombra das mangueiras e o som da televisão alta aos domingos. Em seus ouvidos ressoava o gol da vitória. Era assim que se manifestava a vida sem consolo. A expectativa do prato melhor aos domingos. (...) Às vezes, vinha-lhe o cheiro do lixo dos terrenos baldios. A ninguém ocorria limpá-los, afugentar os animais roedores. O vento trazia, além do cheiro, o ruído das palavras mentirosas, o caos, mas que alimentavam a esperança de uma comunidade apertada, sem futuro.

Para Madruga, o sonho a que se refere o título do romance é projeto de vida, jogo a vencer, pódio a subir; para Venâncio, tudo não passa de fantasia, de desalento, de frustração, “a vida inteira que podia ter sido e que não foi”, como no poema de Manuel Bandeira, de quem passa a ser vizinho quando se muda para a avenida Beira-mar. Verso e anverso, portanto, da moeda que carregavam no bolso quando aqui puseram os pés.

Passam-se dez anos e Madruga, de volta à Sobreira natal, casa-se com Eulália, filha de Dom Miguel, que a faz detentora da mesma herança que o avô Xan passara ao agora marido: não deixar morrer as histórias da Galiza, patrimônio secular que vencia o tempo, con-

tos que os velhos narravam com orgulho e altivez – não por palavras frias postas no papel, mas pelas que da boca saem quentes como o pão do forno. Assim também os guardiães de culturas outras com que os galegos, aparentemente, não tiveram contato, como os griôs, verdadeiras bibliotecas falantes no ocidente da África, a quem se deve a tradição oral dos mitos, das crenças, do folclore, das canções de que se faz uma cultura. Mais tarde, Madruga diria à neta:

— Esta graça que temos de narrar se deve ao fato de sermos celtas, Breta. É a nossa maior herança. Mas, também, o que sobra de um povo sem o seu imaginário? Deve ser por isso que o primeiro ato das ditaduras é proibir a imaginação. Nada asfixia mais que nos vermos privados de inventar.

Ponto de convergência da família, a casa no Leblon é o cenário em que afloram as emoções, os rancores, as disputas de afeto e de poder entre Madruga–Eulália e os filhos Esperança (mãe de Breta), Miguel (com a mulher Sílvia), Bento, Antônia (casada com Luís Filho) e Tobias (marido de Amália). Verdadeira sombra de Eulália, Odete é servidora, companheira, confidente, capaz de morrer pela senhora como os ascendentes africanos, a quem devia a cor da pele e a singeleza da alma. Venâncio, comensal aos domingos, é a presença de que carece Madruga para evocar a Espanha e compreender o Brasil. A sugestão de desejo por Eulália, sentimento que talvez o torture sob o peso de valores morais e religiosos, é rio subterrâneo magistralmente

levado pela autora a percorrer a história, à semelhança de Machado em *Dom Casmurro*:

Ambos sempre se esconderam nos recantos escuros, para que não lhes vissem os olhos a lampejar de repente. Um e outro observando-se com cautela. Tão pouco um sabia do outro. E quase ninguém conhecia Madruga. O certo é que os três abriam suas trilhas em meio à bruma, na expectativa de surpreenderem em qualquer um deles um sentimento poderoso.

Nos momentos derradeiros da mulher do amigo, vai ao quarto em nome do que entre os dois ficaria por viver:

Venâncio ia afastar-se da cama quando Eulália, com voz sumida, pediu que ficasse, um minuto ainda. Quem sabe não se viam pela última vez. Ele retornou à cadeira, quase desfalecia. Pressentiu, de forma concreta, que a estava perdendo para sempre. Sem lhe haver dito as palavras essenciais. Em todos aqueles anos optara pelo silêncio, como meio de comunicar-se com Eulália. E ela, fina e translúcida, acatara-lhe a decisão, julgando-a a mais sábia.

Cinco gerações se passam. Breta, *alter ego* da autora, assume a herança atávica do trisavô Xan, e aprende histórias da Galiza por ele narradas havia décadas em Sobreira. Como a de Salvador (belo conto, que se manteria inteiro fora do romance), cigano andaluz que tanto bebe quanto cavalga pelo mundo no seu

cavalo Pégaso, até o dia em que apeia no Brasil: “Neste país, ficou algum tempo, imerso no mais rigoroso espanto. E porque o que via superava a sua imaginação, julgou prudente desta vez não beber uma só gota de álcool. Ali, a realidade já embebedava, ele percebeu. Assim, permaneceu sóbrio o tempo todo, embora com a sensação de estar bebendo o dia inteiro.”

Menina, Breta já se fazia depositária do que Madruga retivera para o herdeiro que não deixasse morrer a tradição dos ascendentes:

Ele pretendia impor-me o culto da invenção, há muito presente em sua família. Antes mesmo de Xan. Tratando-se de um costume galego, mediante o qual este povo ludibriava o calendário, de forma a impedir que a realidade se esvanecesse. Por este recurso aprisionava-se na algibeira, ao lado do relógio de bolso, uma segunda-feira qualquer, repleta de aventuras. Ainda que houvesse sempre o risco de esquecer algumas dessas

histórias. Mas esquecer fazia parte do patrimônio universal.

Mulher feita, confessa-lhe o avô o desalento por não ter podido, com Eulália e Venâncio, contar mais do que um episódio da grande aventura que viveram: “Agora, só nos resta você. A você caberá escrever o livro inteiro, a que preço seja. Ainda que deva mergulhar a mão no fundo do coração, para arrancar a vida dali.”

Foi o que fez a romancista que se reconhece em Breta, ao compor, com talento e maestria, a saga dos imigrantes galegos na construção da república de sonhos que ainda esperamos ver realizados. Por mais criativos que fossem, não imaginavam, os contadores de histórias como o velho Xan, que deles nasceria uma escritora com a grandeza de Nélida Piñon, cuja obra enobrece a história da Galiza e honra a literatura brasileira.

GILMAR DUARTE ROCHA *

LETRAS EPIDÊMICAS

Faz dois dias que um amigo meu da Associação de Escritores aqui de Brasília, também em quarentena assim como eu, me passou uma mensagem através do Whatsapp lembrando que estava lendo o romance “Nêmesis”, do escritor americano Philip Roth, a rigor mais uma grande obra literária que versa sobre os tempos tenebrosos das grandes epidemias. Conversa vai, conversa vem, eu e o meu amigo fomos lembrando — à medida que aportavam na nossa memória — outras obras que tratam de tão desagradável tema, como “A peste”, do escritor franco-argelino Albert Camus e “Ensaio sobre a cegueira”, do português José Saramago, apenas para citar dois.

Escrever sobre epidemia pode soar em princípio como masoquismo ou, até mesmo, uma espécie de apologia à escatologia, pois a primeira coisa que nos chega à mente é: quanto tema bom, positivo e redentor o escritor, romancista, tem para escrever e ele vem logo falar de explosão de doenças?

Seria mesmo desagradável se essas obras cuidassem apenas de histórias sobre males que matam pessoas; que ceifam vidas; que, às vezes, deixam a terra arrasada. Em todos os livros que mencionei aqui, e em outros que irei apenas citar, o escriba usou o mal como pano de fundo, como cenário, para passar uma mensagem à humanidade, mensagem essa quase sempre relevante.

Dos três livros mencionados, começemos por *A peste*, de Camus, talvez o mais famoso e mais lido de todos os livros que tratam do assunto. A história desse clássico começa com a narrativa de um aparecimento explosivo de ratos mortos na cidade de Oran, Argélia. Em princípio, os moradores da cidade argelina não levam a sério aquele fenômeno esquisito; a vida transcorre normalmente até que alguns habitantes começam a aparecer doentes, de uma enfermidade desconhecida; começam a morrer, e aí o cenário muda, pois o pânico invade o sentimento das pessoas e o cotidiano da cidade vira de ponta a cabeça e as coisas começam a piorar à medida que o número de mortos aumentam. Os sentimentos e o comportamento do médico Bernard Rieux, o protagonista da história, traduz toda a genialidade de Camus — que posteriormente à publicação desta obra viria a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura —, fazendo uso da sua ferramenta existencialista e que vai compondo um painel de acontecimentos trágicos e sentimentos difusos, até beirar no desalento e no desespero total, como no trecho:

“Chegava sempre um momento em que nos dávamos conta claramente de que os trens não chegavam. Sabíamos, então, que a nossa separação estava destinada a durar e que devíamos tentar entender-nos com o tempo. A partir de então, reintegrávamo-nos, afinal, à nossa condição de prisioneiros (...)”

No fim da história, que parece feliz, pois a peste vai embora de Oran, percebe-se que o enredo do livro transcende os sentimentos existenciais e se pode deduzir que a doença representa uma analogia do nazismo e de todo mal que nele se encerra, que contamina e que retorna, sazonalmente, como podemos analisar no último parágrafo da obra:

“Na verdade, ao ouvir os gritos de alegria que vinham da cidade, Rieux lembrava-se de que essa alegria estava sempre ameaçada. Porque ele sabia que essa multidão eufórica ignorava e se pode ler nos livros: o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nos porões, no baú, nos lenços e na papelada. E sabia, também, que viria talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria os seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz”.

De “A peste” sairemos para “Ensaio sobre a cegueira”, onde o vate português Saramago faz também uso da metáfora para expressar a pandemia além do caos que ela provoca na sociedade. Um surto de cegueira se irrompe de repente sobre um cidadão sem nome, parado dirigindo um automóvel em frente a um semáforo, em uma cidade qualquer. Essa falta total de visão vai se esparramando para outras personagens também desprovidas de nome de batismo e o próprio escritor parece também se acometer pela cegueira e vai se perdendo na narrativa convencional de um romance e se começa a esquecer a sintaxe, os

pontos, os parágrafos e a convenção de um escrito de ficção propriamente dita.

A figura de linguagem, a conotação, que aparece subliminarmente na obra, pode ser identificada como bem expressou o colonista Marcos Guterman, do jornal “O Estado de São Paulo”, em uma crítica sobre a obra do escritor lusitano:

“Não se trata, portanto, de uma história, mas de uma reflexão a respeito do que realmente somos, em essência, e não do que pensamos que somos — e isso inclui um nome e um endereço, espécie de rótulos com os quais nos reconhecemos e somos reconhecidos”.

“Nêmesis”, de Philip Roth, não foge muito à linha das duas obras aqui descascadas com faca cega. Um caso isolado de pólio começa a aparecer na cidade de Newark, estado de Nova Jersey, Estados Unidos, nos primeiros dias da Segunda Grande Guerra Mundial. O personagem Bucky Cantor é um sujeito simples, emotivo, que escapa (a contragosto) de ir ao front em função de uma forte miopia e resolve tocar a vida ensinando ginástica a crianças em um centro comunitário exatamente da cidade onde começam a aparecer os primeiros casos da doença poliomielite. O mal vai se espalhando numa velocidade de espanto e o caos começa a imperar no país (Estados Unidos), com pessoas imputando a culpa da praga a nichos da sociedade como judeus e italianos; grotescamente elegendo um pobre débil mental como o Judas, gênese de toda a peste, e por aí vai.

Bucky Cantor resiste quanto pode a toda aquela ignorância, mas acaba cedendo à tentação de um convite de uma mulher sedutora e vai trabalhar no interior do país, julgando-se, talvez, imune a todo o flagelo. É um livro, na realidade, sobre culpa; assacando a culpa a Deus, aos homens, ao personagem principal, o próprio Cantor, que foge do epicentro da peste e se recolhe em um lugar isento das garras mortais e deformadoras da doença.

Enfim, tirante as três obras, quase obrigatórias de leitura, há, ainda, outros livros de ficção que tratam o assunto com a seriedade que lhe é devida, os quais podemos relacionar: “O amor no tempo do cólera”, de Gabriel García Márquez; “A guerra mundial Z”, de Max Brooks; “Um ano de milagres”, de Geraldine Brooks; “Black Hole”, de Charles Burns; “O enigma de Andrômeda”, de Michael Crichton; “Zona Um”, de Colson Whitehead; e “Diário do ano da praga”, de Daniel Defoe, o autor de “Robinson Crusoe”.

Não há dúvida de que pandemia, praga, peste, epidemia, é maná para o escritor que tem imaginação; é, ainda, mais do que um maná quando o escritor, além de ter muita imaginação, é alguém do naipe filosófico, humano e cultural de um Albert Camus. Certamente, algum escritor estará quebrando a casca do ovo, nesse exato momento em que estou escrevendo esta humilde crônica, e dando vida a alguma obra de peso que irá discorrer, ou ter como pano de fundo, esta praga contemporânea chamada de coronavírus, e espero — convictamente — que esta história tenha um final feliz, ou melhor, que tenha um final feliz e que carregue nas entrelinhas uma espécie de espelho retrovisor, que

permita (pelo menos nesse lapso de tempo de peste) que os homens poderosos saibam que eles não são os donos da Terra, e que aqui, no planeta de Atlas, também existe outro tipo de vida, que não possui DNA, dinheiro, bens, iates, ilhas, mansões, mas possuem armas tão ou mais poderosas do que todo arsenal bélico existente na face terrena.

*Cadeira nº XXXI da ABrL
(Acadêmico eleito, não empossado)

NAPOLEÃO VALADARES *

LEILÃO SIMULADO

Algum tempo depois que criaram a festa de exposição agropecuária, começaram também os leilões de gado. Ambos os eventos traziam animação para a cidade, principalmente para as pessoas ligadas ao campo.

Na exposição, tinha-se o rodeio, com peões montando cavalos puladores, burros brabos, bois enfurecidos. Competições de que participavam bons montadores, às vezes endeusados pelo narrador, que elogiava a atuação dos que conseguiam ficar mais tempo no lombo do animal. A cada montada, o narrador – microfone em punho – anunciava o perigo do animal e as qualidades do montador, sempre com o tradicional “segura, peão!...”.

No leilão, os animais circulavam num pequeno picadeiro, tocados por um peão a cavalo, em constante movimento para que os interessados os vissem bem. Fora do picadeiro, uma moça gritava, informando ao leiloeiro os lanços oferecidos. E o leiloeiro, em cima dum palanque ao alto, com um microfone numa mão e um martelo na outra, oferecendo a mercadoria. Num palavreado ágil e preciso, repetia os lanços: “Cinquenta, cinquenta, cinquenta. Sessenta, sessenta, sessenta. Setenta, setenta, setenta.” E assim por diante, até alcançar o preço pelo qual se devia vender. “Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe... três.” Aí, batia o martelo com grande ruído.

Um antigo narrador dos rodeios da exposição agropecuária, vendo aquele trabalho, com a rapidez e a precisão das palavras, achou que podia também se tornar um leiloeiro. Ah! Aquele martelo de juiz! aquela voz limpa! aquele jeito de artista para quem as atenções se voltavam! Aquilo tudo para ele era muito elegante, muito importante e muito galante. Disse isso a um amigo, e este sugeriu que ele fosse avante.

Outro amigo, mais sério e sincero, tentou desviá-lo do seu sonho, dizendo que o leiloeiro vinha sempre de fora, era um profissional preparado e bem treinado e, mais ainda, tinha que ser famoso na região para que fosse um atrativo a mais, para dar mais brilho, para chamar a atenção dos fazendeiros, dos recriadores de bezerros e de todo o pessoal ligado ao negócio. Além disso, podia-se ver, nem para narrador dos rodeios ele era convidado mais. Havia gente nova no pedaço.

Mas o antigo narrador de rodeios não quis saber de conselhos. Convocou a mulher, o filho e o cachorrinho que criavam. Iam fazer treinamentos no quintal de sua casa. O quintal era murado, ninguém iria ver, ninguém ficaria sabendo. Treinamentos todos os dias. Traçou um círculo no chão, mais ou menos do tamanho do picadeiro. O menino rodava dentro do círculo, movimentando o cachorrinho puxado numa corda. A mulher, fora do círculo, gritava, informando os lanços. E ele, em cima dum caixote,

com um martelo e um sabugo que lhe servia como microfone, repetia os lanços em alta velocidade: “Cinquenta, cinquenta, cinquenta. Sessenta, sessenta, sessenta. Setenta, setenta, setenta.” Depois, atingindo certo preço: “Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe... três.” E batia o martelo numa tábua velha.

Falava tanto, forçando a voz para alcançar a perfeição, que chegava a ficar meio rouco. Caprichava na postura, olhando para baixo, como fazia o leiloeiro, imaginando os arrematantes no plano inferior.

De repente, viu, em cima do muro, uns meninos espiando os seus treinamentos. Eram os meninos da escola. Vadiando num terreno baldio, ouviram aquilo e foram ver o que era. E o pior é que conhecia os meni-

nos e sabia que eles eram uns verdadeiros repórteres, com mania de espalhar pela cidade tudo o que viam.

Pensou oferecer um dinheirinho àqueles capetas, a troco de nada dizerem do que viram. Apeou do caixote e caminhou no rumo deles, fazendo gestos de aproximação, de amizade, de paz. Mas os meninos, com medo, foram descendo do muro e saíram correndo. Um deles gritou:

– Dou-lhe... três.

RONALDO COSTA FERNANDES*

UMA CÂMERA NA CABEÇA

Esta é a história de Vladimir, o cineasta. (Sempre quis começar um conto com: Esta é a história de. Que prazer me dá escrever *Esta é a história de*. Um dia começarei um conto com *Era uma vez*. Mas o que tem Vladimir?) Vladimir era contratado por uma empresa pública para filmar os eventos oficiais do governo. O celulóide lá dele vinha com sigla estatal. Ele havia colocado num quadradinho Vargas e Juscelino. E não só Vargas e Juscelino, como também outros políticos, o chefe de polícia Felinto Muller, senadores, ministros (entre eles, Jango e Tancredo) e um bando de outros com terno e lenço no bolso do paletó. O olho de Vladimir, estatal ou privado, era olho inteligente. Algumas imagens que vemos até hoje do enterro de Getúlio traziam o dedo de Vladimir. Ou melhor, o olho estatal de Vladimir.

A mulher de Vladimir, D. Isaurinha, era desleixada. Eu visitava muito o quarto do casal.

– Bom dia, D. Isaurinha, seu Vladimir está?

– Acordou cedo, se banhou, fez a barba, nem tocou no café e foi trabalhar.

D. Isaurinha vivia de robe. Era proibido cozinhar no quarto. Mas D. Isaurinha sempre arrumava um jeito. Eu entrava no quarto de Vladimir e sentia logo o cheiro

de fritura. Mas não era sempre que cozinhasse, porque D. Isaurinha era preguiçosa pra caramba. Ela esquentava chá para o marido num fogareiro e, para ela, um leite encapotado. O gerente do hotel, de gravata-borboleta, que vivia de olho para que ninguém cozinhasse nos quartos, fazia vista grossa (para quem fala de olho, de lente, a expressão vista grossa é no mínimo um desleixo de linguagem) para a mulher de Vladimir. Por Vladimir ter olho de governo, o gerente, de gravatinha de seda, era solícito. Quem sabe seu Vladimir, com sua influência no Catete, não arrumava a vida de um sobrinho que não queria nada com o batente?

D. Isaurinha já fora muito bonita. Chegou a trabalhar de aeromoça da *Real*.

– Você não conheceu essa mulher antes – dizia Vladimir. – Era um broto. Um corpaço.

O que Vladimir não contou é que, quando se conheceram, Isaurinha era amante de um comandante casado. Eles faziam o voo para Miami, que levava vinte e quatro horas para chegar, e depois iam namorar no hotel de South Beach. O comandante ainda chegou a andar atrás de Isaurinha, mesmo depois que ela estava já de cacho com Vladimir. O maior trunfo do comandante era ser comandante não apenas de vôo internacional, mas comandante nada mais nada menos que do *Constellation*.

– Ele é comandante lá pras máquinas dele do *Constellation*, mas não aqui no Hotel Flórida. Aqui, o comandante sou eu.

Vladimir chegou a flagrar Isaurinha no vestíbulo do hotel, conversando em voz baixa com o comandante. Ah, foi uma confusão aeronáutica: voou alto o quepe, os gritos subiram a alturas, dois ou três sopapos aterrissaram no rosto do comandante.

O rádio Telefunken de Vladimir era feito de um só ouvido: a emissão em português da rádio de Moscou. Eu ia para o quarto de Vladimir escutar em clandestino a vida lá fora. Dziga Vertov era o nome que Vladimir queria ter na sua certidão de nascimento. O pai de Vladimir também fora comunista. Por isso Vladimir se chamava Vladimir. Em homenagem a Vladimir Ilich Ulianov (dito Lênin).

Mas um dia, tudo começou a degrading. E não foi por causa do comandante, não. Começou no café da manhã.

– Por que você não come?

– Não está vendo?

– O quê? Era pra ver alguma coisa?

– Meu Deus, por que tinha que casar com uma mulher burra?

Isaurinha já conhecia o gênio irascível. Resolveu não dar continuidade à conversa. Comeu sozinha, mas desconfiada. De que o marido estaria falando?

A revolta de Vladimir não era culinária, a revolta de Vladimir era cinematográfica. Vladimir não podia comer o bolo, porque um visor não é boca, um visor é um visor. Não se abre, não mastiga – sim, um visor não deglute porque não tem entrada nem ducto que leve o alimento –, não podia comer, tragar, comer o bolo.

A insensibilidade de Isaurinha também era dura como o visor. Mas a culpa era dele. Casara com uma mulher que fora modelo de *O Cruzeiro*, andara pelo mundo afora pela *Real*, agora queria que a cabeça comissária de Isaurinha tivesse pensamentos cinematográficos. Era demais.

No espelho do banheiro, Vladimir confirmou a monstruosidade plástica.

– Toque aqui – disse Vladimir.

Toquei. O contato com o lábio mole me deu asco. Limpei os dedos, com disfarce, na perna da calça.

– Só penso em cinema, Aurélio – me confessou. – Só penso em cinema. Antes pensava em cinema e em Isaurinha, mas agora só penso em cinema. Casei com o cinema, os padres não casam com a igreja, as freiras com Jesus Cristo? Eu casei com o cinema.

E Vladimir espichou o lábio – desculpe, espichou o visor.

– Me vi no espelho, Aurélio, e não é só a boca que virou visor. A cabeça.

– O que tem a cabeça?

– Não vê?

Eu não via coisa alguma.

– Desculpe, estou sem óculos.

– A cabeça toda é uma máquina de filmar.

Antes que eu ou Isaurinha disséssemos alguma coisa, Vladimir saiu do quarto como se fosse chupado pela porta.

Vladimir levou o visor-boca ou boca-visor para o trabalho. O olho de Vladimir sempre fora uma lente. Engana-se quem via os óculos de Vladimir como óculos. Mas, literalmente considerar o olho lente, a boca visor, era exagero. Vladimir não falava comigo, grunhia. Claro, máquina não fala, máquina roda sua engrenagem. Grunhia como um filme passado muito rápido.

A cabeça-câmara ou a cabeça de câmara não afetava os relacionamentos comerciais.

Araújo era empresário do ramo têxtil. Encomendara a Vladimir um curta sobre a família e a indústria que herdara do pai. Queria ver a fábrica em celulóide – um celulóide centenário, chaminés misturadas com bigodes, engrenagens junto com quadros nobiliárquicos na parede, operários saindo da fábrica e discurso do patriarca.

Uma boca de visor não toma líquido, por que o garçom lhe oferecia bebida? Vladimir olhou com raiva o garçom com o único olho da máquina em que se transforma

ra a cabeça. Trouxe as estimativas de custo? perguntou Araújo. Boca de visor, as orelhas de cravelha.

– O senhor vai me falir, seu Vladimir – brincou Araújo.

Por fim não aguentou: O senhor me desculpe, seu Araújo, mas estou com a pulga atrás da orelha (e pensou consigo mesmo, talvez fosse melhor dizer, com a pulga atrás da cravelha). O senhor não nota nada estranho em mim, seu Araújo?

– Está mais magro – disse Araújo que aperta os olhos e deita a cabeça como quem avalia. – Deixa eu ver mais. Pintou o cabelo. Por que o senhor pintou o cabelo, seu Vladimir?

– Eu lá pinte cabelo algum, seu Araújo.

E inflamado e ofendido:

– Eu tenho é uma máquina na cabeça. Está olhando aqui, e apontou para os olhos. Isso aqui é uma lente.

Araújo interpretou aquilo de forma simbólica. Os artistas usam símbolos. Ou não usam?

– Ah, disse Araújo. Uma lente, é claro, uma lente.

Um mês depois o cineasta Vladimir – apaixonado por Lênin, discípulo de Dziga Vertov –, um mês depois do encontro com o industrial Araújo, o cineasta Vladimir morreu.

Os últimos dias de Vladimir foram melancólicos. Fechou-se no quarto, não se alimentava, não queria visitas. O que poderia alimentá-lo era película. Mas película não engorda, não dá tutano, não faz o camarada levantar da cama. Boca de visor, orelha de cravelha, os olhos-lente. O pensamento era o mesmo filme, desconexo, mal montado, imagens aleatórias, algumas fora de foco. O foco da infância. O foco da infância tem medo de quarto escuro. O foco tem castigos.

Fui ao enterro, no Caju. Poucas pessoas. Fumei lá fora, não pude ver Vladimir no caixão. Aliás, nem podia ver Vladimir. Isaurinha pediu para lacrar o caixão. Teve medo. Um ruído estranho, de máquina rodando, saída da cabeça do defunto. Melhor lacrar.



ARTIGOS E RESENHAS

SÔNIA HELENA

A VOZ DA POESIA

Ela era romântica e sonhadora, a ponto de quase acreditar em duendes. Vivia nos arredores da cidade, em sua casa plantada em uma colina próxima ao mar, à qual se chegava por uma trilha de relva ladeada por ameixeiras que no outono enchiam de cores e perfumes o caminho, atraindo pássaros e borboletas.

Costumava descer até a praia, todas as manhãs, enquanto ainda se ouviam os primeiros gorjeios e se viam gotas de orvalho entre as folhas. Fazia ali longas caminhadas, movida pelo som do mar e pela voz do vento. Nessas horas, sonhava e traçava planos de uma vida não distante dali, mas bastante diversa da sua. Teria filhos, leria muito, ouviria música, criaria não sabia o quê, mas teria de criar. Cismando e sonhando, passava as manhãs.

Naquele outono, contudo, sua vida mudou. De uma vez e para sempre.

Caminhando, como sempre, encontrou um tesouro. Quase uma lâmpada de Aladim. Solta na areia, como se tivesse sido colocada ali exatamente para que ela a encontrasse.

Parou a observá-la. Quem teria posto aquela peça ali... Não parecia ter vindo do mar. Muito limpa e brilhante, mostrava-se mais adequada a uma exposição em alguma galeria que perdida na areia. Sim, a peça toda brilhava. Prateada, não apresentava qualquer escurecimento, naturalmente deixado pelo tempo, nem

a mínima ranhura que indicasse ter rolado até ali. Era como se houvesse sido polida antes de ser deixada, ou depositada, na praia. Ou então, tivesse chegado nas asas do vento, suave o suficiente para que ela pousasse, qual um passarinho.

O desenho, clássico e belo, não permitia identificar a época em que fora feita. Tinha as linhas perfeitas e a proporção ideal. A tampa ajustava-se harmoniosamente, apenas pousada sobre ela.

Translúcida, deixava adivinhar qualquer coisa dentro. Não era possível perceber o que fosse, mas vazia não estava.

À pessoa sonhadora que era lembrava lendas antigas, contos das mil e uma noites, histórias e fantasias. Sentiu-se logo uma Sherazade. Era sempre assim. Por qualquer coisa, divagava e viajava mundos e tempos incontáveis. Mas, desta vez, era diferente. Havia a peça, que ela nem sabia classificar bem, mas que estava ali, aparentemente tão nova, no entanto, tão eterna...

Tentou voltar ao mundo real, mas que realidade era aquela? Foi inevitável pôr-se a cismar, antes mesmo de se aproximar o suficiente, sobre o que haveria no interior. Que histórias contaria, que mensagens traria, que segredos revelaria... Não, antes mesmo disso, tentava imaginar a origem da própria ânfora, decidiu chamá-la assim.

Quem a teria feito? Que inspiração teria tido o artista ao produzi-la para fazê-la tão bela? Quanto tempo teria sido necessário para a sua confecção?

A quem se destinaria a ânfora? Ao próprio artista ou a alguém que a houvesse encomendado? Um nobre, talvez...

O material usado não parecia qualquer metal conhecido, se é que metal fosse. De onde teria sido extraído? Não se assemelhava aos metais conhecidos, mas vidro também não era. Teria havido um molde ou teria sido fundida diretamente? Teria sido soprada como os cristais ou a vidraria de Murano?

A observá-la, nem se deu conta de que o tempo passava. O mundo havia parado. Só restavam ela e a peça à sua frente.

Nem ousava aproximar-se, como se tivesse, ela também, sido depositada em um ponto fixo, destinada a observar eternamente aquele curioso objeto.

O dia avançava e ela ali. Circundava o local, buscava na areia sinais que lhe pudessem indicar como a ânfora chegara até a sua praia. Sim, porque a praia era sua. Pelo menos, ela assim a considerava. Tinha a sensação de que nascera na areia. Desde sempre estivera ali. Não imaginava um dia sequer sem caminhar na linha que a água forma ao se quebrar na praia, deixando suas pegadas, qual caminho do pensamento que muda ao sabor da brisa sem que se possa controlá-lo. As inúmeras trilhas que havia feito na areia só haviam deixado marcas em sua alma, ataviada a aquele lugar.

Quantos sonhos teriam sido traçados, frustrados ou refeitos nas marcas apagadas, mas indelévels, de seus passos? Cada dia, cada amigo, cada amor foi sendo desenhado ou revelado para logo desaparecer nos caprichos do vento ao apagar seus caminhos na areia.

Divagando, assim, passava as horas nas suas caminhadas diárias. Hoje, entretanto, não caminhava. Sentia-se presa ao chão, diante da ânfora, sem saber o que fazer.

Decidiu aproximar-se. Deveria apanhá-la e abrir para verificar o que havia dentro. Avançou um ou dois passos, parou, recuou. Fez isso uma dezena de vezes, sem, ao final, sair do lugar.

O tempo começou a virar. Um ventozinho, no início suave, foi, aos poucos, aumentando e começou a levantar uma névoa de areia que a distanciava da ânfora. Mesmo que nem ela nem a peça saíssem do lugar, era como se estivessem, cada vez, mais distantes.

Teve receio de a perder de vista. No entanto, continuava incapaz de a tocar. E se admirava ao perceber que o vento, por mais que aumentasse, não movia o objeto encantado.

Com o vento, vieram as nuvens. Carregadas, indicavam chuva forte, comum naquela época do ano. Seria necessário retornar à casa, antes que a tempestade chegasse. Mas como sair dali, se não com a ânfora?

Ainda ficou algum tempo, começando a sentir o desconforto do frio trazido pelo vento, da umidade anterior à chuva, que lhe chegava primeiramente pelos pés e ia, aos poucos, tomando todo o seu corpo, usando os ossos

como vias de penetração, logo os ossos que parecem não ter qualquer proteção.

Quando sentiu os primeiros pingos de chuva, na verdade algumas pancadinhas de água, porque as gotas ali eram sempre grandes e fortes, decidiu que teria de se abrigar em casa.

Com um movimento rápido, antes que mudasse de ideia, arrebatou a ânfora e pôs-se a correr para casa, como se fugisse de alguém ou de alguma coisa. Só parou quando se viu na sacada, já protegida da chuva. Parou a admirar a água que caía, durante alguns momentos, com a ânfora protegida pela *écharpe* que sempre trazia consigo.

Gostava de observar a chuva, como também gostava das horas acinzentadas que a antecediam. Ou que perduravam o dia todo nos dias mais frios. Eram tempos próprios para o devaneio, sua prática predileta.

Concluindo que deveria decidir-se, de alguma forma, em relação à ânfora, colocou-a na mesa que mantinha na varanda para as refeições, quase sempre feitas de frente para o mar.

Após alguma hesitação, retirou o papel que havia dentro. Abriu-o e encontrou o mais belo poema que havia lido em toda a sua vida.

Não vinha assinado. Era o bastante para a sua imaginação. Passou a devanear sobre a sua origem. Com certeza, deveria ser de algum poeta apaixonado.

Buscou seus livros de poesia e procurou pelo poema. Não o encontrou. Consultou a internet e nada. Decidiu que iria, na manhã

seguinte, à biblioteca local tentar descobrir o autor do poema. Era o que tinha a fazer.

Quase não conseguiu dormir. Releu o poema numerosas vezes, tentando encontrar alguma característica de estilo que lhe permitisse supor a autoria. Logo ela, que se dedicava à literatura, não encontrou qualquer pista nas linhas escritas. Apenas a beleza das trovas a comovia cada vez mais.

No dia seguinte, logo de manhazinha, estava ela na praia, de novo. Havia refletido longamente durante a noite. E decidira. Era o que queria fazer.

Lentamente, quase em oração, caminhou alguns passos mar adentro. Ao sentir o quebrar das ondas nos joelhos, depositou a ânfora, com o poema dentro, nas águas verdes do mar, na esperança de que ao chegar a outras praias, pudesse espalhar a poesia pelo mundo afora.

ROBERTO ROSAS *

PERSEGUIDOS: CONY E CALLADO

1. Já se disse que o defeito da ditadura não está no ditador, e sim no guarda da esquina, no executar ordens explícitas ou implícitas, e geralmente de força.
2. Os regimes de força necessitam de restrições, imposição de penas, temor na oposição, medo em geral.
3. Estabelecido o regime militar, no Brasil, em março de 1964, surgiram instrumentos de retaliação a partir do Ato Institucional em 1964, moderado, diante da posterior legislação punitiva. Assim, em 1967 foi editada a Lei de Segurança Nacional, em seu artigo 48 determinava a suspensão do exercício da profissão ou emprego, até a sentença absolutória, daquele que preso em flagrante ou com denúncia recebida, autêntica pena acessória, sem pena principal, incluído – inúmeros profissionais presos a partir de 1964 ou denunciados, em outras palavras, sem trabalho, na sua atividade profissional, o jornalista sem emprego no jornal, na rádio, o advogado com sua inscrição da OAB suspensa, o médico com sua inscrição na CRM suspensa.
4. Desde a Constituição de 1934 estabeleceram-se regras sobre a ordem econômica, e incluído o direito ao trabalho na organização social.
5. O trabalho é um componente das relações de produção, hoje, como lá, ou em 1968, o direito ao trabalho é direito social, porque o trabalho é o sustento da vida. O direito social ao trabalho como condição de efetividade da existência digna, hoje inserida na Constituição – dignidade humana, esta sempre existiu, não necessitava inscrição em lei, ela é insita ao ser humano, e por consequência direito individual ao livre exercício de qualquer profissão, bem como acesso a uma profissão, tudo isso confirma, como corolário, se há todos esses direitos, logo eles não podem ser cerceados ou restringidos, ou pior – suprimidos. Assim não pensou o legislador revolucionário em 1967.
5. Como se disse acima, o guarda da esquina revolucionária é totalitário, obsessivo, por profissão ou para agradar aos poderosos.
6. Montado no falado art. 48 da Lei de Segurança Nacional, um Auditor Militar mandou suspender o exercício profissional de determinados advogados, com fechamento de escritórios, e jornalistas, dentre eles o Advogado José Rodrigues Vieira Netto e outros, os jornalistas Antonio Callado e Carlos Heitor Cony.
7. Esse ato restritivo chegou ao Supremo Tribunal Federal, e apreciado em 21.02.1968.
8. Assentada no texto constitucional, a Suprema Corte debruçou-se sobre a liberdade de profissão, e a natureza dessa pena, como

acessória, sem pena principal apenas prisão em flagrante ou denúncia recebida. Acima de tudo – uma exigência elementar da vida – prover a própria subsistência, a privação dos meios para tal. A Constituição de então (1967) assegurava o direito à vida (art. 150), como hoje.

9. O Supremo Tribunal Federal, submetido como todos os brasileiros aos ditames do regime militar, nesse glorioso 21.02.1968, por unanimidade julgou inconstitucional esse art. 48 da Lei da Segurança Nacional, aquele que afastava das profissões (Habeas Corpus nº 45.232).

10. Dois atingidos, dentre inúmeros, eram renomados jornalistas, da imprensa diária – Antonio Callado e Carlos Heitor Cony, mais tarde, ambos ingressaram na Academia Brasileira de Letras.

Callado esteve preso duas vezes, mas consagrou-se como romancista em *Madona de Cedro*, e seu antológico *Quarup*, um retrato da realidade brasileira. Faleceu em 1997.

Cony participou do protesto contra o Governo João Goulart nas páginas do extinto jornal *Correio da Manhã*. Teria escrito o famoso editorial - *Basta* (1964) crítica violenta a Jango. Logo implantado o regime militar (março de 1964) Cony sentiu a potência que chegara e os exageros típicos dos regimes de força. Passou a assinar editoriais violentos contra o regime militar, sendo premiado com seis prisões. Não esmoreceu, e partiu para grandes livros dentre eles romance *Quase memória*, e *O ato e o fato*,

percurso do regime militar. Faleceu em janeiro de 2018 (Elio Gaspari – *A Ditadura Envergonhada*, Companhia das Letras, pg. 65, 2002 (nota).

Os jornalistas foram os mais atingidos, tanto que Hélio Fernandes, do jornal *Tribuna da Imprensa*, crítico feroz do regime militar, foi afastado, e ele mesmo conta, como superou essa violenta restrição: “Proibido de escrever passei a assinar João da Silva, até 15 de março de 1977 (Em Sebastião Nery – *Ninguém me contou eu vi*, Geração, 2014, pg. 263).

Ambos foram atingidos por atos restritivos dos direitos políticos, com a cassação dos mesmos, mas não baixaram as armas da inteligência e da escrita, e então produziram melhor, mas estavam atingidos por uma restrição maior – o direito à sobrevivência, porque eles eram, de profissão, jornalistas, e portanto, estavam na rua da fome, porque a imprensa era o seu terreno, a sua fonte de sobrevivência. Assim, também com um número infinito de atividades – comerciantes, bancários e especialmente advogados, em particular aqueles que defendiam presos políticos, trabalhadores, sindicatos, segundo o segmento militar – subversivos, dentre os advogados, o Prof. José Rodrigues Vieira Netto, figura lendária do ensino jurídico no Paraná, catedrático de Direito Civil da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, com direitos políticos cassados, presidente da OAB/Paraná (duas vezes) e do Instituto dos Advogados do Paraná.

11. Esses foram exemplos de atingidos pela supressão do direito ao trabalho, em suas

profissões, em suas atividades decorrentes de suas formações. Não sabiam outra coisa – imprensa, advocacia, medicina, etc. era um tiro de canhão, próprio do regime, para o silêncio de grandes profissionais, verdadeiros democratas, que pensavam e tinham coragem de expressão.

12. Hoje, a história esqueceu esse triste episódio, durante anos de restrição, e violação de direitos fundamentais.

À época, figura mítica dessa quadra, o General Olimpio Mourão Filho, que precipitou o movimento militar, no dia 31 de março de 1964, com o deslocamento das tropas sob o seu comando em Juiz de Fora para o Rio de Janeiro. Esse chefe militar, posteriormente foi para o Superior Tribunal Militar – STM, e como seu Presidente despachou sobre essa famigerada restrição: “De que cérebro atormentado pelo ódio ou pelo medo, desprende-se a emanação mortífera cristalizada no artigo 48 e seus parágrafos?”

Dias antes do julgamento do STF, o Conselho Federal da OAB encaminhou ao Ministério da Justiça pedido de declaração da inconstitucionalidade do art. 48, e o Ministro da Justiça, Prof. Gama e Silva, feroz adversário dos direitos fundamentais, determinou ao Procurador Geral da República a representação, e ele próprio Ministro declarava – “sobre ser inconstitucional é desumano, chegando a ferir um direito fundamental do homem.” (O Globo – 10/02/1968, reproduzido em 10/02/2018). A generosidade do governo foi atropelada pela decisão do STF.

13. Esses fatos revelam o grau de força destruidora dos direitos fundamentais, mas ficou a lição poderosa da força da Justiça.



HOMENAGEM

RUMEN STOYANOV

ENTRE O BRASIL E A BULGÁRIA *

A Bulgária e o Brasil devem-se várias primícias. Vou mencioná-las, porque são parte de suas relações bilaterais.

Em 1915 a célebre revista humorística *Careta*, do Rio de Janeiro, publica o conto “Associação de temperança”, de Aleko Konstantinov, que é dos nossos clássicos. O fato foi-me comunicado por Drummond numa carta. É a primeira obra literária búlgara no Brasil, na lusofonia e na América Latina.

O pintor Nikola Mikhailov entre 1921 e 1923 vive na Argentina, no Uruguai, Chile, Brasil. Considerado um dos melhores retratistas na primeira metade do século XX e pintando celebridades, entre elas Mussolini, Hitler, ele faz o retrato oficial do presidente brasileiro Artur Bernardes. (Nos anos cinquenta Mikhailov volta a viver no Brasil.)

Em 1922 o Brasil comemora o centenário de sua independência. E por esse motivo organiza uma Mostra Internacional no Rio, que durou de 5 de setembro até o final de dezembro. Hoje os estados balcânicos são doze. Dentre eles unicamente a Bulgária participa daquele evento. Indo contra o regulamento o Diretor Geral da exposição, Dr. Nimeyer, permite que o levado pelos búlgaros seja colocado no Pavilhão Industrial do país anfitrião. E a Bulgária ganha duas medalhas: uma pelos bordados típicos e outra pelo óleo de rosas. São as primeiras distinções que minha pá-

tria recebe no Brasil e na América Latina. Aquela delegação é de três membros, chefiada pelo Ministro da Educação, Stoyan Omartchevski; inclui também Assen, filho do Primeiro-Ministro Alexandar Stamboliyski. Omartchevski é recebido duas vezes pelo Presidente Epitácio Pessoa e uma pelo Ministro das Relações Exteriores, que se despede dele na estação ferroviária ao viajar o búlgaro para São Paulo com uma carta de recomendação, escrita pela mão de Pessoa e dirigida ao Governador Washington Luís, futuro Chefe do Estado. O Presidente Pessoa coloca à disposição um trem especial que leva os três a São Paulo para um encontro com duzentos representantes dos meios empresariais, no qual discutiriam as possibilidades de intercâmbio comercial. O Ministro Omartchevski escreve *Rumo ao equador*, narrando o vivido no Brasil, e analisa as perspectivas de colaboração. Esse livro, de volume pequeno, uma mistura de notas de viagem e economia, merece ser traduzido ao português, pois contém dados interessantes para o leitor atual; tomara que a UnB realize a edição. Aquela visita testemunha que a Bulgária já após a Primeira Guerra Mundial aprecia a importância do Brasil e é por isso que lá vai a delegação, aliás, a primeira não apenas para o Brasil, mas igualmente para a América Latina. No ano seguinte, 1923, em Sófia dá-se um golpe de estado e acaba aquela política búlgara para com o Brasil. Mas fica a prova de que a Bulgária relativamente cedo compreende o que é o Gigante do Trópico.

Entre 1923 e 1927 os pintores Nikolai e Ivan Abrachev criam no Brasil, contribuindo para a modernização das artes plásticas dele. Atuam

sob os pseudônimos Nicola e Giovanni de Garo. Em meu terceiro mandato diplomático conseqüei incluir o irmão maior Nicola numa exposição coletiva da União Europeia, apresentando-o como búlgaro. Assim a incerteza sobre a nacionalidade dos De Garo foi descartada. Os dois são os primeiros pintores búlgaros no Brasil. Nicolai ilustra dois poemários de seu amigo Ronald de Carvalho: *Jogos pueris e Toda a América*.

A partir de 1928 no Brasil tocam e ensinam músicos búlgaros. Atualmente na UnB trabalham dois, mais uma professora de direito.

Em 1928 o ex-rei Fernando visita pela segunda vez o Brasil. (A primeira é quando seu irmão Augusto casa com a filha do imperador brasileiro.) Drummond escreve “Anedota búlgara”, dentro do espírito do modernismo. É o primeiro poema sobre motivo búlgaro no Brasil, na lusofonia, na América Latina. Quer dizer, a primícia e triple. A seguinte poesia dentro da temática búlgara aparecerá apenas em 1954, ou seja, 26 anos mais tarde, na Argentina.

Às primícias supraditas agora soma-se mais uma: o Brasil outorga pela primeira vez um título de Doutor Honoris Causa a um búlgaro. É outrossim o primeiro caso em que na América Latina um búlgaro passa a ser doutor *honoris causa*. Digo isto para sublinhar o lugar de destaque que o Brasil ocupa nos vínculos da Bulgária com o mundo latino-americano.

As relações bilaterais na cultura estão longe duma pesquisa que as abranja e por isso escondem multidão de surpresas agradáveis. Quantos sabem que no Brasil as editoras fundadas por búlgaros são quatro: uma no Rio (Rodna Zemlia, publicando em búlgaro), três em São Paulo:

Montanha, Hemus, Estação Liberdade? Já vão para setenta os livros búlgaros no Brasil: poesia, contos, romances, ginástica rítmica, memórias, teoria literária, matemática, semântica, semiótica, geometria descritiva, ensaio. Não menos assombroso é que no Rio foi publicado, em búlgaro, um *Boletim Informativo* e a revista *Bulgarian Rew*, sendo que esta última, sem nenhum apoio do estado, durou 30 anos.

Os búlgaros começam a vir ao Brasil em meados do século XIX. No Memorial do Imigrante, em São Paulo, entre as trinta nações que mais contribuíram para o desenvolvimento do Estado, figura a búlgara.

Agora demos uma olhada desde a Bulgária.

Em 1859 o *Tsarigradski vestnik (Jornal de Constantinopla)* publica em 18 folhetins a novela *Imigração ao Brasil*, de autor desconhecido, mas obviamente alemão: obrigada por uma seca, uma família camponesa vende suas terras na Alemanha e chega ao Brasil, onde a espera uma vida difícil. A tradução é de Mihail Zafirov e Yossif Danelov, este último parente meu. Aquele texto, mesmo estrangeiro, inicia a brasilística búlgara: pela primeira vez búlgaros leem no seu idioma natal informação sobre a realidade longínqua e misteriosa.

Outro ano importante no desenvolvimento da brasilística búlgara é 1902: sai *Brasília*, prêmio anual da revista *Priroda (Natureza)*. De autor não indicado, essa publicação, contendo 14 ilustrações, é o primeiro livro búlgaro, aliás coetâneo de Drummond, sobre o país continente. Por uma coincidência a outorga deste título marca cento e dez anos do primeiro livro búlgaro sobre o Brasil. E o magno itabirano foi honrado no

seu 110.º aniversário com uma antologia, *Poesia*, com minha seleção, tradução, prólogo.

De 1938 fica *Dona Paula*, contos de Machado e Artur Azevedo, passados provavelmente via francês, mas é o primeiro livro brasileiro em búlgaro.

Do português traduzimos ao búlgaro a partir de 1955, quando sai *Os subterrâneos da liberdade* (Jorge Amado).

Onde estou eu, do ponto de vista temporal, na brasilística búlgara?

Entre 1964 e 1968 fui bolsista em Havana. Estudava literatura hispano-americana e cubana. Resolvi pegar mais uma língua estrangeira. A escolha era bem reduzida, mas não queria russo, francês, nelas me virava, numa oportunidade traduzi do russo para o Presidente Osvaldo Dorticós. Alemão? Fora das famílias eslava e românica ia progredir muito mais devagar do que ocupando-me dum idioma neolatino. Inglês? Não queria, pois eram muitos os que o estudavam. Então a opção era tomar o português: devido a sua grande proximidade com o castelhano, ia assimilar dele muito mais em comparação com qualquer outra fala. Não seria uma mentira confessar que escolhi o português por preguiçoso e ignorante: até aquela altura eu não tinha ouvido como soa o português. Ainda menos tinha ideia de Macunaíma e seu emblemático “Ai que preguiça!”. Dito entre nós, um dos enigmas dos brasileiros é como é que sendo eles tão pouco adestrados, perdão, disciplinados em comparação com outros povos, chegaram a elevar a economia nacional entre as mais avançadas. Assim desde 1965 dedico-me ao português. Me ensinava um brasi-

leiro cujo nome esqueci, além disso naqueles anos revolucionários alguns estrangeiros em Cuba usavam não seus nomes. Aquele primeiro contato meu com o português evoca calor e fome: as aulas eram num horário que me obrigava a perder o jantar gratuito no bandeirão e eu passava com um pedaço de bolo e um refrigerante, minha bolsa de escudos não permitia comer outra coisa. Na Ilha da Liberdade eu andava procurando brasileiros para praticar o idioma. Entre os pouquíssimos com quem podia fazê-lo estava Anacleto, filho de Julião, o líder das Ligas Camponesas.

Em 1969 saiu em 10.000 exemplares minha versão de *Vidas secas*, acompanhada dum pequeno posfácio meu. A partir daí começo a divulgar literatura brasileira, com muitas aparições em jornais, revistas, coletâneas.

Ao Brasil cheguei pela primeira vez em 1972. Daquele mesmo ano data minha primeira publicação aqui: o artigo “Brasil e Bulgária: as relações literárias”, inserida no *Jornal do Brasil* graças a Drummond, a quem o ofereci. Deste modo, com três anos de diferença, eu publicava coisas brasileiras na Bulgária e búlgaras no Brasil, as duas atividades iam mais ou menos paralelamente.

Durante minha primeira estada brasileira participei da transferência da Legação Búlgara do Rio para a nova capital, da elevação da missão em Embaixada e também da construção de seus prédios.

Em 1992 na Universidade de Sófia São Clemente de Okhrida foi inaugurado o curso de graduação em filologia portuguesa. Fui seu primeiro responsável.

Para a língua dos santos Cirilo e Metódio, irmãos, autores do alfabeto cirílico no século IX, proclamados pelo papa João Paulo II Protetores Espirituais da Europa, passei nove livros de poesia e prosa, entre eles *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *O púcaro búlgaro* de Campos de Carvalho, uma antologia de Drummond e as coletâneas *Poesia brasileira contemporânea* e *Solo para quinze vozes*. O resto está disperso na imprensa.

No Brasil são cinco os livros com minha participação. O último é de apenas uns quatro meses, *Poesia do Nordeste*, editado pela Universidade Federal do Ceará, versos de Dimas Macedo e Francisco Carvalho, com prefácio meu. A antologia *Observatório* do poeta Liubomir Levchev é o primeiro livro búlgaro vertido diretamente do búlgaro ao português, 1975. Os meus *Poemas no Brasil*, escritos em português, saíram em 1981 com 3.000 exemplares, editados pela Civilização Brasileira com o apoio financeiro do Instituto Nacional do Livro, e um caso raríssimo, se não único, quando ele paga por uma obra estrangeira e isso quando no Brasil estão no poder militares de direita e na Bulgária, comunistas. Me dá prazer pensar que aquele livro meu conseguiu superar a ideologização dos dois campos. Foi prefaciado por Antonio Holfeldt, depois Vice-Governador do Rio Grande do Sul.

Além de traduções, artigos, prólogos, notas, pesquisas tenho preparados uma série de cursos universitários, diretamente relacionados com o Brasil: civilização brasileira, relações culturais búlgaro-brasileiras, literatura búlgara na Ibero-América, introdução a portugalística e brasilística búlgara, tradução de poesia brasileira, literatura brasileira (dois semestres, os outros cursos são de um semestre).

Na Universidade de Brasília tenho dado cinco semestres: quatro de língua e cultura búlgara e um de presença literária brasileira na Bulgária. Tenho trabalhado na biblioteca da UnB. Nesta Universidade estudei letras francesas minha esposa, Nelly Nechkova, ela depois traduziu três livros brasileiros: *Os rios morrem de sede* e *O menino e o pinto do menino* de Wander Piroli e *O burrinho que queria ser gente* de Herberto Sales. Meus dois filhos, Preslav e Momchil, se formaram pela UnB respectivamente em música e arquitetura. Momchil é o primeiro e até agora o único búlgaro participante de Bienal Internacional de Arquitetura em São Paulo, sendo estudante da UnB. Uma composição de Preslav será interpretada neste ato solene. É por estas razões que para mim a UnB não é qualquer centro de ensino superior, é a universidade de minha família e estou-lhe profundamente agradecido por aquilo que os quatro temos aprendido nela, os destinos dos quatro tem que ver com o Minhocão e o Câmpus Darcy Ribeiro.

Na América Latina vivi 18 anos, deles 10 no Brasil. Quando cheguei pela primeira vez a Brasília, em 1972, ela tinha apenas 12 anos, o que permite considerar-me, vaidosamente, quase um candango. Cinco anos ensinei língua e cultura búlgara no México. Colaborei na revista *Plural*, fundada e dirigida pelo posteriormente nobelista Octavio Paz. Ela realizava anualmente um concurso de poesia, conto, ensaio em espanhol. Com base em minha proposta, em nome da integração latino-americana, foi estabelecido também concurso em português. Em duas oportunidades fui membro do júri.

Em Gabrovo, a cidade natal do pai da Presidente Dilma, há um Museu da Educação, único na Bulgária. Nele estão as cópias dos diplomas

de quatro búlgaros formados no exterior: minha avó Anastassia, com diploma de 1901 de Bruxelas, o meu de Havana e os diplomas de Momchil e Preslav da UnB: únicos diplomas brasileiros naquele Museu. Porém os fatos supraditos não esgotam meu vínculo com o Brasil: Momchil nasceu, talvez nada casualmente, no dia 7 de setembro. Meu relacionamento com o Brasil é também com sangue: a filha de Momchil, Ana Carikina, é de mãe brasileira.

Na brasilística sou quase completamente autodidata: além daquele curso prático de dois anos em Cuba outra preparação com ajuda de alguém não tenho, o que cheguei a saber sobre o Gigante do Trópico é fruto de esforços próprios.

Na bandeira brasileira se diz Ordem e Progresso. Se eu fosse rei, ou seja, se aquelas palavras dependessem de mim, iam ser Alegria e Progresso e iam corresponder com maior exatidão ao que o Brasil é, ao menos para mim. Muitíssimo mais ordem há no Japão, na Suíça, na China, Alemanha. Porém lá não há num grau tão excelente e fascinante a alegria brasileira de viver. Muitas coisas ouvi e vi no Brasil, muitas delas esqueci. Mas lembro como no Câmpus Darcy Ribeiro estavam fixados grandes cartazes de cores com um apelo acadêmico fora do comum: Sorria! Você está na UnB! Achava e continuo achando que esse chamamento é admirável. Hoje o Brasil está entre as primeiras economias nacionais. Geopolítico, economista, politólogo não sou e talvez por isso considero que, apreciado desde fora e não desde dentro, o produto mais importante na exportação brasileira, sem menosprezar aviões, café, soja, suco de laranja etc., é a alegria, a alegria apesar dos problemas ainda não resolvidos, principalmente na distribuição da renda e na justiça social. O Brasil está dando para a

humanidade um exemplo magnífico de como um impressionante avanço econômico pode ser atingido com alegria, com carnaval, samba, frevo e não apenas com uma disciplina laboral dura e finanças rigorosas. Levando em conta esta característica essencial da gente brasileira, a alegria, me permito dizer que a economia do país, num sentido sumamente positivo, é de carnaval, entenda-se uma combinação peculiar entre uma economia bem-sucedida e a alegria de carnaval, uma confirmação convincente de que essas duas coisas não são obrigatoriamente incompatíveis, mas podem estar unidas, evitando a robotização dos homens. Numa época em que uma considerável parte do mundo está mergulhada em crise econômica, ela quase está passando ao lado do Brasil. Para esta feliz circunstância a alegria de viver será que influi? Como? Sem entrar em razões, detalhes, pois não é este o lugar, na minha opinião o vínculo entre a alegria e o notório progresso econômico está no pensar e agir não seguindo preceitos importados, senão usando a própria cabeça, e os resultados positivos estão presentes.

Falando no surpreendente salto econômico (que é igualmente tecnológico) do Brasil, ele é, sem exagerar, o milagre nacional, porém o segundo. O primeiro é a não fragmentação do território após a proclamação da independência. A herança espanhola na América virou pedaços, o Brasil conservou completamente sua integridade.

Depois do fim do Muro de Berlim o mundo entrou sob o signo dum hegemonismo unipolar. Isto não é bom para a humanidade, é mais saudável que ela exista nas condições de pluripolaridade. E é neste plano que o Brasil tem um papel importantíssimo para a superação da unipolaridade.

dade cultural. Os Estados devem caminhar não atrás dum líder, qualquer que seja ele, mesmo supervirtuoso, senão um ao lado de outro, e cada um chegue até onde puder. Seguindo esta linha de raciocínio é de acrescentar que toda comunidade nacional tem seu lugar e sua participação no recusar ou aceitar as consequências negativas do globalismo que esmagam as diferenças locais, mas este papel é um tratando-se dum país cujos habitantes cabem no Maracanã e totalmente outro se é um país quinto em extensão e população e sexta economia. É neste sentido que o Brasil, não importa se tem consciência e se aspira a tal objetivo, com seu potencial humano, natural, econômico, com seu folclore, cultura em geral, é uma das maiores esperanças da humanidade de que ela construirá um mundo mais sensato e melhor.

Sinto satisfação em dizer que há dezenas de anos venho divulgando valores literários e culturais dum povo cujos soldados não têm queimado com bombas atômicas e napalm pessoas vivas, que de um modo modestíssimo apoia um Estado cuja política exterior é insistentemente pacífica.

Me é grato igualmente que a presente outorga de título coincida com cinco aniversários: 110 anos do nascimento de Drummond, 110 anos do primeiro livro búlgaro sobre o Brasil, 90 anos do modernismo brasileiro, 50 anos da UnB e 20 anos de filologia portuguesa na Bulgária.

Em sinal de gratidão para com a UnB, ofereço à Biblioteca uma doação de livros que traduzi e prologuei e de que meu filho Momchil fez as capas.

Há dois versos cantados pelo autor Vinicius de Moraes: “É melhor ser alegre que ser triste, / alegria é a melhor coisa que existe”. (A propósito, o hino da União Europeia é “Ode à alegria”.) Quanto a alegria o Brasil é o indiscutível campeão mundial e de todo o coração desejo-lhe que continue invencível, com um crescente bem-estar do povo.

Agradeço profundamente, de todo o coração, à Universidade de Brasília, a tão alta honra de outorgar-me o título de Doutor Honoris Causa. Desejo aos professores, alunos e funcionários desta Casa de Estudos Superiores saúde, alegria, felicidade e sucessos no trabalho, votos meus que incluem a todos aqui presentes.

*** Discurso de agradecimento pela outorga do título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Brasília - UnB (2012)**



ORAÇÕES ACADÊMICAS

DISCURSO DE POSSE

LUCÍLIA GARCEZ

Boa noite ao presidente da Academia Brasiliense de Letras, Fabio de Sousa Coutinho.

Boa noite a todos os membros desta Academia e também da ANE.

Boa noite aos amigos e familiares presentes.

Hoje, com muita alegria, tomo posse na Cadeira de número 13 desta Academia. Devo agradecer inicialmente a meu pai que, tendo vindo da zona rural, chegou a ser Auditor da Receita Federal e me ensinou a amar os livros. Constituiu uma bela biblioteca de clássicos e sempre dizia: “O mais belo do mundo é ensinar o que se aprendeu.” Minha mãe era dona de casa, mas sempre me impulsionou a fazer o meu melhor. Agradeço também ao Vladimir que, como companheiro solidário, me mobiliza cotidianamente com seu exemplo admirável. Agradeço a minhas filhas Adriana, Cristina e Fabiana, fonte do estímulo e sentido para consolidação de uma carreira profissional significativa. E também aos meus netos Gabriel, Ana Flávia, Kael, Laila e Isis, que me fazem todos os dias acreditar no futuro. Por causa deles chego até aqui.

A Cadeira número 13 tem como Patrono Manuel Antônio de Almeida. Figura ímpar na nossa literatura, pois, embora tenha sido

contista, crítico, cronista, poeta, ensaísta e teatrólogo, notabilizou-se pelo seu único romance **Memórias de um Sargento de Milícias**.

Estudou arte e medicina, mas optou pela carreira de jornalista, que exerceu publicando o suplemento **A Pacotilha** no **Correio Mercantil**. Foi professor do Liceu de Artes e Ofícios, diretor da Tipografia Nacional, trabalhou na Secretaria de Negócios da Fazenda, e, quando iniciava sua campanha para ingressar na política como deputado provincial, morreu precocemente, em 1861, aos 30 anos, em decorrência de um naufrágio perto de Macaé. Perdeu os pais cedo e teve uma infância carente, da qual, certamente, registrou em sua memória elementos utilizados no romance.

Publicado originalmente em folhetim no **Correio Mercantil** (1852/1853), **Memórias de um Sargento de Milícias**, era assinado sob o pseudônimo de “Um brasileiro”. O nome do autor somente foi revelado na terceira edição, provavelmente revista por Machado de Assis, que trabalhava como aprendiz na Tipografia Nacional, onde Almeida era diretor. O texto apresenta estrutura episódica muito característica dessa forma de publicação periódica em capítulos.

Apesar de alguns críticos classificarem-no como romance picaresco, Antônio Candido esclarece que o picaresco, de origem ibérica espanhola, geralmente é narrado em

primeira pessoa, o pícaro apresenta uma falsa candura, e a crueldade da vida é que o leva à mentira, à dissimulação, ao roubo, aos lances de esperteza, à falta de escrúpulos. Tem sempre uma posição social servil e, mesmo terminando em má situação, obtém algum aprendizado em consequência de suas peripécias. O elemento obsceno se faz presente e há muita movimentação entre espaços, grupos e costumes variados.

Memórias de um Sargento de Milícias, em contraposição, é narrado em terceira pessoa, o personagem principal, Leonardo, não é servil, tem origem humilde, mas tem a proteção do Compadre, e é amável, risonho, espontâneo. Além disso não apresenta obscenidades, e o enredo termina bem. Suas peraltices fazem parte de sua natureza e não são provocadas por situações adversas da sociedade. É com certeza o primeiro **malandro** da literatura brasileira na tradição da comichidade popular que se concretiza em figuras como Pedro Malazartes.

Sempre explorando a oposição entre ordem e desordem, o romance se afasta do romantismo propriamente dito porque ignora as classes aristocráticas, os poderes dominantes, a escravidão e focaliza o ambiente, os costumes e a linguagem do povo, ou seja, da classe média baixa, da pequena burguesia. Portanto não traça um retrato completo do Rio de Janeiro, mas faz um documentário restrito.

É coerente com a produção satírica e cômica da época em que começam a surgir jornais como O carapuceiro, O Novo Carapuceiro e as caricaturas políticas produ-

zidas, principalmente, por Araújo Porto-Alegre, bem como as peças de Martins Fontes. O enredo envolve fugas, traições, feitiçaria, prisões, vinganças, mentiras, interesses financeiros, desavenças e ciúmes, sempre de forma bem-humorada, irônica, satírica, ridícula e caricatural.

Em oposição ao romantismo *stricto sensu*, não são explorados o individualismo, o subjetivismo, o sentimentalismo, a introversão, a angústia, o sofrimento exagerado, o desespero e o trágico. Assim, como são ignorados os temas caros à época como o indianismo idealizado, o nacionalismo e a pompa do estilo, ou seja, o “beletrismo”. O próprio romancista ironizava o romantismo:

“Tratava-se de uma cigana; o Leonardo a vira pouco tempo depois da fuga de Maria, e das cinzas ainda quentes de um amor mal pago, nasceu outro que também não foi a esse respeito melhor aquinhoado; mas o homem era um romântico, como se diz hoje, e bobão como se dizia naquele tempo; não podia passar sem uma paixãozinha”.

Assim, **Memórias de um Sargento de Milícias** fica na história da literatura brasileira como uma antecipação de características do realismo e um dos primeiros romances que colocou o povo em cena, desvinculando seu tema da ideologia das classes dominantes do seu tempo e trazendo para o cânone a figura tão característica do nosso malandro.

Passo agora, com muita admiração e respeito, a fazer uma homenagem ao meu ilustre antecessor, o jornalista, escritor e colega da Universidade de Brasília Carlos Chagas. Mineiro como eu, Chagas saiu de Três Pontas, interior de Minas, para o Rio em 1947, onde estudou no Colégio São José, e se formou em Direito na Pontifícia Universidade Católica em 1960, quando já passara pelo Jornal do Brasil e trabalhava no jornal O Globo. Por pouco tempo foi advogado de presos da Ilha Grande, Promotor concursado em Mendes e em São João da Barra, Secretário de imprensa do governador Negrão de Lima (1965). Mas optou definitivamente pelo jornalismo enquanto era editor de política de O Globo, onde trabalhou por 7 anos (1962 a 1969). Em 1969, iludido pela conversa particular que teve com o Presidente Costa e Silva sobre sua intenção de abrir o congresso, anular os atos institucionais e promover a abertura democrática, aceitou ser seu secretário de imprensa, seu porta-voz.

Segundo seu próprio depoimento ao CPDOC em 2006 em entrevista realizada no contexto do projeto “200 Anos de Justiça Militar” afirma:

“Eu era editor político d’O Globo lá no Rio de Janeiro, nunca tinha pensado em mudar para Brasília e sair de perto do mar. Mas veio o AI-5, foi aquela coisa execrável, horrorosa, começou a haver censura à imprensa, e o presidente Costa e Silva, que, antes do AI-5, conversava com alguns jornalistas com frequência, chamava para conversar informalmente... Você não tinha que concordar com

eles, mas o seu papel de jornalista era registrar o que eles pensavam, o que eles falavam. Veio o AI-5 e o Costa e Silva nunca mais chamou ninguém, aqueles jornalistas políticos lá do Rio e de São Paulo. Em maio de 1969, recebi do ajudante de ordem o chamado para falar com Costa e Silva no Palácio das Laranjeiras. Fui lá. Cheguei já umas seis horas da tarde, tendo dito ao secretário de redação d’O Globo: ‘Não fecha a página, não, porque pode ter novidade. O presidente chamou para conversar’. Chego lá na antessala, não tem ninguém, só eu. ...E eu entrei, e o presidente começa a falar sobre a conjuntura e diz, entre outras coisas importantes, que ele não passaria à História como mais um general que simplesmente golpeou as instituições, que ele ia acabar com o AI-5, que ele ia dar os primeiros passos no sentido da abertura política. Porque ele tinha provocado um retrocesso. Ninguém o livra desse erro. Então, ele começou a falar e eu comecei a arregalar o olho.

E naquele tempo não havia gravador. O jornalista treinava a memória, é claro. Nem anotava nada, porque anotar assusta o entrevistado. Então eu comecei a arregalar o olho e a gravar aquilo tudo na cabeça. E o velho, que era um velho esperto – ele não tinha grande cultura, mas tinha uma intuição muito grande –, ele olhou para mim e disse: ‘É, estou te falando isso tudo, mas você não vai publicar isso hoje, não’. Eu digo:

Ah, presidente, mas como?! Isso é uma coisa muito bonita, o senhor vai acabar com o AI-5 e tudo. Ele disse: 'Não, não'. E ele me disse que ia convocar uma comissão de juristas para fazer um anteprojeto de reforma da Constituição e que, depois de discutir aquilo, ele e o Pedro Aleixo, o vice-presidente, iriam reabrir o Congresso – o Congresso estava em recesso, fechado ditatorialmente –, iriam reabrir e mandar para o Congresso esse anteprojeto. E eu fiquei na maior felicidade e disse: Quero a notícia! Vamos publicar isso. Ele disse: 'Não, não. Você não vai publicar nada hoje. Eu te chamei aqui porque você é conhecido pelos políticos, é respeitado e eu quero te chamar para vir ser o meu secretário de Imprensa, o meu porta-voz, para dar essas notícias aos poucos, não de repente, porque isso vai assustar os radicais'.

Era uma sexta-feira. Aí ele disse: 'E não precisa resolver agora, não. Volta aqui na segunda e me diz se você aceita ou não'. E eu passei o pior fim de semana da minha vida. Eu tinha duas filhas pequenininhas, morava no Rio, estava n'O Globo... Aí o que acontece? Segunda-feira, depois de sofrer um bocado, eu fui lá de manhã, no Palácio Laranjeiras, e disse: 'Presidente, eu aceito'.

Testemunha tanto das tentativas médicas de salvar o presidente, acometido por um acidente vascular cerebral, Chagas acompanhou de perto as intrigas para a formação da

junta militar que o substituiria e perpetuaria de forma mais recrudescida o regime de exceção. Suas 21 reportagens publicadas em O Globo sobre esse período lhe renderam o Prêmio Esso de Jornalismo de 1970. Transformaram-se no livro **113 dias de angústia**, em que relata a doença, o impedimento e a morte do presidente, bem como as negociações para sua substituição. O livro foi proibido pela censura até a abertura em 1979.

Assumiu a sucursal de Brasília de O Estado de S. Paulo em 1972, onde trabalhou por mais de 16 anos. Rosângela Bittar, sua colega por muito tempo, declara: “Carlos Chagas Ameno, doce, educado, foi um dos diretores mais solidários e cordiais com quem trabalhei. Dos traços da sua personalidade de chefe de jornal se sobressaiu o de repórter. Tinha amor à notícia e a ela se dedicava em tempo integral. As conversas, as entrevistas, a análise, mas sobretudo o furo eram o seu combustível. Tinha visível prazer em dar uma notícia antes dos outros. Teve um papel fundamental na modernização da cobertura de governo e, como chefe, orientou e apontou o caminho para as primeiras matérias investigativas sobre abuso no manejo das verbas públicas. Em período difícil, da ditadura e censura, era destemido, solidário com seus repórteres investigados em qualquer processo e comparecia pessoalmente às audiências. Comigo foi duas vezes. Inovou, procurou orientar a equipe sobre como decifrar o poder e reportar os fatos a seus leitores.”

Segundo entrevista que concedeu ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (Cpdoc),

negou-se a atender as exigências dos novos responsáveis pelo jornal, que pretendiam fazer mudanças na empresa, com reformas abruptas no quadro de jornalistas e a demissão de alguns profissionais considerados de “tendência esquerdista”. Por isso, demitiu-se em 1988.

Simultaneamente colaborou com *A Última Hora* e foi comentarista político de TV e rádio. Na *Jovem Pan* comentou política em *A palavra da corte* por 13 anos.

Apresentou *O Jogo do Poder*, exibido pela Rede Manchete na década de 1990, Central Nacional de Televisão CNT em 2003 até 2007, quando Carlos Chagas foi contratado pelo SBT. Em 2014, após deixar o SBT, onde comentava política nos telejornais da casa, Carlos Chagas volta a CNT para comandar novamente o *Jogo do Poder*. Em 2016, se aposentou da televisão.

Em outubro de 1977, quando na sucursal de *O Estado de S. Paulo* em Brasília, foi indiciado num inquérito policial-militar (IPM), com base na Lei de Segurança Nacional e na Lei de Imprensa, por ter-se negado a denunciar as fontes da nota “Um risco de febre amarela após ocupação”, publicada no dia 7 de agosto, bem como os nomes de um professor e de um assessor parlamentar citados na matéria. A nota fazia referência ao “imminente risco de febre amarela na cidade, provocado pela queda de um recipiente com grande quantidade de mosquitos portadores da doença, acidente ocorrido durante a invasão da Universidade de Brasília por policiais”, conforme noticiou o *Jornal do Brasil* de 3 de outubro de 1977. No entanto,

o IPM foi encaminhado à Justiça Militar e arquivado.

Tornou-se diretor-geral e responsável pelos comentários políticos da rede e da revista *Manchete* (1988).

Quando do lançamento do Plano Collor — plano econômico de combate à inflação posto em prática pelo governo de Fernando Collor de Melo logo após a posse, em 15 de março de 1990 —, passou quase 48 horas inteiras no ar, promovendo amplo debate sobre o confisco da poupança popular.

Em um episódio digno de Orson Welles, em 2 de setembro de 2006, Carlos publicou no site da revista Brasília em Dia uma notícia sobre a criação de uma ONG chamada Sociedade dos Amigos de Plutão. Na notícia, Carlos divulgou detalhes sobre a suposta ONG apontando número de diretores, valores destinados à organização e uma ligação íntima entre o presidente da ONG e políticos. A notícia em questão gerou grande repercussão dentro e fora da internet, atingindo seu ápice quando o senador piauiense Heráclito Fortes do então PFL propôs uma CPI para apurar a suposta criação da ONG. Carlos Chagas publicou uma retratação no dia 2 de outubro em sua coluna na Tribuna da Imprensa. Nela, afirmou que tudo aquilo não passava de uma metáfora, de uma ficção, sem nenhuma relação com a realidade.

Além de **113 dias de angústia** (1970), publicou inúmeros importantes livros para a análise da história do Brasil: **Resistir é preciso** (1975); **A guerra das estrelas** (1985); **A explosão no Planalto** (1988); **Castelo Bran-**

co- o jornalista do Brasil (1998); **O Brasil sem retoques – 1808 a 1964** (2001); **A ditadura Militar e a longa noite dos generais** (2015). Foi por 18 anos representante da Associação Brasileira de Imprensa ABI em Brasília.

Mas entre todas as múltiplas atividades profissionais exercidas por Carlos Chagas sobressai a de professor do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília por 25 anos, onde chegou a receber a honraria de Professor Emérito, além de ter sido repetidamente escolhido como patrono e paraninfo de turmas de formandos. Lecionava Ética e legislação nos meios de comunicação e problemas sociais e econômicos contemporâneos. É responsável pela formação de várias centenas de profissionais que hoje se destacam na mídia nacional repercutindo suas convicções.

Miriam Leitão, uma das mais premiadas jornalistas brasileiras, revela que, já enquadrada na Lei de Segurança Nacional, na década de 70, não podia mais permanecer em Vitória e veio para Brasília a procura de trabalho e transferência da Universidade Federal do Espírito Santo para a UnB, que só aceitava filhos de militares ou de funcionários públicos transferidos. Procurou Carlos Chagas e é eternamente grata a ele que, generosamente, sem conhecê-la, articulou e conseguiu sua transferência para a UnB, onde se formou.

Tereza Cruvinel, colunista respeitada no mundo político, afirma: “Tive uma convivência longa e fraterna com Carlos Chagas, que para mim nunca deixou de ser o profes-

sor com quem muito aprendi na graduação e no mestrado em Comunicação na UnB. Mais tarde, já colunista política, tive nele um interlocutor precioso, muitas vezes crítico, mas sempre generoso. Poucos jornalistas foram, como ele, um verdadeiro mestre de ofício”.

Rosângela Vieira Rocha, escritora e jornalista, declara que “O número de vagas das disciplinas do prof. Carlos Chagas não era suficiente para tantos alunos voluntários, oriundos de outras áreas. Ele acolhia todos com delicadeza e generosidade, dispensando o mesmo tratamento a matriculados e ouvintes. Foi um professor excelente, por sua cultura, seus conhecimentos técnicos e sua paciência.”

Helena Chagas, jornalista, filha de Carlos Chagas, relembra: “As minhas mais remotas lembranças são de meu pai escrevendo numa Olivetti preta. Eu, muito pequena, ficava por ali observando. Nas últimas recordações que tenho dele, chegando aos oitenta anos, Carlos Chagas está também escrevendo, agora no computador. Meu pai dedicou sua vida ao jornalismo. Escrevendo, ajudou a iluminar o caminho nas trevas impostas pelo regime autoritário durante a ditadura militar – o que lhe valeu alguns processos com base na Lei de Segurança Nacional. Ensinando a escrever, como professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, ajudou a formar muitas gerações de jornalistas. Publicando livros, contribuiu para a narrativa da história de nosso país – e, nessa atividade, teve a satisfação e a honra de fazer parte desta Academia. O ato de escrever era, para meu pai, a sua maneira de ajudar

a melhorar o mundo, lutar pela democracia, passar adiante os valores da honestidade, da justiça, da fidelidade aos fatos e à verdade. Escrevendo, meu pai exercitou suas maiores qualidades: a generosidade e o amor ao próximo. Ele nunca me deu lições. Ensinava pelo exemplo. Um dia, depois de dissabores e decepções da profissão, eu anunciei em família que ia abandonar o jornalismo. Não aguentava mais. Ele me olhou com aquele ar de quem não estava levando nada daquilo a sério: ‘Isso é a sua vida’. Meu pai sabia mais de mim do que eu mesma.”

Seus artigos contam a história do Brasil com humor, ironia e elegância de estilo. Comparou os parlamentares durante a ditadura com jogadores de futebol sem bola, com tartarugas cheias de artimanhas para sobreviverem, denunciou que as promessas iniciais de preservação da democracia apresentadas pelos presidentes militares nunca se concretizaram, considerando que “O que não se pode chamar de democracia é um regime onde, a pretexto de defendê-la, se pratique a sua negação”. Cobrou o diálogo e defendeu a possibilidade de se aliar desenvolvimento econômico e democracia,

pois o preço pago ao desenvolvimento pela falta de democracia é insuportável e sufoca o livre pensamento; denunciou as estatísticas irreais, eufóricas e fictícias relativas ao “milagre brasileiro” e o surto de meningite ignorado pelas autoridades em 1974; defendeu as eleições diretas; refletiu sobre o julgamento do futuro e defendeu a resistência como fundamento da liberdade: “Liberdade constitui valor uno e indivisível. Não pode ser repartida em pedaços ou distribuída em doses homeopáticas. Liberdade é mais ou menos como honra: ou se tem ou não se tem. Se possuímos meia-liberdade, ou semi-liberdade, no fundo não possuímos liberdade alguma... Através dos séculos, liberdade tem sido direito conquistado na luta. Realidade envolta em sacrifício. Valor forjado na resistência. Pode-se ter a impressão, em dados momentos, que o fundamental (a liberdade) transfigurou-se ou foi superado. Nada menos certo. Basta esperar. Resistir, que como navegar, também é preciso.”

O trabalho e a vida de Carlos Chagas nos aproximam do que seja civilização.

Brasília, DF, 24 de outubro de 2019

DISCURSO DE RECEPÇÃO

MARGARIDA PATRIOTA

Reinava a mineira Lucília Helena do Carmo sobre a amplidão farfalhante de um vasto coqueiral, quando me foi dada a oportunidade de conhecê-la em seu reino. Tudo conspirava para que sua mineirice desterrada se acomodasse num habitat que lhe conferia condição de rainha da cocada mole, quando a sociedade usineira a que se afiliara por matrimônio a enfadou, melhor dizendo, a aperreou num grau que a levou a abandonar, de mala, cuia e três filhotas, seu latifúndio entre canaviais e mar, pelas bandas do litoral sergipano, para vir buscar em Brasília o latifúndio de algo esquivo e intangível chamado Literatura. O que parecia desprendimento inconsequente de juventude era, na verdade, ambição. Terras mensuráveis, eivadas de coqueiros contabilizáveis não lhe bastavam. Queria domínio sobre o terreno maior da inesgotável combinatória das letras em vocábulos, vocábulos em unidades de sentido; queria em mão o quanto pudesse abarcar do mundo da escrita e da imaginação traduzida em palavras impressas.

Leitora inveterada já era, por então. “Devoradora de livros” no dizer da amiga Dad Squarisi. Tão logo obteve diploma de Mestre em Literatura, com tese sobre a retórica do fantástico em Murilo Rubião, empreendeu doutorar-se na área de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas e tornou-se professora do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. De par com a docência e a pesqui-

sa acadêmica, não demorou a ser convocada assiduamente para participar de inúmeras bancas de concursos públicos e de correção de redações de exames de Vestibular.

Num mister em que milhares de composições textuais de vestibulandos taludos, nos seus dezessete, dezoito, dezenove anos, chegavam-lhe à vista, matéria a reflexão não lhe faltou, à medida que tropeçava a cada duas linhas em asserções que lhe causavam perplexidade.

Era um aluno a considerar o “ditongo a repetição da música típica mais popular da Argentina”; Outro a estimar “Apóstrofes, os dozes homenzinhos que comeram com Jesus e que Miguelanjo bateu a foto”; Outro a argumentar que “com essa mania de proteger o meio ambiente o ambiente todo se ferra”. Numa altura em que Péricles surgia como o “principal ditador da democracia morto num movimento de terra não cultivada outrossim chamado terremoto”, Lucília, sobranceiras erguidas, decidiu oferecer seu contributo para tentar minorar o fracasso escolar com que se deparava. Dedicou-se com afinco ao estudo da expressão escrita em língua materna, no tocante à eficácia perante o outro, o outro a quem nos dirigimos, afinal de contas, quando escrevemos.

Convenceu-se de que ter em mente a precedência do social sobre o individual é um pressuposto básico do escrever bem-sucedido, do manejo competente da escrita,

da elaboração textual congruente. Acontece que as salas de aula desde que implantadas nas escolas brasileiras (por oposição ao ambiente domiciliar em que vigorara o ensino de uma elite diminuta até albores do século XIX), dava ênfase à cobrança, à fiscalização, ao escrutínio, à padronização, à transmissão de normas de forma ameaçadora e constrangedora. Pedagogos que preparavam professores para pontificar diante de vinte, trinta alunos, demoraram a perceber a importância da confiança e dos estímulos entre os participantes da cena escolar; tardaram em notar que a curiosidade tem laços estreitos com a afetividade; custaram a encarar a recusa de aprender como um sintoma de relações pedagógicas estabelecidas de forma inadequada. O professor não devia ser um andaime estático a sustentar o edifício normativo da expressão verbal em língua materna. Precisava aceitar que redigir é um processo dinâmico e paulatino entre no mínimo dois interlocutores. Ensinar o aluno a escrever de maneira procedente demanda ensiná-lo a se afastar do seu texto, para observá-lo sob a ótica do funcionamento junto a um leitor virtual. O foco transformador do ensino da redação estaria menos na censura ao texto produzido pelo aluno, do que na orientação para remodelar seu texto com paciência, de forma que tenha nexos, veicule informações procedentes e repercuta a contento em quem vai recebê-lo. Era preciso desenvolver a capacidade de leitura no alunado, leitura solitária, leitura em conjunto e solidária, comentários construtivos, interação entre pares, revisões múltiplas, respeito ao alvo da intenção comunicativa.

Na sequência do livro *A escrita e o outro*, Lucília elabora o compêndio prático: *Técnica de redação – o que é preciso saber para bem escrever*, que lhe sai pela editora Martins Fontes. O conhecimento que o livro se propõe a oferecer, resume-se, segundo a autora, na “descristalização” de alguns mitos, a saber: o de que escrever seja um dom que poucas pessoas têm; de que seja um ato espontâneo, que não requer empenho; de que se resolva com duas, três dicas; de que seja desnecessário no mundo atual; de que seja desligado da leitura; de que seja desvinculado de contextos sociais. Escusa dizer que para desbancar tais mitos Lucília se vale de abalizados conceitos e teorias da comunicação que ela traduz em linguagem despretenhosa e clara.

Enquanto se esforça em mostrar a professores e alunos que produzir um texto escrito funcional, eficaz o suficiente para não prejudicar a vida profissional, não é um bicho de sete cabeças, mas supõe reflexão, processo atento de releituras e reescrituras, bem como vontade de ser compreendido e apreciado pelo outro, Lucília, na maciota, escreve textos em que meramente fabula para dar vazão a seu pendor criativo.

Estamos em 1986. Ao se inteirar do edital de um concurso de contos organizado para oferecer à mulher brasileira um canal de expressão e divulgação do trabalho artístico literário, Lucília não perde tempo. Carimba um pseudônimo na folha de rosto do conto que recém escrevera com o título de “Flores e peixes” e o inscreve no Prêmio Cora Coralina, estatuído pelo Ministério da Cultura, Instituto Nacional do Livro e

Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Dos mil e quatrocentos contos inscritos no certame, dez são escolhidos para prêmios e menções honrosas. “Flores e peixes” está entre os eleitos. Defenderam as qualidades da obra anônima os escritores Ana Maria Martins, Ricardo Ramos e a terceira integrante da comissão julgadora, Margarida Patriota, que na hora de desvendar pseudônimos e identificar quem premiara, muito se orgulhou do seu faro crítico. A menos que sua escolha tivesse sido determinada por essa força inexplicável e fatal que Montaigne via intervir em certas amizades; nesse decreto da Providência que ele suspeitava interviesse na aproximação de certas almas.

Acalentava, então, Lucília Helena, a aspiração de enveredar pela senda da escrita criativa, lúdica, informal, imaginativa, fora dos quadros da responsabilidade docente universitária, quando, para transportá-la justamente nesse rumo, aparece-lhe um cavalo encilhado. Um indivíduo puxando o cavalo encilhado, melhor dito. Vinha o homem das paragens dos coqueirais que Lucília deixara para trás. De perto de onde uns envergam, gibão, peitoral, perneiras de couro cru e soa natural que se chamem Josimar. Sobreçando uma resma de desenhos coruscantes sobre o músico sertanejo Luís Gonzaga, aparece-lhe Josimar — Josimar Fernandes de Oliveira — e, com a petulância do pernambucano que se formou na Escola Superior de Artes Industriais de Budapeste, Hungria, determina que Lucília escreva um livro para crianças com base nas ilustrações que ele lhe trouxe. Lucília obtempera: “As ilustrações são magníficas, mas eu não sei escrever para crianças.” Josimar replica: “Você não sabe que sabe.

Comece já.” E Lucília começa. Sem saber que sabe entreter crianças, apresenta-lhes via narrativa Luís Gonzaga, Hans Staden, Perceval, Lewis Carrol, a arte em geral (apresentação esta que lhe rendeu cem mil exemplares vendidos), a arte brasileira, Ariano Suassuna, e, isso tudo, aliada sempre a desenhos, cujos traços, em que pese a Hungria de permeio, não disfarçam a proveniência da ilha de Itamaracá, a influência da literatura de cordel, das xilogravuras dos folhetos de cordel, do visual dos mamulengos, da arte de mestre Vitalino, das festas de São João de Caruaru. Quem viveu entre o mar e os canaviais que bordejam o agreste não se livra fácil de sua gente. Lucília não à toa publicou livros em parceria profícua com o ilustrador Jô Oliveira, manteve o Garcez cavalheiresco no nome, uniu seus dias aos de um cineasta paraibano.

Boas parcerias são aquelas em que os parceiros não se sufocam mutuamente, não inibem os voos solo de cada qual. No milênio em progresso, resta a Lucília energia de sobra para ampliar sua produção literária independente e se associar a ilustradores de variadas linhas. Escreve livros de cunho paradidático com ilustração a cargo da editora Callis, por exemplo; escreve *Palavras mágicas*, *Alfinete*, *o porco espinho*, *A primeira vez que vi o mar* para a editora Franco, de Juiz de Fora; publica *Eu me lembro de vovô Hermé*, pela renomada editora paulista Panda Books.

Eu também me lembro de vovô Hermé. Simples, suave, sábio, glutão o suficiente para esconder o seu queijo favorito num cofre; avoadado o bastante para colocar uma

caixa de sapato — com os sapatos dentro — na geladeira. Lucília tem muito de vovô Hermé. É simples, suave, sábia, quando explica as teorias mais intrincadas da escrita; é simples, suave, sábia quando conta histórias para leitores principiantes; é simples, suave, sábia, até quando o assunto de sua história não é propriamente suave, como acontece em *Outono*, o seu primeiro romance.

Temos, em *Outono*, o relato franco e pungente de uma paisagista de meia idade que no desconforto de um estado civil incerto, vive uma vida de viúva metida entre plantas, livros e a lembrança do marido desaparecido, para ela insepulto, embora dado como morto, oficialmente, pelas forças de repressão do período da ditadura militar no Brasil. Obra de quem conhece em profundidade o panorama cultural brasileiro das décadas de 1960 a 1980, *Outono* revela uma narradora que se expressa em estilo simples, de timbre suave e sábia tessitura; que se revela sensata no uso das palavras, oportuna no dizer, madura no comentar abundantes leituras. Impossível não distinguir a trajetória da própria autora no painel livresco que a narradora de *Outono* oferece ao leitor, como segue:

Desde menina eu gostava de ler. Primeiro foram os gibis: Pato Donald, Bolinha e Luluzinha, Lili, Mandrake, Fantasma... em seguida as fotonovelas traduzidas do italiano com adaptações de romances europeus clássicos e fotos de artistas que representavam a cena do enredo. Depois as histórias de amor em revistas semanais, que tinham sempre a mesma trama: uma moça pobre era seduzida e abandonada, mas encontrava um rapaz rico que a

acolhia, perdoava sua fraqueza do passado e eram felizes para sempre. Até que descobri a literatura.

No colégio, o professor de língua portuguesa indicou a leitura de Clarissa, de Érico Veríssimo. Aquilo era infinitamente melhor que os contos de amor da banca de revistas. Eu me identificava profundamente com a personagem. Começou então uma paixão pelos livros que me acompanharia para sempre.

Durante a adolescência, descobri os românticos e li José de Alencar numa edição antiga da Garnier, de capa dura forrada de percalina verde. [...] Depois conheci Machado de Assis, Lima Barreto, Vieira, para então [...] chegar à descoberta dos contemporâneos: Clarice Lispector, Rubem Braga, Fernando Sabino, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, José Lins do Rego.

Na juventude apaixonei-me pela poesia [...] A Literatura estrangeira foi chegando aos poucos: Balzac, Steinbeck, Hemingway, Fitzgerald, Kafka, Sartre, Rilke, Camus, Proust.

Steinbeck. Esse sobrenome reverbera em mim, inseparável dos idos de 1977, quando tive a oportunidade de travar amizade com Lucília. Em meio à conversa que entabuláramos, lembro-me, como se fosse hoje, de Lucília me recomendando vivamente que lesse a novela *A pérola* de John Steinbeck.

Julgo *Outono*, por sinal, um romance de brilho lunar perolado. Romance escrito por mão de autora que sobre ser firme no que escreve é uma pérola de pessoa. Uma pérola, assevero, certa de que utilizo com proprie-

dade e rigor o bordão. Já que Lucília é uma pérola, convenhamos. Não há negar. É uma rosa, por que não dizer, para sacramentá-la de vez com outro estereótipo feminino. Rosa, desde quando plantou o jasmim do seu conto “Flores e peixes”, até quando afirma, sabedora: “É época das hortênsias”, na abertura de seu romance de fôlego *Outono*. Lucília é uma rosa, é uma rosa, é uma rosa. Quisera guardá-la (como Hermé sua caixa de sapato) na geladeira, pois penso que, além de flor, ela é um doce, é um doce, é um doce. E, uma vez que ecos de Gertrude Stein me assaltam, não me furto de associar Lucília Garcez à mencionada figura-chave do cenário artístico e literário ocidental, em primórdios do século XX. Assim como Gertrude Stein converteu seu lar parisiense, na rue de Fleurus 27, do *Quartier latin*, num ponto de encontro rele-

vante para pintores e escritores da geração que militou nas artes, no período que vai da primeira à segunda guerra mundial, assim o faz Lucília (e sem a prepotência provocadora da mecenas norte-americana em Paris), na QI 10, Conjunto 7, Casa 29, do Lago Norte, bem como nos diversos grupos de leitura e coletivos de autores que ela fomenta, lidera, dinamiza, apazigua, ajuda a congregar em Brasília. Por essas e outras fomentações, fermentações, redações, edições, lições, criações literárias suas, só me resta decretar desta tribuna, Lucília Helena do Carmo Garcez é uma escritora, é uma escritora, é uma escritora, de se abrigar sem vacilo nos anais desta Academia.

DISCURSO DE POSSE

MAX TELESCA

Pus-me então a examinar a sabedoria, a tolice e a insensatez: “Que fará o sucessor do rei? — O mesmo que outros já fizeram!”. E observei que a sabedoria está tão à frente da insensatez, quanto a luz precede as trevas. Diz-se que “o sábio tem olhos na cabeça, o insensato caminha no escuro”, mas eu aprendi que o fim de ambos é o mesmo. Por isso, disse no meu coração: “Se o fim do insensato e o meu será o mesmo, que me aproveita o ter-me aplicado mais à sabedoria?” Falando comigo mesmo, adverti que também isso era vaidade. A memória do sábio não será eterna, como também não será a do insensato, pois os tempos futuros cobrirão tudo igualmente com o esquecimento: tanto morre o sábio como o ignorante.”

Eclesiastes 2, 12-16.

A aparente contradição do Eclesiastes poderá ser uma boa epígrafe para este discurso pelo qual me apresento à Academia Brasileira de Letras, pensei eu, pois apesar da finitude da existência material, a sabedoria fica para o depois e, aquilo que chamamos de imortalidade, é a busca humana incessante pela transcendência do fim inevitável. A obra fica e, apesar de Salomão – a quem se atribui a escritura – ter ido infalivelmente ao pó, suas palavras continuam a ecoar como uma das fundadoras

do pensamento ocidental, mesmo depois de 2.500 anos.

Quis a vida que um encontro aparentemente fortuito, me trouxesse para o seio deste universo tão rico. Digo aparente, pois os passos seguintes viriam a consagrar um evento sincronístico. A tão complexa coincidência significativa, o encontro do inconsciente individual com o coletivo em evento não causal, como definiu Jung, trouxe-me para a cadeira ocupada pelo grande José Oswaldo de Meira Penna, um estudioso do fundador da psicologia analítica e do patrimonialismo brasileiro, temas nos quais dedico boa parte das minhas leituras e inquietações.

Do mesmo modo, com a mesma intensidade correlacional, o patrono da Cadeira n.º II, Antônio de Alcântara Machado, foi um dos primeiros, senão o pioneiro com grande destaque na literatura brasileira, a dar voz aos imigrantes italianos, minha origem, como Telesca e Mota que sou, num memorável livro de contos e crônicas que se tornou um clássico do modernismo brasileiro.

Esses dois escritores, ambos na imortalidade de suas obras, trazem também uma aparente sincronicidade, digamos assim, a *contrario sensu*.

Meira Penna, com profícua obra publicada, mais de duas dezenas, morreu idoso com 100 anos de idade. Alcântara Machado, um dos

primeiros modernistas brasileiros, teve obra incisiva, porém exígua, pois faleceu aos 33.

As fotos de Alcântara Machado revelam o rosto de um jovem, quase menino, um dos primeiros a trazer para a prosa brasileira a estrutura modernista realista. Sua morte precoce, em 1935, trouxe desgosto ao seu pai, o jurista, político e também escritor José de Alcântara Machado, ocupante da Cadeira n.º 37 da Academia Brasileira de Letras, nascido na mesma data deste que ingressa hoje na cadeira de seu filho, exatamente 99 anos antes, em 19 de outubro 1875, vindo a ser sucedido pelo gaúcho Getúlio Vargas, em 1941.

Antônio de Alcântara Machado, o jovem, a quem tenho a honra de ocupar a partir do dia de hoje sua cadeira, não obstante a ausência na Semana de Arte Moderna de 1922, é um dos principais expoentes do modernismo. Seu texto, atualíssimo em forma, quase 100 anos depois, continua contemporâneo e vivaz, com seus períodos curtos, linguagem cinematográfica e coloquial, diferindo do rebuscado texto brasileiro pré-modernista, em que a eloquência, o bacharelismo e a prosa mais afeta-da eram as regras.

Em *Braz, Bexiga e Barrafundada*, seu clássico publicado em 1927, o patrono da Cadeira n.º II, quebrando com essa tradição ultrapassada, em prosa nova, nos apresenta os tipos singulares da cultura brasileira e da formação da identidade nacional, centrando-a no ítalo-brasileiro, sua personagem mais significativa. A força imagética é, de fato, um avanço em sua obra.

Existe consenso de que há uma linguagem fundada por Gustave Flaubert: a narrativa realista. Considerado por alguns biógrafos o escritor favorito do genial Franz Kafka, por sua vez o escritor favorito de meu pai, Luiz Geraldo Telesca, Flaubert é quem inicia a prosa realista, e o modernismo bebe no realismo algumas de suas principais mecânicas narrativas.

Nada mais flauberiano do que a primeira cena de “Carmela”, na qual há várias marcações temporais distintas no mesmo ambiente influenciado pela moda francesa no centro de São Paulo, na Rua Barão de Itapetininga, onde comprei sapatos novos, em 1996, para fazer meu primeiro estágio longe do Rio Grande, ou ainda na cena em que o capital, o trabalho e a mão de obra escrava são sintetizados, como disse o professor Marcos Antônio de Moraes.

O contexto é de uma negociação para a composição de determinada sociedade:

— **É. Eu já pensei nisso. Mas sem capital o senhor compreende é impossível... — Per Bacco, doutor! Mas io tenho o capital. O capital sono io. O doutor entra com o terreno, mais nada. E o lucro se divide no meio. O capital acendeu um charuto. O conselheiro coçou os joelhos disfarçando a emoção. A negra de broche serviu o café.**

Filho do grande capital paulista, de família tradicional, seu pai teria, ao proferir, em seu discurso de ingresso na Academia Brasileira de Letras, a frase: “paulista, sou há quatrocentos anos”, teria cunhado o termo qua-

trocentão. Pois digo que, seu filho, Alcântara Machado, o jovem, foi mais sábio e buscou a introdução da importância da miscigenação étnica e cultural linda da brasilidade de italianos, negros, japoneses, alemães, árabes, judeus, poloneses, e outros tantos imigrantes que fazem até hoje, ajuntados agora com haitianos, sírios e venezuelanos, a nossa diversidade, um dos mais importantes patrimônios da sociedade brasileira, como nos fizeram ter certeza Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro.

Ocupar a cadeira que leva seu nome é uma honra, em especial no que trouxe de inovação, mas digo que a responsabilidade aumenta sobremaneira quando verificada a escritura do meu antecessor, Meira Penna, que, exatamente há 84 anos, no dia 27 de novembro de 1935, escolhia o caminho do não intervencionismo, em decorrência de ter presenciado o levante da Praia Vermelha.

A obra de Meira Penna é vasta, rica, multifacetada.

Diplomata de formação, é um dos mais importantes pensadores do liberalismo econômico no Brasil. Embora não me identifique ideologicamente com o liberalismo aplicado à economia brasileira, é ululante a obviedade de que quanto mais Estado, mais corrupção, empreguismo, fisiologismo, paternalismo, populismo e tantos outros subprodutos daquilo que, para mim, é a pedra angular de todos os vícios políticos: a instrumentalização do arcabouço democrático, da ordem jurídica e republicana em favor do interesse privado, próprio, em detrimento do bem comum e da coletividade.

E é exatamente em função de verificar estes vícios na política e no Estado brasileiros, que Meira Penna desenvolve um profundo estudo sobre o tema central da trilogia que prossigo escrevendo, pois os volumes de Lisarb: 2038 e 2047 formam uma jornada hiperbólica e um mergulho na *piscina cheia de ratos* da nossa marca maior: o patrimonialismo.

Não, nada é por acaso. Essa frase tão frequente de nossa cultura popular encontra subsídio teórico na obra de Jung, e, em *Psicologia do Subdesenvolvimento*, Meira Penna busca fundamento no grande pensador suíço, para traçar as raízes psicológicas que nos levam ao atraso.

E dessa junção: o estudo da estrutura arquetípica brasileira e sua influência na nossa formação econômica e social é que nasce a importância de *Psicologia do Subdesenvolvimento* como uma obra fundamental para o entendimento acerca de nós, os brasileiros. Em *Berço Esplêndido* (1974), Meira Penna aprofunda a interação entre a economia, a política e a psicologia de Jung.

Quanta responsabilidade está em minha pena... e em *O Brasil na Idade da Razão* (1980) e *O Dinossauro* (1988), ocorre um aprofundamento sobre os fundamentos dos vícios comportamentais e políticos do brasileiro.

Mas Meira Penna são muitos. Há o Meira Penna que traz reminiscências de viagens em “Xangai”, há o sociólogo, filósofo e historiador em “Ideologias do Século XX” e “O Espírito das Revoluções”, e, ainda, há o Meira Penna que reconhece como a grande influência política brasileira do século XX a de Júlio de Casti-

lhos, forjador da alma de Getúlio Vargas, tendo como base teórica o positivismo contiano, e nisto me envaideço como gaúcho que sou, e, eu não poderia deixar de cometer o pleonasma de dizer que há um gaúcho orgulhoso dessa condição.

A estética de Alcântara Machado, a ética de Meira Penna. Ao contemplar as obras de meus predecessores, vislumbro o que disse Isaac Newton “se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes.”

A obra deles é rica e está na imortalidade, mas a finitude nos marca para sempre. Salvo a hipótese defendida por Raymond Kurzweill, agora divulgada pelo fenômeno editorial Harari, de que podemos nos tornar amotais, a verdade, como diria Vinicius, nascido também num 19 de outubro de 1913, é que não devemos fazer como:

*...essa gente que anda por aí
Brincando com a vida
Cuidado, companheiro!
A vida é pra valer
E não se engane não, tem uma só
Duas mesmo que é bom
Ninguém vai me dizer que tem
Sem provar muito bem provado
Com certidão passada em cartório do céu
E assinado embaixo: Deus
E com firma reconhecida!*

Mas a ideia de transcender é algo fascinante e não está na sobrevivência da carne. Está em brincar seriamente em construir mundos imaginários em romances, poemas, narrar realidades fantásticas, pintar paisagens surreais ou mostrar a visão nossa, particular, cuja realidade

singular só nós estamos vendo através da nossa mente, criar melodias apaixonantes e com elas tocar os sentimentos e afetar os corações, fazendo com que deles transbordem lágrimas universais de beleza.

Mas, de tudo, ainda apreendi poucas conclusões e as lições me ensinam a ter clareza e confiança na assertiva de que é necessário muito heroísmo para conquistar a si mesmo e a escrita literária tem a ver com tal posição.

De acordo com Oscar Wilde, *toda arte é, ao mesmo tempo, superfície e símbolo. Aquelas que descem além da superfície fazem-no com risco*. O risco é a dor, a dor da exposição e da verificação do sofrimento humano. Mas, como diria Leminski:

*Um homem com uma dor
É muito mais elegante
Caminha assim de lado
Como se chegando atrasado
Chegasse mais adiante*

*Carrega o peso da dor
Como se portasse medalhas
Uma coroa, um milhão de dólares
Ou coisa que os valha*

*Ópios, édens, analgésicos
Não me toquem nessa dor
Ela é tudo o que me sobra
Sofrer vai ser a minha última obra*

E assim busco, na transposição do dia-a-dia, mediante *a experiência com coisas reais*, na assertiva de que *disciplina é liberdade*, na certeza de que nada substitui a luta incessante nascida a cada manhã, nas obras dos pares com os quais tenho a honra de ladear e de outros

tantos mestres da literatura, poder seguir sempre adiante, olhando para trás apenas para não errar o velho, pois errar o novo é da vida, até uma necessidade da vida.

E assim vamos verificando que o Brasil virou uma sociedade distópica, na qual a patologia da normalidade, a normose, viceja em seu ápice, uma vez que o crime, a violência, a corrupção atualmente são coisas normais e aqueles que deveriam coibir esta atuação, fazem parte e comandam, muitas vezes, com punhos de renda, as mais odiosas práticas. Por mais absurdo, a verdade é que se clama por um pouco mais de pudor e até mesmo de hipocrisia. Infelizmente, por baixo do manto das instituições criadas sob inspiração iluminista, o poder real, de forma insidiosa, instrumentalizou o denominado jogo democrático e institucional.

A democracia tem sido corrompida. Tenho visto ecos nos últimos dias de algo que venho defendendo há muitos anos: não somos uma democracia, uma federação e uma república e, facilmente, esta afirmação pode ser comprovada com a manipulação do jogo eleitoral, com a inexistência de um pacto federativo real, e com a utilização do dinheiro público para fins privados, conforme verificou Meira Penna e Raimundo Faoro, este gaúcho que foi presidente da OAB nacional, minha casa, o escritor da fundamental obra sobre o patrimonialismo brasileiro “Os Donos do Poder”.

Mas não devemos fraquejar na construção, porque o ordenamento, as regras claras, a Constituição e a lei ainda são as únicas balizas limpas contra o arbítrio e o interesse manipulador. Somente quando as regras do jogo estão

claras, o pequeno, o mais fraco, o desigualado pode ter alguma esperança.

Conforme Vargas Llosa em palestra recentemente proferida, a sociedade perfeita não existe. Sempre haverá imperfeição, sempre haverá erros, *mesmo esta medíocre democracia, que os intelectuais costumam desprezar tanto porque está tão longe da perfeição que eles desejam... [mas as sociedades que adotaram a democracia construíram] realidades que humanizaram mais a vida, sem alcançar a perfeição, porque a perfeição nunca se alcança, nunca será uma sociedade perfeita no sentido de que todos tenham os mesmos ideais, mas criaram sociedades perfectíveis nas quais há alguns mecanismos que nos defendem contra os erros, que é impossível não cometer erros, às vezes, mas que nos permitem corrigi-los, refazê-los, refazer permanentemente a sociedade, depurando-la de todas as suas deficiências.”*

Mantenhamos, assim, a fé paulina, e ainda não a guardemos, pois o bom combate não se terminou e, mesmo os incrédulos no ser humano, como John Gray em “Cachorros de Palha”, que sustenta não existir o homo sapiens, mas sim o homo rapiens, entendamos a democracia, compreendamos a tentativa democrática, e tenhamos paciência com ela, mesmo tão falha, tão propensa a todos os tipos de manipulações, pois só ela faz frente ao patrimonialismo, ao arbítrio e, aquilo que considero o maior de todos os vícios, a instrumentalização do direito e do aparato republicano.

Jamais devemos esquecer também que ela é uma criança perdida e, até o presente, fortemente influenciada pelo serpentário dos regimes anciãos e suas milenares práticas políticas

nefastas, de que resultaram a escravidão, o imperialismo, o genocídio e os movimentos totalitários.

Eles estão ali, como senhores barbudos a apalpar a cabeça da menina ainda muito pequena chamada democracia liberal, ou sua irmã ainda mais jovem, a democracia social, que sequer saiu das fraldas.

Compreendamos que os ideais de igualdade, de fraternidade, de justiça e de liberdade ainda são novos na longa história da humanidade, mas, sem dúvida, são o que temos de melhor. Não arredemos o pé disso nunca, mesmo em momentos difíceis, mesmo em momentos em que até mesmo a verdade objetiva, aquela que pode ser provada por fatos, é falsificada. Em tempos de pós-verdade e *fake news*, não abandonemos a tradição humana de busca da verdade, mesmo nas relações pessoais, e fica a lição do poeta recifense Mauro Mota, da Academia Brasileira de Letras “a mentira arranha, a verdade dói profundamente”.

Mas é tempo de agradecer.

Agradeço imensamente à Soka Gakkai Internacional, que nos cedeu sua casa para este evento na pessoa de Niéliton Gomes. Importantíssimo frisar que a Soka Gakkai, está sob a presidência internacional do Dr. Daisaku Ikeda, pensador, filósofo, romancista, poeta e educador japonês e um dos 20 sócios-correspondentes da Academia Brasileira de Letras, na Cadeira 14.

Agradeço a todos aqui presentes nesta solenidade e que me incentivam a seguir em frente. Aos meus amigos do mundo jurídico que se

encontram presentes com grande expressão nesta solenidade, que cultivam as letras e a palavra oralizada, fazendo dela seu principal instrumento de trabalho.

Devo à minha família, aqui representada por meus pais, Laura e Luiz Geraldo Telesca Mota toda minha formação, e a meus filhos, Luís Guilherme e Pedro Luís e sua mãe, minha primeira esposa, Jeanice Durão de Lima, mãe carinhosa e exemplar, a qual me propiciou tê-los, e este é o fato que traz a maior de todas as felicidades e o indício mais concreto de que há uma imortalidade na carne, como um sopro na argila.

Agradeço aos meus irmãos, Thiago e Ana Elisa, meus tios Adriano e Stela Maris e meus parentes, Maria Madalena, Régis e Luciane Telesca, Samy Aghirni, que acompanharam com amizade e amor este guri de Canguçu desde o início da jornada vital.

Agradeço às minhas confradeiras e meus confrades da Academia Brasiliense de Letras, cujos sufrágios me alçaram a esta tribuna de honra. A elas e a eles, meu agradecimento.

Agradeço, em especial, aos incentivadores de minha candidatura, meu Presidente Fabio Coutinho e ao irmão Rossini Corrêa, mestre, colega, que me trouxe bens imateriais inestimáveis, como a sua amizade e o convívio com sua família.

Ao amigo Rossi e à sua amável Natache, devo também uma especial gratidão. Por meio deste casal pude colher, em meio à tempestade, uma flor, e ela se chama Romaly de Carvalho, cuja entrega e dedicação proporcionaram esta belíssima solenidade. A você, linda Romaly,

dedico tudo aquilo que as letras ainda não conseguiram traduzir em forma de beleza e amor.

Sim, pois a vida pode ser bela, a vida deve ser bela, a vida precisa ser bela. Pois é nisso que temos de acreditar, e é por isso que vivo. Convido, antes de terminar, a fazer, como o protagonista de 2038, Alex Tedesco, uma exortação à necessidade da transcendência:

O sofrimento do homem se revela na mesma medida da distância entre seus sonhos e aquilo que ele pratica. Quanto maior a diferença entre suas atividades diárias e o que está contido na sua mente como porto seguro de felicidade, maior será sua decepção com o mundo.

Um homem apaixonado deve estar ao lado de sua paixão e, se exilado, estiver saudososo de seu país, morrerá de desgosto fora dele.

Idealista, sucumbirá em vida se não tentar realizar sua intenção.

A frustração do sonho é apenas um detalhe, a tentativa é que vale. Não realizar sem tentar é a morte. Não buscar faz o cinismo aflorar.

Superando os medos e o cinismo, o sonhador vai adiante e o idealista avança, vence, suplanta a lógica bem estruturada do mundo pragmático. Logo vemos o belo triunfar. É a arte vivida. A racionalidade é posta de lado, como uma criança de castigo por ter feito uma bobagem qualquer, uma arte. Fica emburrada num canto, enquanto aquilo que parecia besta, viagem, delírio, voa alto e desperta a admiração e, após ter sido alvejada pela fria lâmina da postura cartesiana, muda o mundo e a história.

Como diz a linda canção, é preciso *paz para poder sorrir* e é tempo de sermos livres, é tempo de sermos felizes, é tempo de entender que a beleza da arte é uma das saídas mais próximas e possíveis para a felicidade humana, pois, então *que faço o elogio da alegria, porque não há nada de melhor para o homem, debaixo do sol, do que comer, beber e se divertir. Ele pode se alegrar por estar aqui, é o melhor que ele pode fazer* (Eclesiastes 8,15), pois, ao final, tudo é vaidade e aflição de espírito.

Muito obrigado.

Brasília, DF, 27 de novembro de 2019

DISCURSO DE RECEPÇÃO

ROSSINI CORRÊA

MAX TELESCA, HOMEM E ESCRITOR DE VIRTUDES, UM SER DE LUZ NA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS-ABrL.

ILUSTRÍSSIMOS, EXCELENTÍSSIMOS MEMBROS DA MESA; CONFRADES E CONFREIRAS. SENHORAS E SENHORES: BOA NOITE. PEÇO-LHES LICENÇA PARA SAUDAR A TODOS, NAS PESSOAS DE LAURA E GERALDO TELESCA, PAIS DO EMPOSSANDO, SEM OS QUAIS ESTA NOITE NÃO EXISTIRIA:

PROÊMIO

Ó noite estrelada, qualquer que seja o céu, a da tua posse na Academia Brasileira de Letras, amigo e irmão Max Telesca! Momento e eternidade casados para sempre, em imorre-doura unidade, insuscetível de divórcio, em impossível dualidade. Nada mais adequado para recordar o sublime ensinamento de Immanuel Kant: “Duas coisas me deixam maravilhado, o céu estrelado acima de mim e a lei moral dentro de mim”. Assim é contigo – tua vida e tua obra – gaúcho: um serviço ao ser e ao estar a serviço da Luz.

Quase três décadas de amizade vinculam-me ao sensei Daisaku Ikeda, filósofo, educador, poeta, artista visual, escritor e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, desde 12 de fevereiro de 1993. Idealista e peda-

gogo por excelência, Ikeda é presidente da Soka Gakkai Internacional, movimento do Buda Vivo que, aqui e agora, demonstra a sua abertura de espírito, ao instalar na Luz esta sessão histórica da Academia Brasileira de Letras, personificada neste Centro Cultural, presente seu a Brasília e ao Brasil.

Quando das comemorações do Centenário da Imigração Japonesa para nosso país, a Capital da República aqui vivenciou uma das mais sensíveis tardes culturais de sua história, com a festiva entrega a Daisaku Ikeda, representado por seu filho, Hiromasa Ikeda, do título de Doutor Honoris Causa, outorgado pelo Centro Universitário de Goiás – Uni-Anhanguera. Nesta instituição de ensino superior havíamos fundado, instalado e posto a funcionar, coordenando-a, em companhia da jurista Ana Cristyna Macedo Leite Santos Bosco, a Cátedra Daisaku Ikeda. Eram tempos de luminescência, aqueles!

Resplendor ora renovado, Max Telesca, à distância das sombras da caverna retratada por Platão, em **A República**. Aqui estamos na luminosidade, libertos do obscurecimento, predispostos a vivenciar a existência como travessia, saídos da casca, do útero, enfim, do profundo calabouço, onde se poderia estar seguro na escravidão, para a aventura do existente na incerteza, mas na liberdade. A caverna é a metáfora da condição humana, só suplantada pela Luz, segundo a decantou o sensei Daisaku Ikeda, homem de boa vontade, em sensível poema:

“A arte estende a sua mão
e chama a alma para a serena floresta
que enche de paz o coração humano,
para o jardim onde brilham as flores
da imaginação
que passeia pelo céu.

Chama para as alturas do sublime campo
da sabedoria
e para o horizonte sem fronteiras
da Civilização Universal”.

Cá estamos, Max Telesca, no território verdadeiro do espírito, ao reverso das trevas, sob a ikediana consciência de que consciência de que: “É preciso cultivar cada dia mais os valores espirituais com a intenção de construir uma verdadeira civilização universal, sem qual não surgirá a alvorada de esperança no século XXI”. Cumpre-me, pois, corresponder à generosidade da hospedagem, com a kantiana recomendação do bom comportamento. Obrigada ecumênico, sensei Daisaku Ikeda, primeiro oriental a ser sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras. Presidente Miguel Shiratori e Coordenador Niéliton Gomes, gratidão. Leão de Pedra doado pela querida família Nakayoshi, penhorado. Como pronunciou Johann Wolfgang von Goethe, à beira da partida para a Grande Viagem: “Luz, mais luz!”

O HOMEM

Luiz Maximiliano Leal Telesca Mota, sob a influência da retidão do pampa, nasceu em Porto Alegre, no ano da graça de 1974. Atraído pela planura, o novel acadêmico passou a infância em Canguçu, formando-se em Direito pela Universidade Federal de Pelotas, em 1997,

deslocando-se, depois, para Brasília, onde, lançando mão de golpes, mas somente de talentos, à margem das águas turvas do familismo, das artimanhas e do servilismo, começou a, vitoriosamente, advogar.

Por mais de uma década e meia, Max Telesca foi representante, na Capital Federal, da Procuradoria Federal da Prefeitura de Porto Alegre, ao passo em que fundava o escritório Telesca e Advogados Associados. Homem vocacionado para a política corporativa, o novel confrade, que é especialista em Tribunais Superiores, Direito Penal e Processo Civil, foi diretor da Seccional do Distrito Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, presidente do seu Tribunal de Ética e de sua Comissão de Direitos Sociais, bem como candidato, em recente eleição, à sua Presidência.

Como se não bastasse, o diligente acadêmico é patrono e mantenedor do Instituto de Popularização do Direito-IPOD, cujo objetivo é o de estabelecer pontes racionais e inteligíveis entre a Cidadania e o Judiciário. E mais: é Vice-Presidente do Sindicato dos Advogados do Distrito Federal e senhor personalíssimo, por mérito próprio, de uma advocacia cada vez mais nacional, como coroamento de seu desempenho na Ação Penal 470 – Mensalão, quando, em meio ao mar revolto de condenados, absolveu, por unanimidade, seu cliente no Supremo Tribunal Federal-STF.

Mas tudo isto – que é muito e justifica uma vida – dizendo quase bastante do profissional que reflete o homem, a mim não me embarga e desembaraça do dever de proclamar quem é o homem, em si mesmo. Confrades: Max Telesca, na esteira eterna de José

Ortega y Gasset, nas **Meditações do Quixote**, pode declarar: “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não me salvo a mim”. Orgulho-me de ter trazido o novel acadêmico ao convívio deste sodalício, são e salvo, por si mesmo e por sua circunstância.

Max Telesca é um homem de bem, de caráter irreprochável, autêntico varão de Plutarco, dos que não escondem, entre sorrisos, a venenosa espuma da cólera ou entremeiam, entre as rosas, o aço dos punhais, frio e surpreendente.

Max Telesca é um amigo fiel e um bom companheiro, dos que, privando juntos, têm a arte de causar, motivar, originar, dar razão, enfim, ao refinado gosto da convivência, da gastronomia à enologia, e desta, sobretudo, ao mais saboroso compartilhamento do ambiente estabelecido por sua harmonia artística de anfitrião.

Max Telesca é um homem culto, dotado de uma sutil e natural sabedoria, de espectro multifacetado, a perpassar a literatura, a história, o direito, a filosofia, a política, a religião, a música e outros, mais outros universos, sem nunca deixar de ser simples. Ei-lo, a confessar: “Tenho aprendido isso com a vida. A arrogância e a prepotência são máscaras para encobrir frustrações, desvios de caráter, falta de confiança e/ou conhecimento. Sábios jamais são prepotentes!”

Em um mundo de Vícios, inventariados pela contraposição de Aristóteles, a definição existencial de Max Telesca é pelas Virtudes, combatendo o bom combate em desfavor da injustiça, com a Justiça; da covardia, com a Coragem; da avareza, com a Liberalidade; do des-

regramento, com a Temperança; da pequenez, com a Munificência; em síntese: do contrasenso prático e especulativo, com o Bom Senso Prático e Especulativo.

Por evidente, a formação de um homem dessa estirpe não é produto de nenhuma geração espontânea e reflete, ao contrário, uma preservada e reproduzida, em sua esfera ampliada, organização familiar. A raiz de tudo, sem dúvida, encontra-se em Domenico Canio Telesca, advogado e empresário, fundador da Família Telesca no Rio Grande do Sul e no Brasil, o qual, proveniente da Itália, trouxe consigo um exemplar do Código Civil, em um simbolismo premonitório. Não apenas o livro mereceu destaque: o seu titular, o imigrante Telesca, na atualidade, inspira o memorial visível na sede do escritório Telesca e Advogados Associados, pertencente ao novel acadêmico.

Ninguém semeia sozinho. Os frutos de Domenico Canio Telesca multiplicaram-se e estão aqui. Preliminarmente, destaco a raiz explicativa de Max Telesca: chamam-se – Laura Leal Telesca Mota, pedagoga, mestra em Educação e advogada e Luiz Geraldo Telesca Mota, advogado, tribuno e escritor, entre outros, autor de **Depressão: Minha Experiência e A Sabedoria dos Adágios**. Mãe e Pai: aplausos! Se alguém quiser saber qual a estirpe dessa gente – os Telesca – ofereço eu dois subsídios: a Feira do Livro de Canguçu realiza-se na Escola Geraldo Antônio Telesca e a Cidade, em passado recente, inaugurou a Rua Domenico Canio Telesca, ocasião em que o novel confrade pronunciou o discurso trilingue – em português, italiano e espanhol – intitulado “Discurso para Domenico Canio Telesca”.

Eis Max Telesca fiel a si mesmo, ao discursar a céu aberto, no centro de Cangaçu, homenageando o ilustre antepassado e os seus parentes da Itália, do Uruguai e do Brasil, onde tem raízes a maior concentração do Telesca da América do Sul: “É uma extrema alegria poder estar celebrando a vida em Cangaçu, exultando os valores mais importantes dos seres humanos, que são a união, a harmonia, a paz e a verdadeira felicidade. Todas estas virtudes são condensadas numa palavra que reúne, centraliza, estes valores e princípios. Esta palavra, que hoje em dia está ganhando outras acepções, mas que, no meu entender, deve ser preservada no seu estilo mais tradicional, chama-se FAMÍLIA”. Estava coberto de razão o escritor, místico e pacifista russo Leon Tolstoi: “Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia...” Assim foi. Amém!

Agora, Max Telesca, tu representas a cadeia de frutos nascidos de Domenico Canio Telesca, advogado, hoteleiro, comerciante e sementeira de quase vinte filhos, nascidos de seus dois consórcios, o primeiro, com Caterine Ceruzzi Telesca e o segundo, com Joaquina Hertzberg Telesca, de onde decorreu essa tradicional família gaúcha e brasileira. Domenico de Deus, presente em advogados, escritores, jornalistas, médicos, professores, dentistas, magistrados, empresários, estudiosos e trabalhadores, pessoas de bem, de luta e de ancestral verticalidade, avessas ao autoritarismo, amantes da liberdade e predispostas à compreensão humana. Assim como é o novel acadêmico. Afinal, como ensina a sabedoria do adágio – não é verdade Doutor Geraldo Telesca? –, quem sai aos seus não degenera...

A OBRA

O escritor Max Telesca, com certeza, é produto molecular de uma ambiência em que, ao respirar a valorização da cultura, estimulou o desenvolvimento dos talentos de que é portador. Poeta inédito, destacado contista e robusto romancista, o novel confrade foi finalista, em 2000, do concurso de contos da Feira do Livro de Porto Alegre, com a estória intitulada “Verão Grego”, na qual Juan, já sem Maria, retorna, reiteradamente, à Ilha de Miklos, em busca do verão de 1974, na angustiada expectativa de “encontrar o momento passado”. Ao final, o personagem, em meio ao paradoxo do embate entre o existente e a existência, – versado por Emmanuel Levinas – permite a conclusão: “Estava quase sem ar quando descobriu que os momentos são eternos, mas fastidiosamente fugazes”.

Quanto à obra romanesca em construção, a primeira realização, denominada **Mortes Modernas**, como os poemas, permanece inédita. Todo escrito na terceira pessoa, mergulha no cenário de depressão existencial de Eduardo Alid, um jovem interiorano deslocado para as luzes da metrópole, onde se movimenta em uma paisagem de conflitos de adolescência, primeira juventude, desafios da carreira, álcool e drogas. A tensão rítmica da prosa, tecida como se fosse um vendaval em que alguém busca o caminho, merece ser chamada à colação:

“Saiu da cama. Foi até a cozinha, não sem antes passar pela sala, onde, depois de alguns meses, abriu totalmente as cortinas e as janelas do apartamento. Debruçou-se na janela, olhou para o parque, revisitou os arranha-céus e o barulho das buzinas invadiu o apartamento. A

avenida estava interrompida e uma procissão de Nossa Senhora começava a ganhar corpo. No céu, bem próximo de sua janela, uma pipa, com o fio provindo do parque, descrevia movimentos. Tinha a forma de um dragão chinês e parecia trazer o ar quente do meio-dia. O calor úmido, como se fora um hálito, irrompeu o silêncio do breu de Edu. Algo simples, sempre sentido, mas não percebido com plenitude tocou Eduardo. Não precisava mais do frio, desvinculara-se dele. Tomava gosto pela invasão do calor, vivia com plenitude o momento, perdendo-se, lembrou-se das coisas que precisava terminar sem culpa e, por paradoxal, verificava que o magnânimo também pode ter momentos de rudeza.

Como que sentindo um choque de serenidade, desculpava-se pelo ócio dos últimos meses, pois a espera é do forte, e este só pode firmemente enfrentar seu destino, graças à sua perseverança interior, resistindo e mudando o que não é essencial.

Atordoado pelo calor e pela luz, voltou ao quarto, que permanecia escuro. Abriu as janelas. Avistou a pipa. Percebeu que as memórias ofuscavam um mundo inteiro de novidades e possibilidades, mas que o tempo apontava somente agora para a direção a ser tomada, e sua correção, inexoravelmente, apenas poderia ser apurada após o curso dos acontecimentos. Deitou-se novamente. Não havia saída senão explorar as coisas e fazer o que fosse melhor para si e para os outros. Deveria descobrir, descortinar cada obra de arte e por mais simples que fosse o ser humano a dar-lhe um sorriso, deveria responder do mesmo modo. Percebia que a busca da solução era uma tentativa vã, quase

leviana. Ria-se disso. Mas por que não ir? Tantos foram, tantos tentaram, mesmo sabendo.

Escolher um caminho com o coração honesto. Isso foi feito por Eduardo Alid. Iria tomar parte no todo, pois nada é aleatório, tudo é significado. Acreditava ter encontrado sua posição. Iria em frente. Dançaria até a fluidez límpida transcorrer sem sobressaltos. Morreria. Decidiu que encontraria todos os dias, um momentos pequenino de pausa para reencontrar o compasso. Todos os dias esvaír-se-ia um pouco para encontrar o tom.

Eduardo levantou-se da cama e foi ao banheiro tomar banho e barbear-se. Sairia. Começaria com um café. Respiraria o ar da rua e, como estava curioso, levaria consigo um papel para anotar impressões. Ao cair da tarde, talvez fosse à Abolição buscar um bilhete de ida”.

A estreia do novel confrade em livro aconteceu com **2038 A Instituição da Cleptocracia num Futuro não Muito Distante**, publicado pela Chiado, de Portugal, logo tornado um sucesso de público e de crítica, como testemunham as matérias publicadas nos jornais “Zero Hora” e “Estado de São Paulo”. O curioso é que **2038** é o segundo volume da trilogia, cuja narrativa, versada na primeira pessoa do singular, tem como característica o discurso livre indireto, ambientado em Lisarb – lugar imaginário, mas que corresponde a Brasil ao contrário – onde transcorre a vida de Alex Tedesco.

A urdidura do romance é complexa e explícita os mecanismos de convencimento do poder, sob o magistério de Lucas, o líder carismático responsável pelo estabelecimento

da Doutrina da Aceitação, exposta na Carta aos Lisarbenses, enquanto condutor do Partido Ético o Verdadeiro-PEV. A instituição da normalidade no magma do que era espúrio é a façanha máxima ali reinante, segundo níveis de influência (5) e graus de comissão (3). Pode parecer – o que, em absoluto, é verdade – que o escritor desistiu da subjetividade e desposou, com visão sociológica crítica, o mundo objetivo. Na realidade, porém, a preocupação central talvez esteja subjacente, residindo na corrupção da alma humana, tratada por Santo Agostinho de Hipona, o qual retornou ao concreto e sentenciou, taxativo e inapelável, frente à Esfera Pública: “Os Reinos sem Justiça não passam de grandes latrocínios”

Sem ser sectário deste contra aquele, Max Telesca está a escrever, entre uma praia do Uruguai e a Chapada dos Veadeiros, **2047 A Implosão do Teatro das Sombras**, no qual Alex Tedesco, nas palavras do autor, novamente se movimentará em Lisarb: “Nele, o protagonista é contratado por um partido político para fazer parte da campanha presidencial de um candidato de esquerda que não tem muita chance de vencer a eleição. O cenário político é de um país governado pela ultra-direita e com um protagonismo hiperbólico do Poder Judiciário.” Não resisto à tentação de transcrever, em primeiríssima mão, as páginas de abertura de **2047**:

“O Direito como valor filosófico primordial não existe. Há política. O ideal político também não se conforma ver isto como engendrado. Há força. A democracia e a república modernas foram concessões estratégicas da força, do poder real para ir adiante com um pouco mais de conforto ao longo da história. O crime,

a corrupção, a violência e o grande capital são os verdadeiros vetores do poder real. Fora disto há ilusão, tentativas ingênuas e, especialmente, simulacros.

Havia muito tempo buscava uma síntese para o que via se desenvolvendo sob meu olhar resignadamente estupefato. Havia escrito um livro sobre os meandros políticos de Lisarb muito antes dos demais analistas, fazia voltas, olhava o mundo ao meu redor, viajava, lia, estudava, dava palestras no mundo sobre o tema, mas a conclusão era sempre a mesma: a área de escape era imensamente pequena.

Em 2047 as coisas não estavam muito claras para uma sociedade mundial divorciada há décadas do romantismo e mergulhada no pavio curto da pandemia de ansiedade. Apesar da existência crescente de corações crédulos numa dualidade existente apenas nas suas mentes raivosas e manipuladas, o mundo político real ocidental oscilava entre o cinismo e o pragmatismo, e, este último, era a reserva do que ainda havia de salutar. No entanto, ao que me parecia, e isto me impelia, era a perplexidade diante da ineficácia de todas as narrativas e a ausência de perspectivas políticas no curto e no médio prazos que fazia mais sentido.

Em realidade, a busca que ainda me trazia alguma expectativa era a tentativa de resposta para uma dúvida que me consumia desde o início de minha idade adulta: sempre fomos assim? Ou acentuamos, de forma proporcionalmente inversa ao progresso científico, um aprofundamento cético e antiético que legitimaria a seleção natural, onde o mais apto, o sobrevivente, o vencedor evoluído é, sempre, ou o mais forte, ou o mais astuto?

O meu debate oscilava entre o niilismo persistente de uma realidade predatória e o otimismo da noção histórica de longo prazo, pois é preciso compreender que o processo civilizatório é dinâmico, mas não linear. Seria verdade que a história não é uma marcha em linha reta? Ao revés, é sinuosa, por vezes parece seguir os caminhos da aleatoriedade, mas, sempre, avança, após dar passos para trás?

Contudo, o tempo linear é uma invenção humana, uma convenção para ajudar nossa mente cartesiana a funcionar mais confortavelmente, ajudada por uma coerência ficcional, facilmente detectável na ausência de homogeneidade das consciências. Cidadãos do século XXI com mentes do século XIX. Racismo, escravagismo tardio, capitalismo selvagem, marketing mentiroso, feminicídio, homofobia, crenças absurdas convivem lado a lado com o que há de mais belo nas artes, nas ciências e com povos que, aparentemente, contêm equilíbrio e avanço institucional. O atraso das mentes demonstra cabalmente a inexistência de um curso temporal linear. No entanto, a visualização do processo histórico em escala de séculos é, seguindo esta aparente linearidade, sempre progressista no que tange à aquisição dos direitos e garantias individuais, mas, a visão localizada, de curto alcance, traz muitas vezes angústia ao observador contemporâneo, normalmente impaciente, pois é partícipe dos retrocessos normais que ocorrem na linha de tempo da história, ou seja, é sujeito e objeto ao mesmo tempo. E isso mata.

No entanto, a visão idílica de um homem vivendo no ideal de uma sociedade justa e de instituições livres parece ser, dadas as evidentes manipulações, manobras e instrumentali-

zações, também uma constante em todas as sociedades, desde as mais avançadas nestes quesitos, passando pelas odiosas ditaduras, governos autoritários e totalitários e chegando naquelas que propuseram, de forma franca, a aceitação destas aparentes contradições, como Lisarb”.

Compreende-se, em consequência, que o último volume da trilogia a ser escrito será o primeiro, na ordem cronológica da narrativa, ainda sem título, incidindo sobre a ardente juventude de Alex Tedesco, assim antevisto pelo autor: “Pretendo que seja um livro mais otimista. Um livro que narrará a importância de acreditar nos ideais. Por isso, necessariamente, deve se passar na juventude de Alex Tedesco. Com ele, espero encerrar a trilogia no ano de 2021”. E mais: o ficcionista descansará carregando pedras, a escrever um ensaio ora anunciado: “Pois para o ano, após terminar o **2047**, no segundo semestre, pretendo escrever um livro que critica a política e o direito brasileiros de forma direta, sem alegoria romanesca”. A Academia Brasileira de Letras-ABrL entroniza agora um escritor verdadeiro, para quem a literatura é um projeto existencial, disposto, por múltiplos caminhos criativos, a engravidar Liserb – ou o Brasil – de ideias, como era da aspiração do jurista Affonso Arinos de Mello Franco.

A SÍNTESE

Recordo-me de um instante do nosso convívio, Max Telesca, amigo e irmão, em que estávamos em companhia do jurista e professor Yuri Gagarin Soares de Melo, em uma das mi-

nhas bibliotecas, tu a percorrer com os olhos lombadas sobre lombadas, colofões sobre colofões, deixando escapar uma íntima aspiração: “Se eu pudesse só faria isto: escrever. Este é o melhor dos mundos”. Mais do que vocacionado, em quaisquer circunstâncias, nascerá multiplicada e ressonante a tua obra literária, presente do Rio Grande do Sul para o Brasil e para o mundo. Consultando os autos, verifico, na **História Literária do Rio Grande do Sul**, de Guilhermino César, a robustez de sua prosa de ficção, de Simões Lopes Neto a Dyonélio Machado e a Érico Veríssimo. Nos ombros destes gigantes subirás, como Albert Einstein confessou ter feito com Isaac Newton. É uma profecia e um desafio. Avançar é o teu destino.

Constato em tua trilogia romanesca qualquer coisa de síntese superadora, entremeada entre os **Deuses Econômicos**, de Dyonélio Machado e **Incidente em Antares**, de Érico Veríssimo. Como, Max Telesca, só avançar é o teu destino, vai, segue, ultrapassa e esquece a caverna e encontra e transmite a Luz. Coloco em teu caminho o boníssimo augúrio de Fernando Pessoa:

“DEUS QUER, O HOMEM SONHA, A OBRA NASCE”.

Quando a tua trilogia romanesca estiver concluída e editada, será uma honra para mim, em dialogia com o Marciano Vidal da **Moral das Atitudes**, interpretá-la à Luz, sempre à Luz, da moral fundamental, da ética da pessoa e da moral social, de que Liserb e o Brasil necessitam! Talvez mais do que nunca! A comparação seguinte é imperfeita e só impropria-

mente pode ser chamada à colação, pois tu és, Max Telesca, um ser humano cercado de afeto, povoado por amores e, como diria o nosso confrade José Sarney, poeta e prosador, pertencente à família dos ultraboasgentes.

Prova provado do exposto? Estão aqui amigos, conterrâneos, admiradores e parentes de sangue e de espírito. Laura e Geraldo Telesca: mãe e pai; o administrador de empresa e a advogada criminalista, Thiago e Ana Elisa Telesca, irmãos; a dentista Stela Maris e o advogado e empresário Adriano Telesca, tios; o jornalista Samy Leal Adghirini, chefe da Bloomberg em Brasília, primo; assim como a desembargadora trabalhista Maria Madalena Telesca; o advogado Regis Telesca; a dentista Luciane Telesca; o empresário Willian Klain Telesca; e tua dama, princesa e rainha Romaly Carvalho, prima de minha rainha, princesa e dama, Natache Carvalho Campos do Couto Corrêa e minha prima.

A noite é tua, amigo e irmão, eterna e passageira, paradoxal como tudo que é humano. Como em Platão tudo é espírito, tua alma e a alma da noite são duas e são uma. São o Uno do discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles e estão retratadas as duas que são uma, no famoso soneto do teu conterrâneo Alceu Wamosy:

“DUAS ALMAS

Ó tu, que vens de longe, ó tu, que vens cansada, entra, e, sob este teto encontrarás carinho:

Eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho,
vives sozinha sempre, e nunca foste amada...

A neve anda a branquear, lividamente, a estrada,
e a minha alcova tem a tepidez de um ninho.
Entra, ao menos até que as curvas do caminho
se banhem no esplendor nascente da alvorada.

E amanhã, quando a luz do sol dourar, radiosa,
essa estrada sem fim, deserta, imensa e nua,
podes partir de novo, ó nômade formosa!

Já não serei tão só, nem irás tão sozinha:
Há de ficar comigo uma saudade tua...
Hás de levar contigo uma saudade minha..”

Beija e abraça a alma desta noite eterna,
que te abraça e beija para sempre, Max Teles-
ca! Passando, ficará. Permanecerá por todo
o tempo, como o anel na cera, imprimindo a
perpetuidade. Respira agora o sabor das coisas
eternas. Luz! Mais Luz! Tudo é Luz! Um beijo
na alma e até sempre.

Muito obrigado.

DISCURSO DE POSSE

VALDIR XIMENES

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Brasileira de Letras e da Associação Nacional de Escritores, Dr. Fabio de Sousa Coutinho, senhores integrantes da mesa, ilustres confrades e confreiras, familiares, em especial os meus amados filhos Gabriel e Guilherme, meu pai, Edivaldo Ximenes, meus irmãos Marcelo e Daniel com as suas respectivas famílias, minha querida tia Érica e primos, minha amada noiva e musa Alessandra, a quem eu terei o imenso privilégio de desposar brevemente, amigas, amigos, colegas do ofício médico e literário, senhoras e senhores.

Eu jamais imaginaria que no distante 1977, no início do ano letivo no Colégio Marista de Brasília, na aula de Organização Social e Política Brasileira, disciplina que suponho nem existir mais, quando a professora Lúcia pediu a cada aluno que se apresentasse e dissesse que profissão gostaria de seguir no futuro, e ao chegar a minha vez respondesse, peremptório, que queria ser médico e escritor, não poderia, pois, supor, naquele momento remoto, que quarenta e dois anos depois eu estaria aqui, neste glorioso Auditório Cyro dos Anjos e nesta noite memorável para mim, tomando posse na cadeira de número XXX da Academia Brasileira de Letras. Ainda que a minha resposta segura à professora denotasse a típica ousadia dos jovens sonhadores, não esperava ir tão longe e ser merecedor de tal honraria. Agradeço profundamente a todos que sufragaram o meu nome, em particular ao querido amigo Dani-

lo Gomes, que tanto se empenhou na minha “campanha eleitoral”.

Já de algum tempo acalentava o desejo de me candidatar a uma vaga nesta Academia, a entidade literária máxima do Distrito Federal, e não me faltavam estímulos e convites de alguns confrades nesse sentido. Eu, porém, timidamente sempre declinava. Com o lançamento do meu último livro, em abril deste ano, e com a sua boa acolhida, além da concommitância de um renovado convite por parte do estimado amigo Anderson Braga Horta, figura exponencial e consagrada da poesia brasileira, agraciado anos atrás com o Prêmio Jabuti e um dos maiores poetas vivos do nosso país (e que continue nessa condição por muitos anos), então não pude recusar mais a candidatura. O apadrinhamento era forte demais para ser desprezado.

Tenho uma relação de afeto e amizade com o Anderson e a sua família que transcende o fazer-literário, remonta aos anos 70, ao meu tempo do antigo ginásial, haja vista ter estudado nessa época no mesmo colégio e nas mesmas classes com o seu filho, também chamado de Anderson, e que há muitos anos é colega meu no ofício de médico, como conceituado cardiologista em nossa cidade e por quem mantenho fraternos laços de amizade até hoje.

Ainda sobre a minha candidatura, gostaria de destacar em poucas palavras a ironia que a envolve. Explico melhor: para me tornar um “imortal” da Academia tive que me valer jus-

tamente da morte, que me impulsionou a me candidatar, pois o tema protagonista do meu último livro é a própria, “a indesejada das gentes”, a começar pelo título: Morte aos 53: Delírio ou Maldição? Mas sigamos em frente sem tanta morbidez, pois hoje é dia de festa, de alegria, de celebração da vida.

Em tempos hodiernos em que campeia o culto à intolerância e o desprezo à diversidade, palavra que em certos círculos sociais soa como um verdadeiro palavrão, fico feliz de poder estar contribuindo um pouco para desmontar essa lamentável postura, na minha condição de médico a fazer parte agora dos quadros deste grandioso Sodalício. Venho me juntar, como um raro privilégio, a eminentes jornalistas, advogados, juízes, juristas, ministros, professores, servidores públicos, cientistas políticos, diplomatas, sacerdotes, historiadores, gestores, economistas, engenheiros, sociólogos, editores, empresários... Faltava, pois, o médico, figura tradicional nas academias literárias. Em comum a todos, o gosto intelectual pelas letras, pela palavra escrita, pelo texto, na forma refinada ou estilizada de poesia, conto, romance, crônica, ensaio, biografia, ou de primorosos estudos e pesquisas técnicas. Pena que no nosso país, com uma ou outra exceção, ainda não haja a figura do escritor puro-sangue, como profissão exclusiva, ganha-pão único. Quem sabe um dia...

A Medicina sempre cortejou a Literatura e vice-versa, como se uma se alimentasse da outra em seus respectivos ofícios, que assim ficam mais qualificados em seus exercícios. Ambas trabalham com a condição humana em todos os seus níveis e gradações, muitas vezes no limite existencial, em que a dor e o sofrimento

são proeminentes. Daí a identidade e aproximação entre elas.

E não faltam nomes de doutores-escritores para ilustrar essa sintonia: São Lucas, Avicena, Nicolau Copérnico, François Rabelais, Somerset Maugham, Tchekhov, Céline, Cronin, Fernando Namora, Miguel Torga, Antônio Lobo Antunes, Manuel Antônio de Almeida, Joaquim Manuel de Macedo, Laurindo Rabelo, Luís Delfino, Afrânio Peixoto, Guimarães Rosa, Pedro Bloch, Jorge de Lima, Pedro Nava, Moacyr Scliar... e por aí vai. São muitos os exemplos para citá-los todos aqui.

Sinto-me lisonjeado e orgulhoso de poder compor de agora em diante a estante de livros dos membros desta insigne Academia no Museu do Escritor, que é tão bem cuidado pelo confrade Napoleão Valadares, com obras de minha própria lavra, que se apequenam diante de outras bem mais vultosas, tais como *Fragmentos da Paixão; Urucuia; Uma Rua Chamada Ouvidor; Fundamentos de Ventilação e Apneia; A Máquina das Mãos; Uma Biografia de Lúcia Miguel Pereira; Traços Marcantes da Vida e Obra de Pe. Antônio Vieira; A Epopeia da Construção de Brasília; Ladrão de Histórias; Com a Mala na Cabeça; A Redescoberta do Brasil – O Barco do Rei; A Flauta em Construção; Tancredo Vivo – Casos e Acaso; Poesia Francesa – Pequena Antologia Bilingue; A Vida por um Três; Cárcere Privado; A epopeia brasileira ou: para ler Guimarães Rosa; O Homem Que Enganou O Diabo... E Ainda Pediu Troco; Formação e Evolução da Social Democracia; Gonçalves Dias e Ferreira Gullar: Destinos da Poesia Brasileira; Um Morto na Minha Cama...* Além de várias outras, especialmente na área jurídica, escritas por acadêmicos de grande expertise no Direito.

XXXXX

Não hesitei em optar pela cadeira de número XXX para me candidatar, quando soube do seu patrono: Monteiro Lobato. Como pediatra e psiquiatra infanto-juvenil que sou, trabalhando há mais de 30 anos com uma clientela de crianças e adolescentes, que era também o alvo preferencial de Lobato como o seu público leitor, então não poderia haver coincidência mais feliz e oportuna.

Arrisco-me a dizer, sem grandes sobressaltos, que Monteiro Lobato pode ser considerado o nosso maior escritor infanto-juvenil, e um dos intelectuais mais dinâmicos e empreendedores que o Brasil já teve, da estirpe dos que aliam teoria à prática, e extrapolam o conforto abstrato das letras para alcançar a concretude pulsante dos fatos.

Vários argumentos respaldam o supracitado. Primeiramente, o seu valioso e inestimável legado literário, que tanto despertou nos jovens, com inusitada mestria, o gosto pela leitura (“ainda acabo fazendo livros onde as crianças possam morar”), mas sem descuidar de livros e artigos direcionados ao público adulto; em sequência, citamos a sua atuação como destemido jornalista, sempre pronto a defender com energia e paixão as suas ideias e opiniões por vezes polêmicas, engendrando campanhas memoráveis para colocar o Brasil no caminho da modernidade, como intelectual militante que era, expondo com brilho e acurácia as grandes causas nacionais, as demandas sociais e políticas de sua época, e até mesmo, qual um sábio profeta, antevendo outras que doravante se confirmariam; poderíamos pontuar ainda a sua arrojada performance no campo edito-

rial, em que aliou pioneirismo e práticas revolucionárias; as suas incursões bem-sucedidas no campo da fotografia e da pintura; o Lobato servidor público, quer como promotor de Justiça em Areias, interior de São Paulo, atividade exercida por pouco tempo e sem grandes entusiasmos, quer como adido comercial em Nova York no final dos anos 20; o Lobato jovem fazendeiro, plantador de feijão e café; o Lobato sindicalista, que chegou a montar o Sindicato Nacional da Indústria e Comércio, em 1931; o Lobato também empresário e empreendedor, e até mesmo o Lobato com fumos de marceneiro e que se aventurou, intrépido, a fazer a mobília de sua casa! São muitos Lobatos numa só pessoa, uma personalidade multifacetada, um homem movido por sonhos e utopias.

José Bento Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, em 18 de abril de 1882. Era um homem de estatura mediana, complexão física franzina, pele morena, cor de hindu ou de sírio, de olhos pretos e brilhantes, sobrancelhas negras e cerradas, e um olhar ao mesmo tempo meigo, bondoso e franco, a transbordar simpatia e desejos de se tornar seu amigo.

Formou-se em Direito, mas sem nenhum pendor para o manuseio das leis. É durante o seu período como universitário que ocorrem as suas primeiras publicações, já imbuídas de ideais altruístas e socialistas e que irão depois se desdobrar em preocupações ecológicas em sua fase já aludida de fazendeiro, ocasião em que criticou desmatamentos feitos pelo matuto ignorante e o descaso do governo com o tema, e abro aqui um parêntese para destacar mais uma vez o seu lado visionário... Nasce então o personagem Jeca Tatu, para se contrapor ao mito do bom selvagem e que merecerá anos de-

pois uma retratação de Lobato, quando este vê que ele é inerte e preguiçoso por doenças parasitárias e sua vida de misérias, e não por questões de raça ou caráter, e passa, pois, a clamar por saneamento urgente em nosso país.

Monteiro Lobato era um batalhador por uma cultura nacional menos europeia, “um sete de setembro estético, com um duende genuinamente nacional” em suas palavras, com a inclusão de sacis, caiporas, boitatás e outras figuras do nosso rico folclore.

Saci Pererê, em 1918, foi a sua obra de estreia, secundada por *Urupês*, livro de contos. *Choque de Raças* foi o seu único romance escrito, de conteúdo profético e polêmico (usual no autor), ligado à eugenia e que evidenciou algumas posições ambíguas. Publicou também numerosos artigos em revistas e jornais, sempre com um viés crítico e oposicionista em relação aos governantes de plantão.

Mas onde Monteiro Lobato se fez especialmente grande e ímpar foi na área da literatura infanto-juvenil, tendo como cenário preponderante o Sítio do Pica-Pau Amarelo, povoado por personagens inesquecíveis, tais como Narizinho, Pedrinho, Dona Benta, Tia Anastácia, Boneca Emília, Visconde de Sabugosa, Cuca, Burro Falante Quindim, Marquês de Rabicó, Dr. Caramujo e tantos outros que ensejaram a publicação de vários livros, inscrevendo definitivamente Monteiro Lobato no panteão dos grandes da literatura brasileira, além de revolucionar o gosto das crianças pela leitura, culminando com edições de cinquenta mil exemplares na época, além de o autor receber inúmeras cartas delas, empolgadas com os seus livros,

pedindo autógrafos e novas histórias, o equivalente das celebridades midiáticas de hoje.

Isso acontecia porque Lobato escrevia histórias contadas do ponto de vista das crianças, sem excessos literários maçantes predominantes até então, em obras muito bem ilustradas e atraentes para esse tipo de leitor, com alta qualidade editorial e projetos gráficos requintados, além de forjar novas concepções de marketing e distribuição de livros, explorando com competência inédita o imaginário infantil, percorrendo arquétipos de maneira crítica e criativa e ensinando a meninada a questionar a veracidade das convenções impostas pelos adultos.

Monteiro Lobato casou-se com Maria da Pureza, em 1908, e o casal teve quatro filhos, dois meninos e duas meninas. Por mais de uma vez pleiteou sem sucesso vaga para a Academia Brasileira de Letras, obtendo êxito, porém, na Academia Paulista de Letras, eleito por unanimidade em 1936. Engajou-se em diversas cruzadas públicas, era adepto da modernização da produção agrícola, do livro barato e acessível ao povo, do voto secreto, de novos métodos pedagógicos para as crianças, de campanhas de saneamento, do petróleo como fonte energética essencial para o Brasil, e nisso tudo se via o idealista orgânico, empreendedor e prático, aliado ao sonhador que antevia coisas como globalização, holdings, televisão, computadores, com uma perspicácia encontrada somente em homens de inteligência refinada como a sua.

Contudo, em sua atuação como pensador engajado Monteiro Lobato também sofreu revezes, colheu incompreensões, chegando mesmo a ser preso no Estado Novo de Getú-

lio Vargas, por mais de uma vez, em 1941. Ele incomodava muita gente com a poderosa arma de suas ideias, de suas falas contundentes, de seus textos afiados, quer denunciando interesses estrangeiros que não queriam ver o petróleo prosperar no nosso país, quer protestando contra torturas e arbitrariedades do governo Vargas, que temia, entre outras coisas, a capacidade do escritor de ensinar os jovens a pensar e com isso fomentar cidadãos mais conscientes, fato evidente no texto abaixo:

“Os livros de Lobato predispõem a doutrinas perigosas e práticas, deformadoras do caráter, chocando-se com o projeto do Estado Novo de formar uma juventude saudável e patriótica, unida em torno dos princípios da tradição cristã”.

Tais afirmações não nos parecem tão distantes no tempo, não é mesmo?...

Assim era Monteiro Lobato, um fã de Henry Ford e do *modus operandi* capitalista americano, e ao mesmo tempo um defensor do comunista Luís Carlos Prestes, atestando, pois, a complexidade e independência ideológica desse homem tão notável. “Um país se faz com homens e livros”, ele escreveu, e eu faço um adendo a essa frase: com homens do calibre de Monteiro Lobato.

Sobre ele escreveram vários outros escritores de escol, tais como:

Érico Veríssimo: “Lobato representa a lenda de um homem dinâmico num país apático, que sempre falou alto quando quase todos se calaram ou se acovardaram”.

Carlos Drummond de Andrade: “Lobato é uma espécie rara no Brasil, ou seja, a que não aspira à função política, mas se entrega apaixonadamente à solução de uns tantos problemas fundamentais do país”.

Oswald de Andrade: “O Brasil deve muito a Lobato, exemplo magnífico e raro de intelectual que não se vende e não se aluga, não se coloca a serviço dos poderosos ou dos sabidos”.

Anísio Teixeira: “Lobato era um desses homens únicos, cuja presença enchia a todos de conforto e razão de viver”.

Mas uma vida com tantas paixões e atribuições teria que cobrar o seu preço: após sofrer três acidentes vasculares cerebrais, Monteiro Lobato faleceu, na madrugada do dia 04/07/48, com 66 anos de idade.

XXXXX

Quis o destino que eu sucedesse na cadeira de número XXX da Academia Brasileira de Letras, com honra e alegria, porém ao mesmo tempo com tristeza, a Márcio Cotrim. Tristeza por motivos óbvios, ele não está mais conosco. E alegria por ser uma pessoa que se não bastassem as suas inúmeras qualidades literárias e pessoais e que só aumentam a minha responsabilidade como seu sucessor, foi alguém que participou da minha modesta trajetória como escritor de uma forma muito marcante, ou seja, lendo e tecendo comentários preciosos a respeito do meu romance *Homem de Branco em Noite Escura*, publicado há 20 anos, e posteriormente fazendo o prefácio de um outro livro meu, de contos, intitulado *A Volúpia e as Algemas*.

Márcio Cotrim era carioca, torcedor apaixonado do Fluminense, assim como o nosso presidente Fabio Coutinho. Nasceu na Cidade Maravilhosa em 14/03/39, mas era sobretudo um brasiliense de fato e de direito, por tudo que fez pela nossa cidade e sobre ela escreveu nos muitos anos em que aqui viveu, além de ter recebido, com todos os méritos, o título de Cidadão Honorário de Brasília, em 1997, outorgado pela Câmara Legislativa do DF. Foi casado por mais de 50 anos com Eliana Cotrim, artista plástica e escultora de reconhecido talento, tendo tido com ela duas filhas, Flávia e Mônica, que lhes deram cinco netos.

Da mesma forma que o meu patrono, Cotrim era um homem polivalente, exercendo em sua longa e gloriosa vida várias funções, isto é, as de escritor, tradutor, jornalista, bancário, administrador, gestor, empresário, publicitário, e até mesmo a de prefeito! Era formado em Direito, mas não me atrevo a citar aqui advogado como uma de suas qualificações práticas, no que repete Lobato. Se isso significou perda para o mundo jurídico, resultou, por outro lado, em ganhos incomensuráveis para o universo literário e jornalístico, principalmente, e para a sociedade brasiliense de uma maneira geral.

Discorrerei um pouco agora sobre esse perfil tão dinâmico:

Márcio Cotrim trabalhou no Banco do Brasil de 1964 a 1990, sendo que a partir de 1972 em Brasília, inicialmente como assessor de propaganda e promoções na diretoria de Recursos Humanos, até 1977, quanto então passou a fazer o mesmo na presidência do Banco.

Foi secretário de Cultura e Esportes do DF de 1990 a 1991, tendo a se destacar neste período, entre muitas outras realizações, a criação do FAC, o Fundo de Arte e Cultura do DF.

Em 1992, passou a exercer o cargo de diretor de marketing do jornal Correio Brasileiro, até 1996, ocasião em que foi alçado à função de diretor-executivo da Fundação Assis Chateaubriand.

Como empresário, foi proprietário da Arte Capital Comércio e Serviços Ltda; implantou em Brasília prefeituras nas quadras residenciais, tendo sido o primeiro prefeito, na SQS 303, em 1977, iniciativa que vingou e prosperou, tanto que temos hoje mais de cem prefeituras instaladas pela cidade.

No entanto, foi como escritor e jornalista que tivemos o Cotrim mais visível e impactante. Escreveu mais de quinze livros, a maioria de crônicas, gênero em que se especializou com arte e perícia raras, inclusive sendo premiado pela Academia Brasileira de Letras, em 1994, na categoria crônicas e viagens, pelo livro *O Sapato Alto e a Paz Mundial*.

O seu primeiro livro publicado foi *Crônica da Cidade Amada*, em 1985. Outros se seguiram, entre eles *Esquerda, Volver; Uma Iraniana no Calçadão; O Outro Lado do Concreto Amado; O Pulo do Gato*, este um interessante estudo sobre a origem de mais de duzentas palavras e expressões populares, e que gerou mais cinco volumes. Traduziu também diversos autores e publicou incontáveis artigos em revistas e jornais, a se destacar a sua famosa e tradicional coluna Berço da Palavra, no Correio Brasileiro, onde com bom humor traduzia em delicio-

soos textos sentimentos, histórias, hábitos e costumes do cotidiano de Brasília.

Em 1992, se tornou membro titular do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal; em 1993, foi eleito para a Academia de Letras do Brasil, na cadeira de número XXXIV, cujo patrono era o também fanático tricolor Nelson Rodrigues, escritor de sua grande predileção, assim como o era Eça de Queiroz; em 2009, tomou posse na Academia Brasiliense de Letras na cadeira que ora orgulhosamente passo a ocupar, e que antes dele, Cotrim, era ocupada, em mais uma feliz coincidência para mim, pelo saudoso poeta Cassiano Nunes, a quem eu tenho também gratidão e admiração, não só por ter feito a 4ª capa do meu livro de poemas *A Solidão da Carne*, em 1995, como também, no longínquo ano de 1981, ter participado da comissão julgadora que me premiou com o 2º lugar em concurso de poesias promovido pelo Departamento de Letras da Universidade de Brasília, onde ele atuava como professor.

Destaco aqui, por oportuno, a fala do nosso presidente Fabio de Sousa Coutinho a respeito de Márcio Cotrim:

“Ele se orgulhava muito de pertencer à Academia Brasiliense de Letras, e ocupou a sua cadeira com louvor. Era um cronista primoroso, de texto irretocável. Um amigo cordial, elegante e generoso, com uma gargalhada maravilhosa. Um apaixonado pelas palavras, pela cultura, pela família e, não posso deixar de mencionar, pelo Fluminense”.

Márcio Cotrim recebeu também diversas condecorações concedidas pelo governo do

Distrito Federal e outras instituições, a partir de 1980, entre medalhas e ordens do mérito, e está definitivamente inscrito no concreto, na arquitetura e na paisagem urbana de Brasília, que ele tanto amava, dando nome a um prédio erguido pela construtora Paulo Octávio, na SQN 208.

Tinha paixão por Brasília, “a sua cidade bosque”, sempre pensando em como torná-la um lugar cada vez mais agradável de se viver, com ideias brilhantes e inovadoras.

Márcio Cotrim nos deixou recentemente, aos 80 anos.

XXXXX

Esta egrégia Academia, de cujo quadro de integrantes passo a fazer parte hoje de maneira oficial e tão honrosamente, foi fundada em 1968, ano sombrio de nossa história política, de nossa democracia e de nossa cultura, que estava ameaçada então pela espada inclemente da censura, ávida por cortar a tudo e a todos, e esse nascimento em tal ano por si só já sinaliza a vocação maior destinada a ela: a de trincheira da resistência cultural, guardiã inabalável da literatura, da criatividade e do conhecimento, contra a ignorância e a truculência, que estão sempre à espreita na história da humanidade para dar o seu bote traiçoeiro e deletério.

Vivemos, infelizmente, tempos em que ideias retrógradas e obscurantistas ameaçam ter livre curso no nosso país e no mundo de um modo geral, solapando valores sagrados da civilização humana. Temos, pois, na qualidade de escritores e agentes culturais, o dever

de nos contrapor a isso, de estarmos vigilantes e combativos.

Não quero ser somente mais um membro desta Academia. Não quero me servir dela e me bastar na láurea acadêmica obtida. Muito pelo contrário: quero servir a ela. Contribuir para que tenha cada vez mais relevância e representatividade no cenário social, político e cultural de nossa cidade, sempre primando em sua atuação pela independência e autonomia, sem freios inibitórios espúrios e alheios ao bom exercício do ato literário. Estimulado pelo exemplo de Lobato, desejo exercer nesta ilustre casa uma ação intelectual em que o lado social e prático, interativo com a comunidade em que estamos inseridos, não seja negligenciado, buscando ainda mais parcerias, alianças, visibilidade, vinculações e vitalidade.

Como cidadão honorário de Brasília, como médico atuante na cidade há mais de 30 anos, como seu habitante, com algumas pequenas interrupções, há mais de 45 anos, e agora como novo membro desta grei, me sinto ainda com mais responsabilidade social. Portanto, presidente Fabio Coutinho, cuja performance gerencial, sem demérito a seus antecessores, tem sido de um singular brilho e dinamismo, conte comigo para levar cada vez mais esta nobre agremiação cultural para as ruas, uma Academia fora da Academia, fora de sua zona de conforto, e ao mesmo tempo para trazer as ruas ao encontro dela, num salutar processo de vasos comunicantes, de visibilidade e acolhimento bilaterais. E coerente com essa ideia de fortalecimento de sua identidade, ressalto que fiz questão de tomar posse no próprio prédio da Academia, ainda mais que no mesmo endereço funciona também a nossa querida ANE

(Associação Nacional de Escritores), que me tem como associado desde 1993, e que provavelmente deva ser a instituição literária mais antiga da cidade, fundada que foi em 1963.

Espero que o meu sucessor nesta cadeira, no seu discurso de posse, e que este não seja para tão breve, possa dizer de mim que ao menos lutei e tentei contribuir um pouco para fazer desta Academia um lugar ainda maior e mais grandioso do que já é, e que por sua vez a minha passagem por ela tenha apurado “o meu saber, o meu dizer e o meu sentir”, nas palavras do meu patrono.

Sendo assim, só me resta finalizar em tom de celebração:

Viva a Cultura!
 Viva o Conhecimento!
 Viva a Literatura!
 Viva a Academia Brasiliense de Letras!
 Sempre!

Muito obrigado a todos.

Brasília, DF, 5 de dezembro de 2019

DISCURSO DE RECEPÇÃO

ANDERSON BRAGA HORTA

— Médico romancista? engenheiro poeta? — ainda haverá quem estranhe. Parece generalizada a impressão de que o ficcionista e, principalmente, o poeta encarnam tipos em que não cabe a carapuça de literato (por sinal, palavra que, hoje, é talvez mais frequente em bocas escarninhas). Pensar-se-á que o profissional de áreas de conhecimento embasadas antes em ciências ou tecnologias não se dá ao desfrute de escrever poemas ou histórias inventadas, ou não tem jeito para o negócio.

Todos nós que estudamos um pouco nos lembramos de nomes ilustres das letras universais como Rabelais e Conan Doyle, para ficarmos em dois exemplos extremos, mas talvez ainda alguém se espante de saber que foram médicos de profissão. Dentre os brasileiros, fica mais fácil puxar pela memória: um romancista de nossas primícias, o Joaquim Manuel de Macedo, d'A *Moreninha*; o Poeta-Lagartixa, o também romântico Laurindo Rabelo; e Luís Delfino, Afrânio Peixoto, Jorge de Lima, Pedro Nava, Guimarães Rosa — a série seria infinitável. Aqui neste planalto, mesmo, podemos apertar a mão dos doutores Júlio Cezar, poeta, e José Maria Leitão, contista e romancista. Lembrarei ainda um português que andou pela cidade mineira de Leopoldina, Adolfo Correia da Rocha, o celebrado Miguel Torga.

E pressinto que alguém estará prestes a me interperlar sobre os engenheiros calculistas Joa-

quim Cardozo e Samuel Rawet, grandes destaques nacionais na poesia e no conto.

Claro que há uma diferença. Por meio de uma profissão propriamente dita ganhamos a vida; com as letras, coisa de amador, tentamos reinventá-la; porque, bem nos ensinou Cecília,

*Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.*

São poucos os que vivem profissionalmente das letras. Raros também os que, no exercício da profissão, agem como se praticassem uma arte — em termos de empatia com o próximo, por exemplo.

Tirando a última consequência da canção ceciliana, devemos dizer que o ideal é bem visível — na linha do horizonte: viver cada um sua profissão com o espírito de largueza e de amor de quem reinventa a vida; e fazer sua literatura, sua arte, sua poesia com o mais refinado rigor profissional. Bem-aventurado aquele que o consegue!

O menino Valdir de Aquino Ximenes parecia mirar exatamente esse ideal. Precoce leitor (desde os oito anos) de livros e de jornal, consultor assíduo de dicionários, seu lado intelectual cedo se manifestou. E cedo soube que rumos dar à sua vida, como veremos.

Em Brasília há 45 anos, aqui estudou do ginásio à universidade. E foi aqui, no primeiro

científico, aos quinze anos, durante uma aula de OSPB — Organização Social e Política do Brasil, que se revelaram esses rumos:

— Quero ser médico e escritor!

Em medicina se formou no ano de 1986, na Universidade de Brasília. Foi o orador da turma.

Diplomado, restava-lhe escolher uma especialidade. Hesitou, inicialmente, entre a psiquiatria e a cardiologia, mas optou, afinal, por um terceiro caminho: a pediatria, partindo para o Rio de Janeiro, onde fez a residência. De volta a Brasília em 1990, concluída a especialização e após trabalhar durante um ano como pediatra no interior de São Paulo, nas cidades de Mococa e São José do Rio Pardo, inscreveu-se em concurso aberto pela Secretaria de Saúde, sendo aprovado em terceiro lugar. Serviu no Hospital de Planaltina, no Hospital Materno-Infantil de Brasília (HMIB) e no Adolescente. Noutro concurso (em 1991), para o Tribunal Superior do Trabalho, logrou ainda melhor êxito, passando em primeiro lugar. Na Secretaria de Saúde, foi diretor de hospital; no TST, vice-diretor do Serviço Médico por sete anos. Atualmente, dedica-se a uma nova especialidade: unindo as pontas inicial e recente de sua clínica, atende em consultório na área de psiquiatria infantojuvenil.

Cearense de Fortaleza, fez jus ao título de Cidadão Brasiliense, que recebeu em 2009. Autor da iniciativa, assim a justificava o Deputado Wilson Lima: “Valdir Ximenes desenvolve trabalhos de grande repercussão social e merece ser recompensado por isso. Ele é um cidadão modelo.”

Vemos, pois, que, na condição de médico e cidadão, Valdir Ximenes tem cumprido bem o seu propósito de vida.

Vejam agora, a outra face da destinação social que forjou para si mesmo, na atividade que, de certo modo, tem sua culminância aqui e agora, quando com pompa e circunstância é recebido nesta Casa de Escritores.

Nesta cidade, entre os 14 e os 15 anos, escreveu os primeiros poemas, e nela vem publicando sua obra em verso e em prosa. Ainda na UnB, em 1981, soube de um concurso literário promovido pelo Departamento de Letras e resolveu entrar com um poema; surpreendeu-se com a premiação em segundo lugar, com o voto de ninguém menos que o notável poeta e mestre de humanidades intra e extracurriculares Cassiano Nunes. A primeira publicação foi também de poesia, no *Correio Brasiliense*, seguida de colaborações do mesmo gênero no jornal *O Povo*, de Fortaleza. Participa em antologias organizadas por Joanyr de Oliveira, Napoleão Valadares, Ronaldo Cagiano, editora André Quicé; é verbete no *Dicionário de Escritores de Brasília*, de Napoleão Valadares (André Quicé Editor, Brasília, 3.^a ed. 2012); figura em *O Cristal e a Chama*, de Maria da Glória Lima Barbosa (Brasília, 2002), e *História da Literatura Brasiliense*, de Luiz Carlos Guimarães da Costa (Thesaurus, 2005).

Só em 1993, aos 31 anos de idade, já maduro, portanto, publicaria o primeiro livro, de composições poéticas iniciadas aos 16: *O Homem Submerso*. Foi boa a acolhida. Em palavras reproduzidas no próprio volume, saúdam-no poetas como Reynaldo Jardim (“um cântico de angústias veladas ... de quem pretende fazer

de cada poema uma peça literária”), Júlio César (“usa com rara mestria sua pena para capturar o pássaro da beleza”), Menezes y Moraes (“administra bem a sua dualidade existencial, amalgamando a consciência da cidadania à erupção criadora”) e José Hélder de Souza; este, em matéria transcrita do *Correio Braziliense* de 8 de janeiro daquele ano, bem enxergando a hodiernidade do autor, que, ao lado dos temas ditos eternos da poesia universal, cultiva os “do nosso dia a dia, como TV, ônibus, carros, futebol, jornal, novela”, e “faz poesia com os pés no chão, procurando, altaneiramente, comunicar-se com o homem comum seu coetâneo”.

Faço questão de mencionar que não me passou em branco a boa estreia, haja vista o artiguete “Medicina e Poesia” (parcialmente antecipado já na primeira aba de *O Homem Submerso*, e publicado na íntegra em meu *Sob o Signo da Poesia* — Thesaurus, Brasília, 2003), que assim resume “o que vibra, afinal, nessas páginas: a vida, seu sentido e seu sem-sentido”, não se furtando a assinalar, nelas, “um traço de união entre o Poeta e o Pediatra, esta sentinela do limiar da vida”. Dou realce a “Limites da Solidão”, “Tentativa”, “Gênese Poética”, “Geometria Sentimental”, “O Âmago das Palavras”, “Perplexidade” e “Viagem”. Recordo aqui, para amostragem dessas primícias, o lirismo original da “Geometria”:

*Eu que sou apenas tangente
no teu círculo hermético de sentimentos,
queria ser o raio, se possível o diâmetro,
queria conhecer todos os arcos de tua
circunferência*

eu que apenas te tangencio...

Passam-se dois anos e o poeta lança o segundo livro, *A Solidão da Carne*, pela André Quicé. Avulta o prefácio de Danilo Gomes, em que o notável cronista vê refinar-se a técnica poemática do autor e “a sua sensibilidade criadora ante o impacto das dores do mundo — a injustiça, a fome, a solidão, a melancolia, o ofício profissional da medicina social”. Na quarta capa, colho a frase final de Cassiano Nunes, no mínimo também perturbadora: “Há qualquer coisa ‘flores do mal’ nesta obra que me perturba.”

Das profissões, a de médico é talvez a que mais proporciona vivências capazes de dar compacidade a tramas e personagens romanescos. Pela natureza de sua relação com o paciente, é levado a conhecê-lo em seus problemas físicos e em suas configurações morais — em seus dramas de corpo e alma. Torna-se confidente. Não é de estranhar, pois, que, a partir de certo momento, o poeta venha a inflectir para a prosa de ficção. No encerramento do século, vem a público seu primeiro romance, *Homem de Branco em Noite Escura* (7 Letras, Rio de Janeiro, 2000). No prefácio, Alan Viggiano proclama exatamente isto, ser a prática da medicina “um vasto campo para o exercício da literatura”, enfatizando que a narrativa tem por focos essa prática e, paralelamente, “a situação social da população brasileira”. Curioso: ao negar que tanto o autor quanto seus personagens se insiram no “ramo psiquiátrico”, prefigura, paradoxalmente, *contrario sensu* a atual dedicação do Dr. Valdir Ximenes à infantopsiquiatria...

A Volúpia e as Algemas (Thesaurus, Brasília, 2004) reúne contos cuja temática é a sexualidade de idosos. Márcio Cotrim, prestigioso jornalista, cronista, autor de livros como a bem-acolhi-

da série *O Pulo do Gato*, votada especialmente ao estudo de fatos e expressões de nossa língua, pitorescamente o apresenta: “... o autor é médico pediatra. Neste livro, porém — sem ironia — revela-se criativo geriatra. Explora o âmago da alma de criaturas que, apesar da idade, recuperam o interesse pelo sexo e o usufruem com desenvoltura.” Ronaldo Cagiano, na segunda orelha, enfatiza-lhe a “linguagem frontal, sem rodeios e crua como a realidade que permeia a vida dos personagens”. E Moacyr Scliar, médico e romancista, na quarta capa, louva o bem-narrado das histórias, que “despertam de imediato o interesse do leitor (e, em alguns casos, despertarão também certo escândalo)”, concluindo que o autor “tem o estofado do ficcionista e uma veia picaresca!”.

Tenho dito que pode ser mais difícil titular um poema do que escrevê-lo. Substitua-se “poema” por “livro” e o asserto continua correto. Não sei se Valdir terá tido semelhante embaraço a essa altura de sua trajetória livresca: seu quinto livro saiu exatamente com o título... *O Quinto Livro*, subtítulo *Manual de Inclusão e Sobrevivência na Selva Literária Brasileira* (L.G.E., Brasília, 2007); na palavra do “antiprefaciador”, o multipremiado ficcionista Lourenço Cazarré, “um ensaio sobre a rarefeita cena literária da capital brasileira — as muitas peripécias que envolvem o lançamento de um livro na província e o seu final sempre igual: o absoluto silêncio da plateia”. Alan Viggiano, na primeira aba, também dá força ao “desabafo ximeniano”. Falando sobre o aspecto estritamente escritural, diz Danilo Gomes que é “obra de um escritor de talento e garra, escritor que tem estilo”.

Contos da Vida Médica (L.G.E., 2009) traz apreciações de Moacyr Scliar (“Valdir Xime-

nes de fato domina a arte do conto, sabe narrar uma história de maneira a prender a atenção do leitor. Seus diálogos são vívidos, a temática respira autenticidade. O conto ‘Reflexões Escatológicas...’ é pungente e mergulha fundo não apenas na profissão médica, como na própria condição humana”), Danilo Gomes (“livro corajoso, porque aberto às profundezas da sexualidade e a algumas escatologias a céu aberto”) e Caio Porfírio Carneiro, para quem “os contos mais voltados para a angústia e voleios eróticos” mostram que “cada ser humano é um mistério cósmico, inalcançável e passageiro”.

De *Letra Morta, Letra Mortal* (Thesaurus, 2014) diz Ronaldo Cagiano, na primeira aba, ser “a representação da nossa realidade” e “simbólico da precariedade e da pequenez da condição humana”. Para Cristovam Buarque, na substancial apresentação, é “um livro policial, de mistério”, em que ressalta a inovação da técnica narrativa, a par dos aspectos de crítica social e denúncia do estado da saúde pública, bem como “a crise existencial de um médico da rede pública no dia a dia de sua atividade”. Na quarta capa, Nilto Maciel observa que “Valdir Ximenes tem noção do uso das mais diversas artimanhas ficcionais e é sabedor das técnicas de suspense, do mistério, inerentes à chamada literatura policial”; e Alberto Bresciani, que o escritor constrói “a narrativa (ou o drama) com suspense e oportunas reflexões sobre a cena literária contemporânea”.

Sobre esse livro e o anterior, o ilustre jornalista e escritor Manoel Hygino dos Santos publicou substancial artigo no jornal belo-horizontino *Hoje em Dia*, edição de 7 de janeiro de 2015.

E chegamos ao que é (por ora) a culminação da obra literária de Valdir de Aquino Ximenes: o romance *Morte aos 53: Delírio ou Maldição* (Tagore Editora, Brasília, 2019), definido por Lourenço Cazarré, na apresentação, como “o drama de um homem que se sabe à beira da morte, com um prazo marcado”. Pergunta e responde o apresentador: “O que fazer de seus últimos dias? A resposta que encontra é: investigar a morte em todas as suas dimensões físicas, espirituais e filosóficas.” Observa ainda Cazarré que Valdir trouxe “da sua prática literária as suas ferramentas de contador de histórias; e do seu trabalho cotidiano, serviu-se de um bisturi afiado, de corte preciso, cirúrgico, para montar este livro meio romance/meio ensaio”.

Nas orelhas, Eliane Cantanhede comenta: “Ficção ou não-ficção? Nem uma nem outra. Ou melhor, as duas. Aqui, a ficção é o instigante fio condutor de uma abordagem, ao mesmo tempo abrangente e acessível, do tema número um de toda a história do homem na Terra.”

Carlos Ayres Britto ocupa a quarta capa, chamando a atenção para o fato de que Ximenes “domina muito bem o vernáculo e se vale da sua vasta cultura filosófica e familiaridade com as artes para envolver o leitor numa sedutora narrativa que é mescla muito bem equilibrada de ficção e de realidade”, concluindo por exaltar-lhe “a extrema riqueza das metáforas, hipérboles e demais figuras de linguagem”.

Coube-me o prefácio, onde registro:

“Sim, o livro é uma narrativa, com ingredientes hábeis a manter no leitor a voracidade pela página, pela frase seguinte; mas é, sem

embargo, um verdadeiro ensaio sobre a morte, recheado de fatos, de conceitos, de anedotas, de reflexões próprias ou alheias, de citações notáveis pelo erudito ou pelo extenso, de um sem-número de ingredientes interessantes e, se calhar, proveitosos. Leia-o e estará fazendo um cursinho mágico (e às vezes bem-humorado) sobre a questão suprema do homem. E sobre seus acessórios: os procedimentos, os rituais etc., ao longo do espaço e do tempo. Eu, particularmente, saio dele versado como nunca fora capaz de o supor em Tanatologia, carregado de uma bagagem insuspeitada de noções de ortotanásia, eutanásia, direito à vida, cuidados paliativos, pulsões tanatoeróticas... e, sobretudo, repassado de renovadas, profundas, insaciáveis indagações acerca da pobre e misteriosa condição humana.”

O poeta, crítico e tradutor Fernando Py publicou em sua coluna Literatura, na *Tribuna de Petrópolis* de 28 de junho de 2019, sob o título “Morte Programada”, ótima resenha do romance, da qual separamos este trecho:

“... o autor sabe envolver o leitor numa narrativa harmoniosa entre ficção e realidade. Assim, enleia a ficção numa teia em que há sutis mostras de ensaios, espalhadas em quase todas as páginas.”

A coda (também por ora...) fica por conta de Vera Lúcia de Oliveira, com o artigo “Viagem ao Reino de Hades” (*Defato.com*, Mossoró, 18.8.2019, com outro título; *Jornal da ANE*, Brasília, e *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, setembro de 2019):

“... o doutor Valdir se revela um mestre do suspense nesse livro convincente, emocionan-

te, sofrido, de profunda compreensão da dor humana diante da morte. Livro trágico e belo que já é um dos melhores de Brasília. E do ano.”

Valdir de Aquino Ximenes nasceu na capital cearense, em 15 de janeiro de 1962. Mudou-se para Brasília em 1975. Fez os preparatórios no Colégio Marista, antes de ingressar na UnB.

Filho de Eliane, falecida em 2014, e Edivaldo, no viço dos 82 anos. Sobrinho-neto do escritor Leonardo Mota, celebrado folclorista e conferencista, autor de “Cantadores” (1921), “Violeiros do Norte” (1925), “Sertão Alegre” (1928), “No Tempo de Lampião” (1930), “Prosa Vadia” (1932) e “Padaria Espiritual” (1938).

Tem cinco irmãos: Edivaldo, biólogo e professor na UnB, e Eduardo, também biólogo, professor de Biologia Molecular em Indiana, nos Estados Unidos; Marcelo, microempresário na área de telecomunicações; Daniel, sociólogo e gestor público; e Fabiano, engenheiro florestal na Austrália.

Sua sobrinha Ana Beatriz, de 13 anos, filha de Daniel e Júlia, confirma a precocidade e os pendores literários da família com a recentíssima publicação da narrativa *Palavras Embaralhadas*, em miniedição saída este ano, em Brasília.

Divorciado, com dois filhos — Gabriel (21 anos), estudando Administração nos Estados Unidos, e Guilherme (19), cursando Direito no CEUB —, está prestes a se casar novamente, com Alessandra Peixoto, trineta do Marechal de Ferro, Floriano Peixoto.

Ingressa na Academia Brasiliense de Letras na vaga de Márcio Cotrim (Cadeira número XXX — Monteiro Lobato). Lobato, que, para uma autoridade no assunto como o menino que fui, é insuperável na categoria infantojuvenil, e Cotrim, cronista de primeira água (como se costumava dizer em nosso tempo), tiveram seu invejável perfil primorosamente traçado por ele, em sua oração de posse.

A seus parentes, amigos e colegas aqui presentes, o nosso cordial cumprimento. Ao novo acadêmico, nossas calorosas boas-vindas.

QUADRO ACADÊMICO (CADEIRAS E PATRONOS)

Adirson Vasconcelos

Cadeira n.º XII (Vicente de Carvalho)

Afonso Ligório

Cadeira n.º XXI (Rui Barbosa)

Alaor Barbosa

Cadeira n.º XXIX (Hugo
de Carvalho Ramos)

Alberto Bresciani

Cadeira n.º IV (Eduardo Prado)

Anderson Braga Horta

Cadeira n.º XXXIV (Álvares de Azevedo)

Branca Bakaj

Cadeira n.º XXXVIII (Raul de Leoni)

Carlos Ayres Britto

Cadeira n.º XXXII (Mário de Andrade)

Carlos Fernando Mathias de Souza

Cadeira n.º III (João Ribeiro)

Carlos Henrique Cardim

Cadeira n.º XI (Farias Brito)

Dad Squarisi

Cadeira n.º XVII (José de Alencar)

Danilo Gomes

Cadeira n.º VI
(Tomás Antônio Gonzaga)

Edmílson Caminha

Cadeira n.º XXIV (José Veríssimo)

Fabio de Sousa Coutinho

Cadeira n.º XIX (Castro Alves)

Francisco Ferreira de Castro

Cadeira n.º V (Euclides da Cunha)

Gilmar Duarte Rocha

Cadeira n.º XXXI (Graciliano Ramos)

Heitor Martins

Cadeira n.º XXXIX (Martins Fontes)

José Alberto Couto Maciel

Cadeira n.º XXXVI (Joaquim
Manuel de Macedo)

José Carlos Brandi Aleixo

Cadeira n.º IX (Augusto dos Anjos)

João Carlos Taveira

Cadeira n.º XXVI (Cruz e Sousa)

José Jeronymo Rivera

Cadeira n.º XXVIII (Olavo Bilac)

José Sarney

Cadeira n.º XXII (Simões Lopes Neto)

Lucília Garcez

Cadeira n.º XIII (Manuel
Antônio de Almeida)

Luiz Gutemberg

Cadeira n.º VIII (José Lins do Rego)

Marco Maciel

Cadeira n.º XX (Sílvio Romero)

Marcos Vinícios Vilaça

Cadeira n.º I (Alberto Torres)

Marcus Vinicius Furtado Coêlho

Cadeira n.º XXXV (Coelho Neto)

Margarida Patriota

Cadeira n.º XXXVII (Raimundo Correia)

Max TelescaCadeira n.º II (Antônio de
Alcântara Machado)**Napoleão Valadares**

Cadeira n.º XIV (Artur Azevedo)

Paulo Castelo Branco

Cadeira n.º XVI (Gonçalves Dias)

Raymundo Damasceno Assis, Dom

Cadeira n.º XXXIII (Jorge de Lima)

Roberto Rosas

Cadeira n.º X (Da Costa e Silva)

Ronaldo Costa Couto

Cadeira n.º XXVII (Raul Pompeia)

Ronaldo Costa Fernandes

Cadeira n.º XVIII (Cláudio Manuel da Costa)

Rossini Corrêa

Cadeira n.º VII (Joaquim Nabuco)

Tania Rebelo Costa Serra

Cadeira n.º XXV (Graça Aranha)

Thiago Aguiar de Pádua

Cadeira n.º XXIII (Aluísio Azevedo)

Valdir de Aquino Ximenes

Cadeira n.º XXX (Monteiro Lobato)

Vamireh Chacon

Cadeira n.º XV (Machado de Assis)

Victor Alegria

Cadeira n.º XL (Afonso Arinos)

